



Programa de Pós-graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal de Minas Gerais

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**A CONSTITUIÇÃO DE UMA LEITORA EM DECOLONIALIDADE: MENSAGENS  
SOBRE A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS DE  
MATEMÁTICA NO BRASIL**

**LUANA OLIVEIRA LIMA**

**BELO HORIZONTE - MG**

**2022**

**LUANA OLIVEIRA LIMA**

**A CONSTITUIÇÃO DE UMA LEITORA EM DECOLONIALIDADE: MENSAGENS  
SOBRE A PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE LIVROS PARADIDÁTICOS DE  
MATEMÁTICA NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG).

Linha de Pesquisa: Educação Matemática

Orientador: Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes

**BELO HORIZONTE – MG**

**2022**

L732c  
T

Lima, Luana Oliveira, 1995-  
A constituição de uma leitora em decolonialidade [manuscrito] : mensagens sobre a produção e a circulação de livros paradidáticos de Matemática no Brasil / Luana Oliveira Lima. -- Belo Horizonte, 2022.  
173 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.  
Orientador: Filipe Santos Fernandes.  
Bibliografia: f. 144-152.  
Apêndices: f. 153-173.

1. Educação -- Teses. 2. Matemática -- Estudo e ensino -- Meios auxiliares -  
- Teses. 3. Matemática -- Estudo e ensino (Ensino fundamental) -- Teses.  
4. Decolonialidade -- Aspectos educacionais -- Teses. 5. Matemática -- Livros --  
Avaliação -- Teses. 6. Matemática -- Livros e Leitura -- Avaliação -- Teses.  
7. Matemática -- Livros -- Leitura crítica -- Teses. 8. Matemática -- Livros --  
Decolonialidade -- Aspectos educacionais -- Teses. 9. Leitores -- Reação crítica --  
Teses. 10. Livros e leitura para educadores -- Teses.  
I. Título. II. Fernandes, Filipe Santos, 1988-. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 119



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**A constituição de uma leitora em decolonialidade: mensagens sobre a produção e a circulação de livros paradidáticos de matemática no Brasil**

**LUANA OLIVEIRA LIMA**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 10 de agosto de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Filipe Santos Fernandes - Orientador  
UFMG  
Prof(a). Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca  
UFMG  
Prof(a). Andreia Dalcin  
Prof(a). Luzia Aparecida de Souza  
UFMS

Belo Horizonte, 16 de novembro de 2022.

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fátima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 17/11/2022, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1901620** e o código CRC **E3E4862C**.

**Às mais de 6.380.676 vidas (registradas) perdidas no mundo e às mais de 676.486 vidas (registradas) perdidas o Brasil durante a pandemia da Covid-19. Em especial, aos meus tios, parentes e amigos próximos que se foram.**

**(Dados coletados no site Google News, em 22 de julho de 2022.)**

**À minha família, Flávia, Jackson, Aline, Beatriz, Susi e Meg, pela união e companheirismo.**

## AGRADECIMENTOS

Se há algo que a pandemia deixou mais forte em minha formação humana, é que devo agradecer por tudo, começando pelo ato de respirar. Assim, inicio agradecendo a Deus, ou a essa força maior que rege nossa vida, dependendo da crença de quem lê estas palavras. É a saúde, física e mental (e, algumas vezes, a falta dela), que me permitiu vencer cada desafio enfrentando durante esta escrita.

Chegar ao final desta etapa ao lado de minha família, é motivo de uma infinita gratidão. Minha mãe, Flávia, um exemplo e inspiração para minha vida pessoal e acadêmica, meu pai, Jackson, um companheiro e palhaço nas horas vagas, minha irmã, Aline, que não mede esforços para ajudar quando preciso, Susi e Meg, meus refúgios de amor e carinho. Vocês são minha fortaleza, pessoas pelas quais me esforço para ser motivo de orgulho.

Ao longo de minha vida acadêmica, muitas e muitos contribuíram para que eu pudesse chegar ao mestrado: Renata Moreira, Ana Paula Canavarro, Maria Cristina Ferreira, Wagner Corradi, Ana Carolina Almeida, Maria Zélia Versiani, Mônica Dayrell, Vanessa Neves e todas as professoras e professores que ajudaram a escrever a minha e, conseqüentemente, esta história. Agradeço a vocês por cada ensinamento e inspiração.

Pelo mestrado, realizado na Linha de Educação de Educação Matemática, agradeço, em primeiro lugar, às professoras Maria da Conceição Fonseca, carinhosamente conhecida como Cão, e Flávia Grossi! Não consigo imaginar uma caminhada na pós-graduação mais bonita do que a que vocês me incentivaram a trilhar.

À bela e corajosa escrita, agradeço ao meu orientador, Professor Filipe Fernandes. Filipe, gratidão por acreditar e confiar em meu trabalho e sonho de pesquisa! Você é exemplo e eu espero, um dia, ter um pouco da sua sabedoria para estimular a criatividade e a liberdade às minhas futuras e aos meus futuros estudantes.

Por cada risada e choro durante a pesquisa, agradeço à Gleice e ao Rafael! Nossas reuniões, que duravam horas, entre conversas sobre nossas pesquisas e nossas vidas, fizeram-me mais

forte. Gratidão à Mariana, Ellen e Paulo, também companheiras e companheiro de orientação em anos pandêmicos.

À professora Ana Maria de Oliveira Galvão, agradeço por me inspirar como pessoa e pesquisadora, por contribuir com meu rigor metodológico e estar junto nos momentos mais difíceis que enfrentamos durante a pandemia. Seu acolhimento foi essencial para eu ter forças e chegar ao fim desta caminhada!

Gratidão às professoras da linha de pesquisa Educação Matemática, Samira Zaidan, Jussara Loiola, Vanessa Tomaz, Carolina Tamayo-Osorio, e às minhas e aos meus colegas de pesquisa, Juliano, Roselene, Raquel, Fernando, Rodrigo, Gildelson, Danielle, Paula, Gabriel Malta e todas as outras pessoas que estiveram e estarão fazendo parte dessa linda linha. Aos membros do grupo de pesquisa inSURgir, por contribuírem com leituras e reflexões para a minha pesquisa e minha formação humana.

Às amigas e aos amigos do Conselho Discente do Programa de Pós-graduação em Educação, agradeço, em especial, à Iara, Fernanda, Danielle, Paola, Ana Carolina e Neilton. Cada conhecimento compartilhado ajudou a me tornar uma melhor estudante da pós-graduação e a aumentar minhas experiências acadêmicas.

Às amigas Heyla, Mariana e Lorraine, agradeço por me proporcionarem momentos de boas risadas, alívios necessários em tempos tão nebulosos de isolamento, por me abraçarem (virtualmente) em cada sofrimento, por se manterem ao meu lado, mesmo quando eu, por vezes, fiquei ausente. E ao amigo Mehrez que, por suas experiências no mestrado, mostrou-me a importância de não deixar tudo para a última hora.

Gratidão à Professora Andreia Dalcin, por ter sido minha primeira referência para este trabalho, por aceitar ser a parecerista e parte da banca de defesa. Agradeço também a todas as professoras e professores que contribuíram com reflexões para esta escrita no Encontro Nacional de Estudantes de Educação Matemática (Ebrapem) 2020, no Seminário Nacional de História da Matemática (SNHM) 2021 e no Encontro Mineiro de Educação Matemática (Emem) 2021.

À Capes, agradeço pelo financiamento a esta pesquisa. Sem ele, ela não seria possível. Quisera eu que todos, ou muito mais pessoas, pudessem contar com seu apoio.

E, por último, agradeço a você, que está lendo esta dissertação, fruto de muitas leituras e muitas inquietações. Obrigada por ajudar a mantê-la viva!



*As histórias importam. Muitas histórias importam.  
As histórias foram usadas para espoliar e  
caluniar, mas também podem ser usadas para  
empoderar e humanizar.*

*Chimamanda Ngozi Adiche*

*Que histórias (matemáticas) contamos?*

## (Carta) Resumo

Cara leitora e caro leitor,

Você já imaginou os desafios de se fazer pesquisa durante uma pandemia? E os obstáculos físicos e mentais de ler um texto ou, ainda, um livro? E, ainda, digo, ler assumindo uma postura decolonial, buscando uma outra forma de análise que não seja extraíndo informações. A princípio, a palavra desafio pode parecer ruim, cercada por adversidades, mas também pode indicar abertura a novas possibilidades.

Nesta dissertação, você encontrará a busca por caminhos para encarar os desafios de ler decolonialmente livros paradidáticos de matemática destinados à Educação Básica e a minha constituição como pesquisadora durante a pandemia da Covid-19. Posso dizer que, entre todos os objetivos, o principal é a minha constituição como leitora, assumindo uma postura decolonial em meio a um cenário pandêmico.

Para atingir este objetivo, serão vários os percursos, incluindo uma carta (adaptada do prefácio de um livro) que motivará pesquisas que tornarão evidentes as relações de colonialidade sobre os saberes das e dos estudantes brasileiros, com um controle sobre a produção e a circulação dos livros em nosso país, incluindo a criação de categorias diversas, como os livros paradidáticos. Em seguida, esses livros serão discutidos e apresentados como uma estratégia de resistência a visões coloniais da matemática, por meio do incentivo à criatividade e a reflexão crítica, com a criação de outras histórias e outros personagens para apresentar outras matemáticas. Quanto à metodologia escolhida, muitas possibilidades serão apresentadas. Lembro: a metodologia se faz no percurso, com a pesquisa, então, será sempre possível encontrá-la.

Querida leitora e querido leitor, você verá que a escrita foi realizada a muitas mãos, em polifonia. Como valorizo a participação das/os leitoras/es no texto, convido-a e convido-o a interagir, acessando o site que faz parte desta escrita, os livros e vídeos que ajudaram, e ainda ajudam, a me constituir como leitora. Espero que, assim como eu, você seja convidada/o a pensar: que histórias (matemáticas) você conta?

Se precisar buscar por palavras-chave, sugiro que use: Formação de uma leitora; Livros paradidáticos de Matemática; Mercado editorial brasileiro; Leitura decolonial.

Boa leitura!

Luana Lima.

## Abstract (Letter)

Dear reader,

Have you ever imagined the challenges of doing research during a pandemic? And the physical and mental obstacles of reading a text or even a book? And, still, I say, reading assuming a decolonial posture, looking for another form of analysis that is not extracting information. At first, the word challenge may seem bad, surrounded by adversity, but it can also indicate openness to new possibilities.

In this Master's Thesis, you will find the search for ways to face the challenges of decolonially reading paradidactic mathematics books intended for Basic Education and my constitution as a researcher during the Covid-19 pandemic. I can say that, among all the objectives, the main is my construction as a reader, assuming a decolonial stance in the midst of a pandemic scenario.

To achieve this objective, there will be several paths, including a letter (adapted from a book's preface) that will motivate research that will make evident the coloniality relations on the knowledge of Brazilian students, with a control over the production and circulation of books in our country, including the creation of different categories, such as paradidactic books. Then, these books will be discussed and presented as a strategy of resistance to colonial visions of mathematics, by encouraging creativity and critical reflection, with the creation of other stories and other characters to present other mathematics. As for the chosen methodology, many possibilities will be presented. I remind you: the methodology is done on the way, with research, so it will always be possible to find it.

Dear reader, you will see that writing was done by many hands, in polyphony. As I value the participation of readers in the text, I invite you to interact, accessing the website that is part of this writing, the books and videos that helped, and still help, to constitute me as a reader. I hope that, like me, you are invited to think: what (mathematic) stories do you tell?

If you need to search for keywords, I suggest you use: Formation of a reading. Mathematic paradidactic books; Brazilian publishing market; Decolonial reading.

Good reading!

Luana Lima.

## Lista de figuras

Figura 1: Carta do Lauro ao Jorge, página 1. ....	48
Figura 2: Carta do Lauro ao Jorge, página 2. ....	49
Figura 3: Carta do Lauro ao Jorge, página 3. ....	50
Figura 4: Títulos editados no mercado editorial brasileiro (1990 a 2015).....	81
Figura 5: Exemplares editados no mercado editorial brasileiro (1990 a 2015).....	81
Figura 6: As mil e uma equações.....	99
Figura 7: Aventura decimal.....	99
Figura 8: Como encontrar a medida certa.....	100
Figura 9: Em busca das coordenadas.....	100
Figura 10: Encontros de primeiro grau.....	101
Figura 11: Frações sem mistérios.....	101
Figura 12: Geometria na Amazônia.....	102
Figura 13: História de sinais.....	102
Figura 14: Medir é comparar.....	103
Figura 15: O código polinômio.....	103
Figura 16: O que fazer primeiro?.....	104
Figura 17: O segredo dos números.....	104
Figura 18: Saída pelo triângulo.....	105
Figura 19: Uma proporção ecológica.....	105
Figura 20: Uma raiz diferente.....	106
Figura 21: Seres em <i>As mil e uma equações</i> .....	122
Figura 22: Seres em <i>Aventura decimal</i> .....	122
Figura 23: Seres em <i>Como encontrar a medida certa</i> .....	122
Figura 24: Seres em <i>Em busca das coordenadas</i> .....	122
Figura 25: Seres em <i>Encontros de primeiro grau</i> .....	123
Figura 26: Seres em <i>Frações sem mistérios</i> .....	123
Figura 27: Seres em <i>Geometria na Amazônia</i> .....	123
Figura 28: Seres em <i>História de sinais</i> .....	123
Figura 29: Seres em <i>Medir é comparar</i> .....	124
Figura 30: Seres em <i>O código polinômio</i> .....	124
Figura 31: Seres em <i>O que fazer primeiro?</i> .....	124

Figura 32: Seres em <i>O segredo dos números</i> .....	124
Figura 33: Seres em <i>Saída pelo triângulo</i> .....	125
Figura 34: Seres em <i>Uma proporção ecológica</i> .....	125
Figura 35: Seres em <i>Uma raiz diferente</i> .....	125
Figura 36: O segredo dos números: Eu não gosto de Matemática! .....	127
Figura 37: O segredo dos números: aprender com a natureza. ....	128
Figura 38: O segredo dos números: a cidade, a natureza e o conhecimento .....	128
Figura 39: O segredo dos números: o ano novo da natureza .....	130
Figura 40: O segredo dos números: o ano novo japonês .....	131
Figura 41: O segredo dos números: o ano novo dos indígenas, indianos e europeus .....	131
Figura 42: O segredo dos números: o ano novo dos egípcios e babilônicos .....	131
Figura 43: <i>Ceropegia Sandersonni</i> ou Paraquedas .....	165
Figura 44: <i>Corypha umbraculifera</i> ou palmeira talipot .....	167
Figura 45: <i>Commelina erecta</i> ou erva-de-santa-luzia .....	168
Figura 46: <i>Rumex acetosella</i> ou azedinha .....	168
Figura 48: <i>Phalaenopsis</i> ou orquídea borboleta .....	169
Figura 49: <i>Oncidium Sharry Baby</i> ou orquídea chocolate .....	169
Figura 50: <i>Rhododendron simsii</i> ou Azaleia .....	170
Figura 51: <i>Viola tricolor</i> ou amor-perfeito .....	171

## Lista de abreviaturas

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COLTED	Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático
FaE	Faculdade de Educação
FALE	Faculdade de Letras
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
M/C	Modernidade/Colonialidade
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNLD Literário	Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário
SBD	Sociedade Brasileira de Dermatologia
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USAID	<i>United States Agency for International Development</i>

## Sumário

Bem-vindas e bem-vindos! .....	17
1. Sobre o mestrado .....	20
1.1. A mudança de tema .....	21
1.2. Calma! Tudo a seu tempo .....	23
1.3. Primeiros passos .....	24
2. Apresentação da pesquisa .....	25
2.1. Um pouco sobre a Profa. Ana da Conceição .....	28
2.2. A falta da biblioteca .....	30
3. Impossibilidade de participação na pesquisa .....	31
3.1. Sobre a saída da Profa. Ana .....	32
4. Pesquisas sobre livros paradidáticos .....	33
4.1. Pesquisas sobre livros paradidáticos (vírus) .....	46
5. Retomada da pesquisa .....	47
6. A colonialidade na educação brasileira .....	51
6.1. Categorias como armadilhas .....	58
7. Perspectivas sobre as posturas (de)coloniais, geopolítica do conhecimento e a diferença colonial em paradidáticos (de Matemática) .....	62
7.1. Alguns esclarecimentos .....	69
7.2. Retorno sobre a (de)colonialidade .....	70
8. Uma breve história (crítica) dos livros paradidáticos de Matemática no Brasil .....	71
8.1 Mercado de livros paradidáticos (de Matemática): algumas reflexões entre o passado e o presente .....	80
9. Literaturizando os paradidáticos (de Matemática): da análise conceitual à constituição do conteúdo .....	86
9.1. A nova onda e outra pausa .....	94
10. A escolha dos objetos de pesquisa .....	95
10.1. Altere a coleção pesquisada .....	108
11. O sumiço da pesquisadora .....	109
12. Sobre a escolha da coleção <i>A Descoberta da Matemática</i> .....	110
12.1. A conformação da coleção escolhida .....	113
13. A busca pela metodologia da pesquisa .....	114

13.1. O processo de pesquisa .....	119
14. Angústias de um ler (de)colonial .....	120
15. Seres e saberes matemáticos em <i>O segredo dos números</i> .....	121
16. Uma possível conclusão .....	135
17. O fim da pesquisa .....	139
18. O inconformável fim .....	140
19. Isto não é uma dissertação .....	141
20. Isto é uma dissertação .....	142
Referências .....	144
Apêndice I: Caderno de anotações da dissertação .....	153
Apêndice II: Carta do Lauro ao Jorge .....	161
Apêndice III: O jardim da dissertação .....	165
<i>Ceropegia Sandersonni</i> ou paraquedas .....	165
<i>Corypha umbraculifera</i> ou palmeira talipot .....	167
Erva daninha .....	168
<i>Orchidaceae</i> ou Orquídea .....	169
<i>Rhododendron simsii</i> ou azaleia .....	170
<i>Viola tricolor</i> ou amor-perfeito .....	171
Apêndice IV: Carta de uma mãe .....	172



Bem-vindas e bem-vindos!

10 ago. 2022 - 14:00

---

De: Luana Oliveira Lima <luanaol.ufmg@gmail.com>

Para: Leitoras e leitores desta dissertação <vcleitor\_a@gmail.com>

---

Prezadas e prezados leitores,

Esta apresentação pode parecer um pouco estranha, mas peço que tenham calma e persistam na leitura. Afinal, neste espaço, uma leitura e uma leitora têm papel fundamental.

Paulo Freire diz que a leitura das palavras é precedida pela leitura de mundo. Que leituras de mundo temos quando pensamos na leitura de uma dissertação? Se você for uma pessoa muito ligada às convenções, poderá pensar desde já que, “com certeza”, isto não é uma dissertação. Mas, calma. Como diz a Dona Êda, amiga de um amigo, o Rafael, “quem não tem paciência, não vê pedra florar”.

Sigamos!

Nas próximas páginas, serão encontrados vários e-mails compartilhados durante a escrita desta dissertação. Eu, Luana, e meu orientador, Filipe, optamos por apresentar a discussão do jeito que ela foi realizada para que, assim, vocês possam acompanhar e participar do seu desenvolvimento.

Sobre o que vamos falar? Sobre leitura, claro! Mas sobre leituras em aulas de matemática na Educação Básica.

Não será, porém, sobre qualquer leitura em aulas de matemática. Será sobre leituras em livros que podem ser utilizados em aulas de matemática. Que livros seriam esses? Não os velhos, e novos, conhecidos como didáticos, mas os antigos paradidáticos.

Por que discutir algo antigo? O que é antigo não deve ficar no passado?

A partir de uma postura decolonial, consideramos que o passado influencia nosso presente. Além disso, os livros de que vamos falar, da coleção *A Descoberta da Matemática*, podem até ter sido escritos na década de 1980, mas continuam sendo recomendados em livros didáticos de Matemática que circulam por nossas escolas de Ensino Fundamental no Brasil, aprovados pelo PNLD 2020, como se fossem atuais, embora também sejam. Vamos discutir isso também.

Vocês podem estar se perguntando: Por que você escolheu esses livros? Apesar de licenciada em Matemática pela UFMG, sou uma amante da literatura, e os livros escolhidos têm uma abordagem literária. Isso também será discutido.

Outras perguntas que vocês podem se fazer: E o que você vai olhar nesses livros? Vai fazer mais uma análise se eles são bons ou não para serem usados ou vai revelar alguma pesquisa sobre a quantidade de professores que usam esses livros?

Nas páginas referentes aos livros, serão apresentadas possibilidades de leituras a partir de uma postura que questionará a perspectiva de matemática que é abordada. Confesso que pretendia olhar quem são as e os personagens dos livros, apresentar quem os escreveu e ilustrou, mas nem tudo foi possível até o final do mestrado. Espero que, no futuro, essas escritas sejam possíveis.

Está claro o que vai ser falado. Mas, por que em formato de e-mail? Esta dissertação foi escrita durante a pandemia da Covid-19. O contato com as pessoas foi reduzido a distâncias resumidas em telas, de computadores, de smartphones ou de tablets. Como gênero típico deste momento, principalmente em comunicações institucionais como as de uma universidade, é leal esta reprodução de como se fazer pesquisa durante uma pandemia.

A pandemia intensificou os contatos por e-mails e redes sociais. Evidenciou que nós, seres humanos, podemos viver sem valorizar bens materiais e precisamos apreciar a

arte nas suas mais diferentes formas, com as músicas, os livros, as peças de teatro. Além disso, deixou mais claro o que pode estimular a sensibilidade para olhar a natureza, com os ventos, as flores e as folhas, e sentir o prazer em coisas essenciais à vida.

Para que estejam mais próximas e próximos desta dissertação, vocês serão convidadas e convidados a interagir com toda a escrita pelo conteúdo disponível no endereço virtual: <https://sites.google.com/view/inspiracoes-matematicas>. Mas, não tenha pressa. Aguarde o texto para saber como caminhar pelo site.

Espero que as próximas páginas inspirem novas formas de ler livros em e sobre matemática.

Dica: entre na loja de aplicativos do seu *smarthphone* e baixe um leitor de *QR Code*. Ele tornará sua leitura mais dinâmica.

Qualquer dúvida, entre em contato comigo pelo endereço no topo deste e-mail.

Desejo uma boa leitura.

Cordialmente,

Luana Lima.

I. Sobre o mestrado

22 nov. 2019 – 03:03

---

De: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Ei, Luana.

Como você está? Espero que animada com o início do Mestrado!

Confesso que tive uma grata e uma real surpresa durante a sua entrevista no Processo Seletivo. A grata foi ter em nossa Linha de Pesquisa uma estudante tão articulada, que traz vivências que não se restringem à Matemática, mas que perpassam a Literatura. A real foi perceber que essa Literatura, tão presente em sua trajetória, não estava materializada no projeto de pesquisa que apresentou na seleção.

É claro que você tem a liberdade de desenvolver qualquer projeto. Penso e sinto, porém, que você pode se aventurar em seus interesses “mais sinceros” e não se restringir ao que apresentou na seleção. Quando te perguntaram sobre que você não abriria mão em seu projeto, na entrevista, você nos disse, sem hesitar: “narrativas!”.

Tenho me aproximado dos estudos decoloniais, em uma perspectiva de autores latino-americanos. Sinceramente, mais do “estudo” ou “perspectiva”, tenho a decolonialidade, hoje, como uma postura, uma posição, um projeto, uma proposição ou uma edificação de nós mesmos. Essa postura tem me permitido questões e revisões no campo da Educação Matemática e acho que o diálogo entre “Literatura” e “Matemática” pode ter espaço no bojo dessas discussões, afinal, que seriam a Literatura e a Matemática senão uma grande narrativa do somos, do que não somos, do que deixamos de ser, do que buscamos deixar de ser, do que poderíamos ser, do que nunca seremos ou do que pretendemos ser? Vejo nessa pergunta uma força, especialmente quando esse diálogo é pensado na escola.

Fica, assim, um convite para conversarmos sobre isso... Conte-me o que acha e seja muito bem-vinda.

Um abraço,

Filipe.

1.1. A mudança de tema

29 nov. 2019 - 19:19

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

---

Ei, Filipe. Estou bem e você?

Muito obrigada pela recepção. Fiquei muito feliz com a aprovação e espero que possamos desenvolver um excelente trabalho juntos.

Compreendo que o projeto possa mudar no mestrado e gostaria de fazer isso com o meu tema. Há um tempo tenho tentado conectar a Literatura, a Matemática e os materiais didáticos e não havia pensado por esse lado da decolonialidade.

Em julho desse ano (2019), durante o curso que você e o Prof. Dr. Victor Giraldo ofertaram na FaE, realizei algumas anotações e, retornando a elas, encontrei algumas ideias, como "A colonização da Matemática: percepções matemáticas em livros literários" e "Modos de representação da(s) matemática(s) nos livros de literatura". Também, no trabalho que escrevi com a Prof.<sup>a</sup> Ana Paula Canavarro, sobre livros de Matemática para o Pré-Escolar, notamos uma presença considerável de lenga-lengas, poemas, cujas abordagens poderiam ser pesquisadas. Contudo, são só alguns exemplos para ajudar a pensar.

Tenho algumas dúvidas para começar as leituras de outros trabalhos e redesenhar o projeto:

- Você aconselha que eu pesquise por essas palavras-chave nos bancos do IBICT, do portal de periódicos da Capes e da Scielo? Há algum outro em português que você usa?

- Tem algum banco de pesquisa internacional (tipo SCOPUS ou ERIC) que sugere? Digo isso pois já fiz uma busca prévia em outras ocasiões e é um pouco difícil encontrar trabalhos que unam essas áreas.

- Preciso conhecer mais sobre decolonialidade. Você pode me indicar alguns textos?

Aguardo ansiosamente o seu retorno.

Abraço,

Luana.

I.2. Calma! Tudo a seu tempo

20 fev. 2020 – 16:16

---

De: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Ei, Luana,

Fico muito feliz que tenha sinalizado positivamente à minha proposta, mas não fique aflita a ponto de começar leituras de outros trabalhos para reformular o projeto. Tudo a seu tempo... Metodologia se constrói no caminho.

Confesso que, apesar de propor um novo caminho para o seu projeto, não tenho muitas leituras sobre literatura ou seu vínculo com a matemática. Fiquei pensando sobre o que escreveu e me lembrei que, recentemente, conheci uma professora que pode nos ajudar. O nome dela é Ana da Conceição. Nos conhecemos na FaE, em uma reunião, e conversamos por algum tempo sobre literatura e matemática. Sei que ela tem formação em matemática, mas hoje trabalha com reflexões ligadas à produção editorial e literária.

O que acha de convidá-la para uma conversa? Ela se mostrou muito acessível!

Um abraço,

Filipe.

## 1.3. Primeiros passos

25 fev. 2020 - 02:02

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>  
Para: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

---

Ei, Filipe!

Minha ansiedade para começar os trabalhos foram bem grandes... Considerando que as aulas acabaram de começar, a revisão de literatura já está praticamente pronta. Desculpa a empolgação “excessiva”.

Considero que todo processo de pesquisa e escrita exigem uma grande responsabilidade e compromisso tanto para o campo quanto para a sociedade. Por isso, já comecei a ler as publicações sobre os possíveis elos entre Literatura e Matemática, dois assuntos que me são tão caros, com ênfase na Educação Básica.

Acho que posso conversar com a Professora Ana. Você pode me enviar o e-mail que, em breve, entrarei em contato com ela.

Abraço,

Luana.



## 2. Apresentação da pesquisa

12 mar. 2020 – 21:21

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Cara Profa. Ana, como está?

Meu nome é Luana e sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Estou realizando uma pesquisa de mestrado sob a orientação do Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes, na linha de pesquisa em Educação Matemática, e, segundo ele, a senhora poderá me ajudar. Para que possa me conhecer um pouco, vou lhe contar algumas coisas sobre mim e sobre como cheguei à pesquisa.

Desde criança, os livros me encantam. Mais especificamente, o mundo que eles trazem em seu interior e todas as suas potencialidades para o mundo exterior. Meu “sonho de criança” era ter uma biblioteca e ir à Paris. Inclusive, minha primeira compra em uma feira de livros foram dicionários em que as palavras transitam entre o Português e o Francês. A história também é algo que me fascina. E os números... Ah, excelentes professoras de Matemática acompanharam minha trajetória na Educação Básica. Elas mostraram que a matemática é muito mais do que fazer contas. A criticidade e a reflexão sempre deviam acompanhar os números, as formas geométricas, as medições...

Em 2014, entrei no curso de Licenciatura em Matemática na UFMG. Na mesma época, minha mãe cursava Pedagogia, também na UFMG, e eu a acompanhava em eventos e disciplinas. O seu Trabalho de Conclusão de Curso foi sobre a mediação de leitura literária na primeira infância e, enquanto ela fazia disciplinas sobre o tema, eu também estava presente. Às vezes, eu me sentia uma “estranha no ninho”: era a caloura da Matemática que estava sempre com um livro literário na mão e na FaE. Com essas experiências, algumas perguntas caminhavam comigo: “De que modo seria possível estudar relações entre Matemática e Literatura?”; “As histórias dos

livros literários são marcadas por composições matemáticas que fazem parte do dia a dia das personagens, mas, de que modo eu poderia estudar isso no ambiente acadêmico?” e, ainda, “Como eu poderia me tornar pesquisadora concentrando os estudos em histórias contadas na escola e em aulas de Matemática?”.

Perguntas como essas me levaram a participar, em 2015, a convite de minha mãe, do Tertúlia Literária<sup>1</sup>, um projeto coordenado, entre outras, pela Profa. Dra. Maria Zélia Versiani Machado, na FaE/UFMG. O projeto tinha como objetivo reunir leitores para compartilhar experiências de leituras literárias e, no segundo semestre daquele ano, o tema foi Literatura e Ciências. A ideia era que, a cada mês, professoras e professores de diferentes ciências indicassem livros literários para dialogar com suas áreas.

Na área de Matemática, o projeto contou com a participação da Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, carinhosamente conhecida como Ção, que mediu o debate sobre o livro *O Cavaleiro Inexistente*, de Ítalo Calvino. O Prof. Dr. Jacques Fux também participou em um dos encontros e mediu a leitura do livro *A Vida Modo de Usar*, de Georges Perec, pesquisado durante o seu doutorado em Literatura Comparada da Faculdade de Letras (FALE), da UFMG, e que resultou no livro *Literatura e Matemática*, em 2011, pela Editora Perspectiva. Ao conhecer a professora Ção, pude perceber que seria possível estudar o que eu desejava, e o professor Fux me ajudou a ver possibilidades da Matemática nas estruturas das obras, algo que tem efeito a cada livro que leio.

O desejo de iniciar os estudos nessa área não passou, mas outros caminhos me levaram a trabalhar com materiais didáticos e a realizar uma pesquisa com os egressos do Curso de Licenciatura em Matemática a distância da UFMG. Este trabalho, realizado no Instituto de Ciências Exatas (Icex) da UFMG, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Costa Ferreira, deu origem ao meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação e a pesquisa tinha uma proposta de continuação que estava no projeto aprovado no processo seletivo do Mestrado.

Cerca de um mês após o resultado da seleção, meu orientador propôs que estudássemos livros didáticos ou paradidáticos, uma vez que ele observou em meu currículo acadêmico<sup>2</sup> que eu tenho experiência em trabalhos com elaboração e revisão de materiais didáticos. Além disso, o Prof. Filipe também notou que eu faço parte da *Jane Austen Sociedade do Brasil*<sup>3</sup> e que tenho interesse por literatura. Com isso, ele propôs que analisássemos esses materiais a partir de uma perspectiva decolonial, que é a que ele tem trabalho no momento. Entre sentimentos de alegria e um pouco de apreensão, aceitei logo a proposta.

Considerando meu desejo em trabalhar de algum modo com a Literatura, escolhi os livros paradidáticos de Matemática. Entre pesquisas com estudos anteriores sobre os livros paradidáticos, e-mails, conversas no WhatsApp e uma reunião de orientação, surgiu o problema geral para dar início à pesquisa: *Como a colonialidade está presente nos livros paradidáticos destinados ao ensino de Matemática na Educação Básica?*

Isso é um pouquinho da pesquisa. A senhora poderia nos ajudar?

Cordialmente,

Luana.

## 2.1. Um pouco sobre a Profa. Ana da Conceição

18 mar. 2020 – 21:21

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Cara Luana,

o Filipe, seu orientador, entrou em contato comigo no início do ano falando sobre as ideias que tinha para você. Ele também me encaminhou o e-mail em que propõe que eu a auxilie em sua dissertação. A partir de seu contato, fico satisfeita em conhecer um pouco sobre você e sua pesquisa.

Como você se apresentou, vou contar algo sobre mim também.

Eu entrei na universidade em 1980, cursei a graduação em Matemática e me formei em 1983. A pesquisa era algo que eu já tinha interesse desde a graduação, mas considerei importante parar um pouco e conhecer o “chão da escola”. A partir dessas vivências, voltei para a universidade e realizei o mestrado entre os anos de 1992 e 1994, com atividades de leitura e escrita em aulas de Matemática nos anos finais do Ensino Fundamental.

Logo em seguida, passei em um concurso para dar aulas no nível superior e deixei meu doutorado para depois. Comecei a me dedicar à formação de professores em cursos de licenciatura em Matemática e em atividades de extensão para professores e estudantes da Educação Básica.

Entre os anos de 2004 e 2008, cursei o doutorado e a pesquisa abordou a produção de literaturas para aulas de Matemática por estudantes do Ensino Médio – talvez por isso a lembrança do Filipe, que sei ser fascinado por esse cenário da literatura para jovens. A ideia era que estudantes do Ensino Médio produzissem textos literários que auxiliassem estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental a compreenderem diferentes “manifestações matemáticas” – desculpe, mas não me vem outra expressão agora. A pesquisa foi realizada no interior do estado, em

uma escola pequena da rede estadual, e o projeto contou com a mobilização de toda a comunidade escolar. Para mim, foi muito divertido e de grande aprendizado.

Atualmente, tenho me dedicado às pesquisas nas áreas de formação de professores, história da Educação Matemática, Literatura e Matemática. De acordo com minhas áreas de interesse, acredito que poderei contribuir com a pesquisa que você e o Filipe estão propondo.

Considero necessário que, antes de iniciarmos a escrita de seu trabalho, você realize uma revisão de literatura com todas as pesquisas que já foram realizadas com livros paradidáticos e paradidáticos de Matemática. Essa revisão, penso eu, não seria uma busca de lacunas sobre um tema, mas a procura por amigos. Há algo de fascinante na amizade! Acredito, ainda, que o número de pesquisas não será muito expressivo, pois praticamente não temos visto mais esses livros nas escolas ou ouvido pelas práticas de professores. Inclusive, fiquei surpresa quando li que vocês irão pesquisar sobre o assunto. Grata surpresa, confesso! O passado permanece em nós e entre nós...

Acrescento, Luana, que, como você deve estar acompanhando, estamos passando por um momento difícil, de ataques constantes ao conhecimento, ao debate, à democracia e, particularmente, à Universidade. Ao que parece, a situação da pandemia do coronavírus está se agravando no Brasil e peço que me dê um tempinho para colocar todas as minhas tarefas em ordem aqui em casa, de modo a poder ajudá-la com maior proximidade.

Fique bem e se cuide.

Ana da Conceição

2.2. A falta da biblioteca

21 mar. 2020 - 03:43

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana! Como está?

Gostei muito de conhecer um pouquinho da sua história.

Fique à vontade para colocar suas tarefas em dia. Enquanto isso, eu continuarei com os passos da pesquisa aqui em casa. O isolamento social já começou por aqui.

Recentemente, uma ex-professora de minha mãe, a Profa. Mônica Dayrell, a quem sempre serei grata, doou grande parte da sua biblioteca pessoal para nós, com diversas obras do campo da educação. Assim, tenho material suficiente para não deixar os estudos parados. Não acredito que ela consiga dimensionar o quanto seu presente tem sido valioso. Ademais, com a Universidade fechada, tenho certeza de que a biblioteca será o que mais fará falta no início do mestrado.

Cuide-se também.

Luana

## 3. Impossibilidade de participação na pesquisa

09 maio 2020 – 01:45

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>  
Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>; Filipe Fernandes  
<filipesfernandes@gmail.com>

---

Luana e Filipe,

espero que vocês e seus familiares estejam bem.

Luana, desculpe não responder o seu último e-mail.

Infelizmente, as coisas não estão bem por aqui. Com o avanço da pandemia, vários familiares e amigos estão adoecendo e/ou falecendo e não tenho conseguido me concentrar em trabalhos acadêmicos que não sejam aqueles que preciso me dedicar por obrigação. Nesses quase dois meses desde a nossa última conversa, o aumento de tristezas acompanhou a queda do ânimo e da segurança da vida.

No momento, não tenho condições de ajudá-los com a pesquisa. Peço que vocês se cuidem e não desistam do trabalho. E não se esqueçam de respeitar seus limites psicológicos e acadêmicos.

Fiquem bem.

Ana

3.1. Sobre a saída da Profa. Ana

10 maio 2020 – 12:12

---

De: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Oi, Luana.

Você viu o e-mail da professora Ana? Senti um peso tão grande na mensagem dela... Não sei, mas parece que o e-mail carrega muito do que estamos vivendo. Ausências, distâncias, medos, angústias, perdas, tudo materializado no desinteresse por essa vida que insiste em seguir, que não nos dá trégua para sentir a dor de nosso tempo. A pandemia tem sido realmente cruel, com tudo e com todos, e precisamos desacelerar...

Vamos fazer assim: espere um tempo e retorne o e-mail para a Ana. Também vou escrever para ela, nem tanto para falar da sua pesquisa, mas para desejar força e conforto neste momento tão difícil.

Cuide-se também, ok?

Um abraço,

Filipe.



## 4. Pesquisas sobre livros paradidáticos

20 jun. 2020 – 17:17

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana! Como está?

Espero que esteja tudo bem com a senhora e sua família, na medida do possível.

Peço desculpas por enviar este e-mail, apesar de ter dito que não poderia mais nos ajudar com a pesquisa. Tenho a expectativa de que a situação de sua família e amigos tenha melhorado um pouco nesses quase dois meses desde o nosso último contato. Por aqui, também não está nada fácil.

Gostaria de compartilhar com a senhora um pouco do avanço da pesquisa e espero que possa reconsiderar sua participação. Sei que ajudará a melhor qualificar o trabalho.

Ao longo dos meses que se passaram, até mesmo como forma de ocupar o tempo e desanuviar os pensamentos, envolvi meu pai na pesquisa. Juntos realizamos a revisão de literatura. Como aconselhado pela senhora, e necessário em escritas científicas, é preciso conhecer trabalhos sobre o assunto que desejamos pesquisar para, então, delimitarmos nosso tema. Concordo com Désirré Motta-Roth e Graciela Hendges (2010) quando destacam que é nosso dever “utilizar, reconhecer e dar crédito à criação intelectual de outras(os) autoras(es); em uma questão básica de ética acadêmica e de consciência sobre o grau de ineditismo da nossa pesquisa” (p. 90). Assim, papai e eu buscamos produções sobre o tema do mestrado que nos ajudassem a configurar o objeto deste trabalho.

No primeiro semestre de 2020, nós acessamos o banco de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), disponível em [bdtd.ibict.br](http://bdtd.ibict.br). Digitando as palavras-chaves “paradidático” e “matemática”, sem a

utilização dos filtros de pesquisa, foram localizados trinta e dois trabalhos, sendo trinta dissertações e duas teses. Entre esses trabalhos, quinze tratam especificamente sobre livros paradidáticos de matemática. Essa pesquisa também foi realizada no banco de dados da *Scielo* e do *Portal de Periódicos da Capes* e não foram localizados trabalhos diferentes.

Sobre os resultados encontrados, é possível perceber que os estudos sobre livros paradidáticos de Matemática propõem, em geral, conexões interdisciplinares entre a Matemática e outras áreas do conhecimento escolar, principalmente com a Física e/ou a Química (SOUZA JUNIOR, 2018; ARAUJO, 2018; GENUÍNO, 2018; MEDINA, 2017; BARCELOS, 2017; PASCOAL, 2016; OLIVEIRA, 2014; BENETI, 2008; HOLANDA, 2017; PEREIRA, 2016). Os autores destes trabalhos procuram formas de abordar os temas por meio de problematizações, de modo a despertar a atenção e a curiosidade das e dos estudantes, além de possibilitar um espaço de diálogo e construção coletiva de conhecimento na sala de aula. Camila Natal (2018), ao realizar reflexões teóricas sobre materiais de divulgação científica como os paradidáticos, considera-os importantes para uma educação científica atualizada, contextualizada e significativa em superação ao ensino tradicional de ciências.

No que concerne aos paradidáticos de matemática, sem relações diretas com outros campos do conhecimento escolar, as pesquisas apontam a sua utilização no estudo de temas específicos. Entre esses temas, estão a Educação Financeira nos anos iniciais (OLIVEIRA, 2017) e finais (SANTOS, 2017) do Ensino Fundamental e Estatística nos anos finais do Ensino Fundamental (MEGID, 2002). Além disso, foram localizados trabalhos que se dedicaram à produção de paradidáticos por pesquisadores e professores para o estudo de geometria, por meio de fotografias, em uma escola do campo (FRANTZ, 2015), de transformações geométricas (RODRIGUES, 2012) e de Probabilidade (CIABOTTI, 2016) nos anos finais do Ensino Fundamental.

A produção de livros paradidáticos por estudantes também é objeto de investigação de algumas pesquisas, como a reescrita da teoria matemática (SANTOS JUNIOR,

2011), o uso de textos literários que tratam da História da Matemática, como motivação para investigações matemáticas (PARREIRA, 2017) e a presença, por meio de análise e classificação, da matemática em livros de leitura para a Educação Infantil (ARNOLD, 2016). Acredito que os trabalhos de produção de escritas sobre a matemática contribuem para uma melhor compreensão dos temas propostos e permitem que histórias, a partir de diferentes vivências, sejam contadas, como a da produção do livro de fotografias sobre geometria na escola do campo, ou sejam acrescentadas novas perspectivas sobre a teoria da matemática a partir da visão das e dos estudantes.

Outras pesquisas sobre os paradidáticos de Matemática consideram os livros utilizados em cursos de formação continuada para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental (PINHO, 2013; SOUZA, 2012; MONTEZUMA, 2010), suas potencialidades como obras complementares do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e no desenvolvimento de habilidades de leitura para a aprendizagem de conteúdos matemáticos nos anos iniciais do Ensino Fundamental (NORONHA, 2012). Lucas Feliciano (2008) ao pesquisar a opinião de professores sobre o uso de materiais que permitam ensinar Matemática utilizando a História da Matemática, considera que deve haver uma formação que envolva múltiplos esforços, como a formação inicial e continuada ofertadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) e materiais pedagógicos que orientem um trabalho de qualidade.

Essas pesquisas permitem perceber a atenção dada ao desenvolvimento das habilidades leitoras e matemáticas para as crianças. A análise da matemática em livros de leitura para a Educação Infantil e de suas potencialidades em obras aprovadas no PNLD para os anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como os cursos de formação continuada para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, possibilitam refletir sobre a relevância desses materiais para as crianças e as pesquisas.

Os trabalhos apresentados têm me provocado questionamentos sobre o espaço ocupado pelos livros paradidáticos de Matemática para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Eles não estão presentes nas práticas de professoras e professores dessas etapas de ensino ou essas etapas não têm sido local de pesquisas? Acredito que devo pesquisar mais sobre isso.

O estudo de Andreia Dalcin (2002) foi o primeiro encontrado que propõe a caracterização e análise de livros paradidáticos de Matemática. Os livros escolhidos para esta pesquisa, ao contrário dos anteriores, quando escritos, foram destinados aos anos finais do Ensino Fundamental. Essa análise buscou caracterizar as obras quanto à forma de abordagem do conteúdo matemático e aspectos ligados à articulação entre o texto escrito, a simbologia matemática e as imagens.

Para a Profa. Andreia, as abordagens dos livros estão impregnadas por concepções e não deixam de manifestar crenças, valores éticos e morais, tornando necessário “um cuidado na leitura das histórias, textos e atividades, sempre levando em conta a época em que foram escritos e quem os escreveu” (DALCIN, 2002, p. 210). Desse modo, a partir das leituras deste trabalho, considero que podem ser encontrados aspectos de pensamentos coloniais presentes em nossa cultura no material escolhido para ser pesquisado.

As pesquisas localizadas me ajudaram a identificar a relevância dos livros paradidáticos como materiais complementares ao aprendizado, não só de Matemática, como de outras áreas do conhecimento. A forma com que a informação é disponibilizada e veiculada nesses materiais pode contribuir com a divulgação científica e permitir o aprofundamento de estudos em diferentes áreas do conhecimento.

A criação de livros paradidáticos, seja por professores ou estudantes, contribuem para o desenvolvimento de múltiplas habilidades, como a criatividade, a pesquisa, a reflexão crítica, o trabalho em equipe, a resolução de problemas e a administração do

tempo para a realização de tarefas. É preciso considerar, com maior ênfase, que a escrita de um livro demanda uma reflexão crítica do que se escreve e para quem se escreve. Como destacado na pesquisa da Profa. Andreia Dalcin (2002), os textos carregam marcas e podemos pensar: “que marcas carregam os textos de matemática”?

Quando tratamos de textos, em uma perspectiva ampla, as marcas podem ser de tantos sentidos, como das épocas, das autoras e dos autores, das editoras, das leitoras e dos leitores e da sociedade em que vivemos, temporais, sociais, políticos, econômicos e ideológicos. Essa sociedade, construída como colônia, principalmente a partir do século XVI, e ainda marcada por elementos desse tempo, repercute em suas histórias aspectos de pensamentos coloniais, mesmo que, por vezes, disfarçados e invisibilizados.

Pesquisas realizadas nos mesmos bancos já citados, mas utilizando as palavras-chaves “paradidático de matemática” e “colonialidade”, sem a utilização de filtros de pesquisas, retornaram uma dissertação de mestrado que se aproximou do tema pesquisado. Neste trabalho, Gerda Eichholz (2015), ao discutir sobre as aprendizagens sobre a Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008), que inclui a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos escolares, em uma experiência intercultural durante a realização dos XII Jogos dos Povos Indígenas, ressaltou a importância de serem publicados materiais “didático, paradidático e pedagógico referente à cultura indígena” (p. 99).

Após diferentes tentativas e ampliações dos bancos de pesquisa, como a inclusão do buscador Google, outros trabalhos foram encontrados. Para isso, foram utilizadas algumas variações até se chegar a “colonialidade” e “didático”, como opção ampla de “material didático”, “livro didático” e “paradidático”. As pesquisas sobre colonialidade discutem, principalmente, as colonialidades do poder, do saber e do ser, por meio de problematizações da pretensa universalidade Ocidental europeia. Elas questionam as invisibilizações de outras formas de conhecimentos e de ser, apresentando outras possibilidades. Essas discussões estão centradas, principalmente,

nas representações dos povos indígenas (DEBONA, 2019; JESUS, 2019), dos povos africanos (ULHOA, 2018), das populações do campo (OLIVEIRA, 2017) e das mulheres (SILVA, 2018).

Rosana Oliveira (2017) discute sobre a necessidade de descolonização dos livros didáticos aprovados no PNLD da educação no campo. A partir de sua análise, a autora indica a colonialidade do saber e o estilo politicamente correto como acontecimentos centrais nos livros. Para a pesquisadora, esses aspectos contribuem para a redução da imagem da população do campo e a descolonização do pensamento é fundamental como resistência e re-existência de seus saberes e modos de vida.

Jackson Debona (2019), ao analisar as formas de representação dos povos indígenas em livros didáticos aprovados no PNLD, triênio de 2011, percebeu que a história dos povos indígenas não é contada a partir de suas perspectivas, mas do colonizador europeu. O autor também assinala o fato de que os livros didáticos passam por muitas mãos, que modelam os conteúdos para o que é aceitável no mercado de consumo. De acordo com ele, “a indústria capitalista pulveriza a escrita da história e, marcando presença na demanda colonialista de saberes, naturaliza a degradante inferiorização do outro” (DEBONA, 2019, p. 252).

As pesquisas apresentadas contribuem em aspectos dos estudos coloniais que considero necessários, como o reconhecimento das consequências da colonização, estabelecendo diferenças como superiores ou inferiores, melhores ou piores. Essas diferenças marcam a subalternização de diferentes grupos na sociedade capitalista, patriarcal e eua-eurocêntrica em que vivemos. Elas estão presentes em diferentes âmbitos da sociedade, incluindo os livros didáticos e outros materiais, como os livros paradidáticos, de modo que esses objetos podem ser questionados a partir da colonialidade e trabalhados em prol de um questionamento das diferenças coloniais que levem, de algum modo, a uma descolonização, ou decolonização. A esse processo, incluo a matemática, que tende a ser contada a partir de uma perspectiva

européia, como se fosse única desde sempre. Como nos alerta Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em seu *TED Talk*, as histórias únicas são perigosas.

O *TED Talk*, *O perigo de uma história única*,  
pode ser acessado pelo QR Code:



Um questionamento que não pude deixar de realizar durante a minha revisão de literatura nas pesquisas sobre os estudos decoloniais é a utilização de métodos de produção e análise de dados já estabelecidos pela comunidade de pesquisadores dominante, como as análises documentais, as observações, as etnografias, as análises de conteúdo e do discurso. Se a pesquisa é realizada a partir de questionamentos sobre a colonialidade, é possível usar métodos não coloniais, ou decoloniais? Quais seriam mais adequados? É possível escolher métodos coloniais e não ser colonial? Quais estratégias podem ser usadas? Tenho pesquisado por aqui e ainda não encontrei nada sobre isso. Mas, com certeza, continuarei procurando! Afinal, a metodologia de pesquisa me encanta, justamente por suas múltiplas possibilidades.

As pesquisas encontradas durante esta revisão ampliaram minha perspectiva sobre o papel e a presença dos livros paradidáticos, principalmente àqueles destinados ao ensino de Matemática na Educação Básica. A perspectiva (de)colonial, ao tratar sobre as relações de colonialidade que estão presentes em nossa sociedade, contribui com alternativas para as discussões sobre os paradidáticos, ajudando a questionar os modos como as colonialidades estão presentes nesses materiais. Assim, uma pesquisa unindo os paradidáticos de Matemática a partir de uma postura decolonial pode trazer outras formas de olhar para esses livros e contribuir com a comunidade científica uma vez que não foram identificados trabalhos como este.

Para as editoras de materiais didáticos e para as equipes que tornam possível a produção desses materiais, a pesquisa que está sendo realizada pode sugerir novas formas de olhar para materiais futuros. Além disso, ela pode permitir conhecer outras formas de contar histórias, que pensem em diferentes matemáticas, em diferentes sujeitos, que despertem visões para além daquelas possibilitadas por visões coloniais. Com isso, professoras e professores de Matemática poderão pensar em quais histórias e matemáticas querem contar e continuar contando no futuro e refletir sobre os seus papéis como profissionais da Educação.

De modo pessoal, como professora de Matemática e amante das áreas de Língua, Linguísticas e Literaturas, que se viu surpresa com o espanto e boa receptividade de estudantes quando levei paradidáticos para a sala de aula, este trabalho se apresenta como uma oportunidade de reflexão sobre as obras que leio e trabalho. Novas ideias de futuras escritas, sejam pesquisas ou literárias, podem surgir, atentas a visões outras, a narrativas outras, a matemáticas outras e a personagens outros. Uma observação mais responsiva e respeitável aos processos que envolvem todas as formações humanas.

Profa. Ana, após a atualização sobre a revisão de literatura e a apresentação de algumas justificativas para a realização desta pesquisa, algumas novidades:

1) Mamãe e eu estamos realizando um curso juntas! Ele começou em maio deste ano e terminará no próximo mês. É uma disciplina que se chama *Introdução aos Estudos Literários e Teorias da Narrativa*<sup>1</sup> e está sendo ministrada pelo Prof. Ms. Rafael Guimarães Silva, a partir do *Projeto de Apoio Pedagógico da Faculdade de Letras da UFMG*. O material de leitura, as videoaulas, as atividades e os compartilhamentos com colegas do curso e com o professor, realizadas pelo canal no *YouTube*, estão contribuindo para ampliar nossas noções sobre autores, leitores, livros e mundos;



2) Não sei se o Prof. Filipe comentou com a senhora, mas estamos participando de um grupo de pesquisas, o *inSURgir*. Atualmente, estamos lendo o livro *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*, do Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos. Essas discussões apoiadas em textos indicados na bibliografia da disciplina *Perspectivas anticoloniais em diálogos com a Educação*, que está interrompida devido à pandemia, têm me permitido conhecer as perspectivas anticoloniais e decoloniais. Espero que as aulas possam voltar em breve!

Abraço e fique bem!

Luana.

Ps.: Caso a senhora queira conhecer as pesquisas que mencionei ao longo deste e-mail, incluo as referências a seguir.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single history. *TED Global*, julho de 2009, 18:33. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt). Acesso em: 15 abr. 2020.

ARAÚJO, Elson Fernando Damaso de. *Construção de uma ferramenta didática na perspectiva histórica experimental de Biot e Savart*. 2018. 54 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

ARNOLD, Denise Soares. *Matemáticas presentes em livros de leitura: possibilidades para a Educação Infantil*. 2016. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BARCELOS, Sandro Fernandes. *Uma abordagem histórico-conceitual da mecânica quântica aplicada na disciplina de química para o ensino médio*. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de

dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 20 mai. 2020.

BENETI, Alysson Cristiano. *Textos paradidáticos e o ensino de física: uma análise das ações do professor no âmbito da sala de aula*. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2008.

CIABOTTI, Valéria. *Elaboração de livro paradidático para o Ensino de Probabilidade: o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental*. 2016. 168 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

DALCIN, Andreia. *Um olhar sobre o paradidático de matemática*. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

DEBONA, Jackson James. Discussões sobre subalternidade e colonialidade em livro didático de história: povos indígenas em foco. *Perspectivas em diálogo*, Niviraí, v. 6, n. 11, p. 233-254, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/7065>. Acesso em: 12 mar. 2020.

EICHHOLZ, Gerda Langmantel. *Aprendizagens da lei 11.645/08 na experiência intercultural dos XII Jogos dos Povos Indígenas em Cuiabá-MT*. 2015. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015.

FELICIANO, Lucas Factor. *O uso da história da matemática em sala de aula: o que pensam alguns professores do ensino básico*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2008.

FRANTZ, Débora de Sales Fontoura. *Potencialidades da fotografia para o ensino de geometria e proporção em uma escola do campo*. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Matemática) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GENUINO, Luiz Carlos Carneiro. *Estudo histórico do princípio da luz: criação de uma cartilha para divulgação científica sobre a natureza dos fenômenos luminosos que opuseram Fermat & Descartes*. 2018. 68 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

HOLANDA, Rodrigo Prazeres de. *Uma proposta de transposição didática da mecânica quântica para o ensino médio*. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

JESUS, Yasmin Lima de. *Potencialidades e desafios ao ensino de ensino de ciências em uma escola indígena kurâ-bakairi a partir da pesca com o timbó: perspectivas intercultural e decolonial*. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

MEDINA, Renato Rodrigues. *Reforçando a relação entre a matemática e a física no ensino médio através de exemplos básicos de mecânica clássica*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

MEGID, Maria Auxiliadora Bueno Andrade. *Professores e alunos construindo saberes e significados em um projeto de estatística para a 6ª série: estudo de duas experiências em escolas pública e particular*. 2002. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

MONTEZUMA, Luci Fátima. *Saberes mobilizados por um grupo de professoras diante do desafio de integrar a Literatura infantojuvenil e a Matemática*. 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NATAL, Camila Binhardi. *Divulgação científica, educação e história das ciências: possíveis relações*. 2018. 139 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino, História, Filosofia das Ciências e Matemática) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2018.

NORONHA, Glaucianny Amorim. *Obras complementares: um elo entre a leitura e os conteúdos matemáticos*. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

OLIVEIRA, Anaelize dos Anjos. *Educação Financeira nos anos iniciais do ensino fundamental: como tem ocorrido na sala de aula?* 2017. 160 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

OLIVEIRA, Rilavia Almeida de. *Explorando episódios históricos no ensino de física: o calor como radiação em fins do século XVIII*. 2014. 98f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros da educação do campo. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, p. 11-33, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rLND4pxQxJRrMpHTmvcV38H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2020.

PARREIRA, Debora Souza. *Uma proposta de uso da história da matemática como recurso didático no ensino de áreas*. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

PASCOAL, Alexandre dos Santos. *A evolução histórica da Máquina Térmica de Carnot como proposta para o ensino da Segunda Lei da Termodinâmica*. 2016. 140 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

PEREIRA, Itervaldo. *Elementos de eletrodinâmica associados aos aspectos gerais do Lago Paranoá*. 2016. 66 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino de Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PINHO, Patrícia Moura. *Numeramentalização: olhares sobre os usos dos números e dos seus registros em jogos de práticas escolares na contemporaneidade*. 2013. 198 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RODRIGUES, Camila Roberta Ferrão. *Potencialidades e possibilidades do ensino das transformações geométricas no Ensino Fundamental*. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SANTOS, Josivaldo Augusto dos. *Matemática comercial e financeira no Ensino Fundamental II*. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SANTOS JUNIOR, Ney Trevas. *A influência das histórias em quadrinhos no ensino da matemática: um saberfazer que permite a comunhão do paradidático com o didático numa busca insólita pela mudança da relação tecida entre a criança e esta ciência exata*. 2011. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Camila Ferreira da. *As marcas da memória hegemônica e da memória vivida nas imagens da mulher negra nos didáticos do território campestre do Brasil e da Colômbia: um olhar através dos estudos pós-coloniais e do feminismo negro latino-americano*. 2018. 253 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SOUZA, Ana Paula Gestoso de. *Contribuições da ACIEPE histórias infantis e matemática na perspectiva de egressas do curso de pedagogia*. 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SOUZA JÚNIOR, João Feliciano de. *Um material paradidático em formato digital para problematizar ideias sobre variações locais da temperatura superficial da Terra ao longo do dia*. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

ULHOA, Clarissa Adjuto. *A cultura material no ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana: por uma pedagogia decolonial*. 2018. 239 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

4.1. Pesquisas sobre livros paradidáticos

25 jun. 2020 – 14:14

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>  
Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Cara Luana,

por aqui nada está bem. Infelizmente, as piores notícias só têm aumentado de fluxo. Estamos nos piores meses da pandemia em nosso estado e eu, realmente, não tenho co

Estou com  
pesquisas, c  
nosso sítio. C  
com Covid. F

Imagino o q  
quanto está  
possível. Peç  
você neste r

Espero que e

Boa sorte com a pesquisa.

Ana.



uar com as  
a família em  
ei que estava  
o ciência do  
ja a melhor  
continuar com

## 5. Retomada da pesquisa

07 jul. 2020 – 22:22

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Querida Luana,

em meu último e-mail, contei que precisaria me retirar da pesquisa. Confesso que essa era minha intenção. Todas as aflições pandêmicas, somadas ao seu e-mail gigantesco que, confesso, tive dificuldades em finalizar a leitura, deixaram-me desanimada. Contudo, agora à noite, minha mãe e eu estávamos mexendo em umas coisas de meu falecido pai, relembrando o passado nesses tempos nostálgicos e sombrios, e encontrei uma carta<sup>1</sup> que você deveria dar uma olhada.

As fotos estão ao final desta mensagem, porque esse negócio de mandar anexo e precisar baixar para o computador é algo que não me agrada. Considero que enche a memória sem necessidade.

Não repara se a resolução não estiver muito boa, pois a carta é antiga e minhas fotos não ficaram muito nítidas. Qualquer dificuldade na leitura, é só me perguntar que tento reescrever o trecho no corpo do e-mail.

Ana.

A versão editada da carta pode ser lida em melhor resolução. Para isso, acesse o QR Code.



Está sem internet? Encontre a página sugerida no Apêndice II.

Figura 1: Carta do Lauro ao Jorge, página 1.

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1968.

Amigo Jorge,

Lembro-me de nossas recentes participações em movimentos juvenis contra a Reforma Universitária, que nos têm sido imposta de forma tão feroz nesses tempos ditatoriais. Escrevo esta carta, para contar-lhe dos ditinos atos exotéricos que tive conhecimento e que honrosamente fui convidado a escrever o prefácio de um novo livro, o "BEABÁ DOS MEC-USAID", do deputado Márcio Moreira Alves.

Os norte-americanos não têm medidas para suas ações "ultrassecretas", ao estilo dos filmes do James Bond, que tanto têm lançado, provavelmente seqüelados pela "Guerra Fria". Não sei em que nível de profundidade chegou ao seu conhecimento, mas, em meados de 1965, uma série de acordos sobre a educação brasileira começou a ser firmada com instituições dos Estados Unidos, que fazem parte da Agência Nacional Norte-Americana Para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Essas informações, parte delas para ser mais exato, tornaram-se conhecidas ao final do ano de 1966. O planejamento educacional brasileiro em sigilo de seu próprio povo. Quanta gravidade escondida...

As decisões sobre o ensino no País deslocaram-se do Ministério da Educação e Cultura, no Palácio da Educação, para a sede das comissões americano-brasileiras, cujo endereço também é "ultrassecreto". A política nacional continua a subordinar a estratégia do País aos interesses "do mundo ocidental", hoje tão diversificado. Mais um sintoma de nossa colonização. Anos colonizados por Portugal, agora colonizados pelos norte-americanos, que carregam as marcas das guerras, com seus armamentos e lógicas de confronto, disseminando-as pelo mundo...

A padronização dos armamentos e do treinamento militar pode levar, numa lógica brutal, à padronização dos sistemas escolares para que a cultura do ocidente possa ser programada, ciberneticamente, para a utilização de um único computador eletrônico... Nossa



Figura 2: Carta do Lauro ao Jorge, página 2.

interpretação, facilmente compreendemos que a escolha de "comissões de planejamento" esteja no mesmo nível político de escolha de "missões militares" e que a uniformização dos livros didáticos, pela Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), seja equivalente à padronização continental de armamentos bélicos. Como já dizia Orwell, em 1984, "O GRANDE IRMÃO ESTÁ OBSERVANDO VOCÊ".

A uniformização dos livros didáticos está acompanhada de um grande incentivo à produção editorial. A COLTED tem como objetivo colocar no mercado estudantil brasileiro 51 milhões de livros em três anos. É lógico que, com tantos acordos para melhorar nosso ensino, os norte-americanos não poderiam deixar de nos oferecer livros. O que faremos com tantos livros? Pode ficar tranquilo. Eles também criarão bibliotecas para guardá-los.

As editoras, cada vez em maior número, deverão publicar mais e mais títulos para vender ao MEC. Entre livros didáticos e técnicos, provavelmente aparecerão novas categorizações. Quem sabe o que vão inventar... Já ouvi falar de um tal de paradidático. Como os didáticos, eles também deverão vir acompanhados de manuais de orientações para uso de professores e coordenadores, porque, afinal, nossos amigos estadunidenses não podem deixar de nos indicar como usar os livros que estão nos dando.

Tenho esperança que nossa longa tradição pedagógica e grandes teóricos de educação, que têm capacidade de rivalizar com os melhores estrangeiros, saiam vitoriosos. Nos países recém-colonizados da África a situação deve ser muito mais chocante, uma vez que não existem elites locais nem tradição pedagógica. Percebemos que o sistema brasileiro tem conseguido assimilar a orientação alienígena e conservar a "côr local", apesar da formação técnica ser feita com exclusiva bibliografia estrangeira. O problema de educação no Brasil não é de falta de planos, mas sim a falta de uma política de educação agressiva.

Figura 3: Carta do Lauro ao Jorge, página 3.

Lógico que entendo que seria ingênua xenofobia recusar modelos internacionais. Deveríamos mesmo manter "espias" em todos os países desenvolvidos para nos fornecer informações sobre o que se faz nos centros mais adiantados. Mas, no caso norte-americano, o problema é específico. A tão decantada descentralização que foi transplantada para o Brasil através da lei de DBEN está em vias de ser superada pela cada vez mais incisiva intervenção de Washington na economia das universidades e no planejamento global da educação do país. Lá também se digladiam Dr. Jekyll e Mr. Hyde, e parece que nos coube a pior parte...

O grande problema dos países subdesenvolvidos é o de queimar etapas. Por que adotar um sistema obsoleto, que está a ponto de ser substituído no país que o oferece aos povos subdesenvolvidos? No âmbito dos convênios (segundo se deduz dos estudos das assessorias), o que se deseja implantar no sistema educacional brasileiro é a privatização, a melhor forma de desacelerar o desenvolvimento. Está implícito no espírito dos convênios que o Brasil deve adotar agora a política educacional que os EUA adotaram em 1930, filosofia deduzida da premissa de que são irreversíveis as etapas de desenvolvimento e impossível queimar etapas. Quanto à desnacionalização implícita nos acordos... Devemos confiar que o patriotismo do magistério estará à altura de enfrentá-la.

Recomendo que tenha o livro que estou escrevendo o prefácio em mãos assim que possível para que possamos iniciar nossas discussões. Os acordos que foram possíveis de serem localizados estão no interior da discussão. Como se sabe, muita coisa de perdeu. Não há nada melhor para deixar de controlar a informação do que a sua descentralização dos poderes.

Lutemos,

Lauro Lima.

6. A colonialidade na educação brasileira

09 jul. 2020 – 09:09

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

Não consegui ler o e-mail em que a senhora diz querer se retirar da pesquisa. Um vírus invadiu aqui, apagou tudo e não consegui ler mais nada! Mas agora tudo já está voltando a caminhar.

Agradeço por compartilhar comigo a carta que seu pai recebeu. Gostei muito do seu conteúdo e, logo após terminar a leitura, consegui encontrar o livro que o Lauro se refere. Ele está disponível em domínio público e, caso queira lê-lo, basta acessar o link:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod\\_resource/content/2/BEAB%20DO%20MEC-USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod_resource/content/2/BEAB%20DO%20MEC-USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf).

É possível ler o livro *Beabá dos MEC-USAID* acessando o QR Code.



Enquanto lia a carta, o primeiro ponto que despertou minha atenção foi a relação estabelecida entre a nossa colonização pelos portugueses e pelos estadunidenses. Denominarei às cidadãs e aos cidadãos dos Estados Unidos da América (USA) de estadunidenses, pois compreendo que chamá-los de norte-americanos engloba mais nacionalidades do que as que queremos nos referir. Considero um equívoco, assim

como chamá-los de americanos. Mas é necessário compreender que isso é algo que foi implantado em nossa cultura diante da quantidade de mercadorias e conteúdos diversos que consumimos, deixando que tais situações passem, por vezes, despercebidas. Mas não é algo que devemos nos acostumar e, sim, pesquisar e mudar. Como bem assinala Quijano (2007), é uma confusão a apropriação do nome América pelos Estados Unidos, uma vez que este substantivo correspondia, inicialmente, aos territórios dominados pelos povos ibéricos e que abarcavam “desde a Terra do Fogo [arquipélago ao sul da América do Sul] até mais ou menos a metade do atual território dos Estados Unidos” (p. 93, tradução minha)<sup>1</sup>.

Para começar a abordar a interferência dos EUA na educação brasileira, penso ser necessário retornarmos a 1961, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 4.024/61 (BRASIL, 1961). Essa lei previa uma especial relevância ao ensino de Língua Portuguesa em todas as etapas de ensino<sup>2</sup> e, no colegial, uma atenção também aos aspectos históricos, linguísticos e literários em todas as disciplinas. Andreia Dalcin (2002) indica que aspectos como esses incentivaram a “introdução de textos literários no currículo escolar” (p. 20) e, de acordo com Fernando Paixão (1996), em uma tentativa de simplificar “o currículo, banira[m] a padronização do ensino, acabara[m] com os velhos manuais e abriu[m] espaço para um novo conceito de livro didático, mais adaptado à realidade brasileira” (p. 159).

Devemos considerar, no entanto, que essas novas possibilidades pedagógicas, motivadas pela LDB de 1961, tiveram como principal motivação os acordos de políticas internacionais, como mencionado na carta que seu pai recebeu. Esses acordos foram facilitados, principalmente, pela *United States Agency for International Development (USAID)* e o Sindicato de Editoras (SNEL), e sofreram algumas mudanças, como a padronização do ensino e a substituição de manuais escolares por materiais com manuais de orientações para professores. Em 1966, O Decreto nº 59.355, de 4 de outubro de 1966 (BRASIL, 1966) instituiu a Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático (COLTED), que passou a ser responsável pela coordenação e execução de um programa para disponibilizar 51 milhões de livros didáticos e

técnicos durante três anos (ALVES, 1968, p. 65). Esse grande incentivo ao mercado editorial também foi citado na carta que seu pai recebeu.

A atualização sobre os fatos descritos na carta e outras leituras me permitiram perceber que, apesar de os livros paradidáticos terem surgido em uma época anterior à Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), foi durante esses anos que essa produção teve maior incentivo. E esse incentivo, claro, teve como motivação a interferência, camuflada como “investimento”, de acordos internacionais, principalmente, estadunidenses.

No livro *Momentos do livro no Brasil* (1966), Fernando Paixão indica que a produção de livros didáticos e paradidáticos no Brasil foi incentivado por empresas nacionais e internacionais durante o período da Ditadura Militar. De acordo com o autor,

a partir de 1966, uma outra medida do governo - a criação da Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático (COLTED) - veio novamente favorecer o livro escolar, com um investimento da ordem de US\$ 9 milhões. Financiada pelo Ministério da Educação e pela Agência Americana *Usaid* (*United States Agency for International Development*), aliada à colaboração do Sindicato dos Editores (SNEL), a COLTED deu um impulso decisivo ao mercado de didáticos (PAIXÃO, 1996, p. 158).

Além disso, a interferência dos Estados Unidos no golpe militar de 1964 é algo que já estudei nas aulas de História durante o final do Ensino Fundamental, mas não havia parado para refletir criticamente sobre a consequente participação nas decisões sobre a educação brasileira por tais organizações. A colonização dos brasileiros pelos estadunidenses citada por Lauro Lima, unida à interferência nas tomadas de decisão em diversos setores pela *Usaid*, evidencia o poder estrangeiro em nosso país. Ao abordar este tema, é possível vinculá-lo à ideia proposta em Quijano (2007) ao compreender o poder como

um espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função

e em torno da disputa pelo controle dos seguintes âmbitos da existência social: (1) o trabalho e seus produtos; (2) em dependência do anterior, a “natureza” e seus recursos de produção; (3) o sexo, seus produtos e a reprodução da espécie; (4) a subjetividade e seus produtos materiais e intersubjetivos, incluindo o conhecimento; (5) a autoridade e seus instrumentos, de coerção em particular, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular suas trocas (p. 96, tradução minha)<sup>3</sup>.

Diversos âmbitos existenciais citados por Quijano podem ser considerados como controlados pelo poder estadunidense, mesmo que o controle do conhecimento seja o mais explícito. Este controle se deu de diferentes formas, seja pela facilitação da produção e mercantilização dos livros didáticos, da criação de bibliotecas escolares, da promoção de materiais didáticos e técnicos ou do incentivo aos autores e escritores brasileiros (ALVES, 1968, p. 95-96).

O controle da educação nacional pode ser percebido pela uniformização dos livros didáticos, em um país de grandes extensões territoriais e culturais como o Brasil. Mas, para auxiliar neste controle, os materiais didáticos acompanhavam, e ainda acompanham, manuais de orientações para os professores. Confesso que eu gosto de ler esses manuais, mas considero que é necessário que as professoras e os professores façam uma leitura crítica e reflexiva. Apesar do nome manual, ele não deve ser encarado como uma prescrição, mas como um guia de orientação, de possibilidades a serem seguidas, que podem, e devem, ser adaptadas à realidade dos locais em que são colocados em prática.

Os EUA ainda possuem a Agência Nacional Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (*USAID*) e, em seu nome está a ideia de que os países precisam se desenvolver e é função do governo estadunidense promover essa mudança, como se todos os países precisassem de sua ajuda para se desenvolverem, ou ainda, desenvolverem-se do jeito que eles consideram que é certo. No site da agência<sup>4</sup>, é possível encontrar a descrição de que, entre suas principais funções, estão a distribuição de ajuda externa e desestabilização de oponentes geopolíticos.

Assim, podem ser identificados binarismos como certo ou errado, aliado ou oponente, no mesmo tempo ou atrasado, e esses modos de pensar fazem emergir concepções de superioridade ou inferioridade. Com esse modo de pensar, as organizações estadunidenses podem considerar que, por meio de intervenções, um país com maior poder, mesmo que esse poder seja econômico ou bélico, tem a ideia de que, somente com sua ajuda, os outros podem se desenvolver.

Essa forma de “ajuda” que interfere em tomadas de decisão sobre tantos setores brasileiros, incluindo a educação, como por exemplo, sobre os livros escolares que serão publicados, a quantidade que deverá ser vendida aos governos e os locais para onde os livros serão direcionados, pode receber um outro nome: colonialidade. Assumo, aqui, a colonialidade na perspectiva de Maldonado-Torres (2007), ao considerá-la como

um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, refere-se melhor a forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça (p. 131, tradução minha)<sup>5</sup>.

As relações entre o poder e a colonialidade permitem emergir o conceito de colonialidade do poder que “se refere à interrelação entre as formas modernas de exploração e dominação” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130, tradução minha)<sup>6</sup>. No contexto apresentado, a interferência das agências estadunidenses nas tomadas de decisões sobre a educação brasileira pode ser considerada como uma estratégia de colonialidade do poder.

A atualização sobre os fatos descritos na carta e outras leituras me permitiram perceber que, apesar de os livros paradidáticos terem surgido em uma época anterior à Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), foi durante esses anos que essa produção teve maior incentivo. A ampliação e os modos de articulação do mercado editorial e o financiamento proporcionado pelas agências externas ao governo federal brasileiro

indicam, ainda, uma forma de privatização da educação. Aliados à padronização dos materiais destinados à Educação Básica, em um país de grandes extensões territoriais e culturais como o Brasil, é possível perguntar: como o desenvolvimento pode ser possível? Ou, para quem esse desenvolvimento é possível?

Historicamente, desde a Revolução Industrial, com a ascensão do mercado e do capitalismo, a privatização e a padronização ampliam as diferenças sociais e culturais, uma vez que nem todos têm a mesma oportunidade de acesso e consumo aos produtos do mercado. Nesse cenário, é possível perceber que o desenvolvimento está direcionado a poucos, assim como o acesso ao conhecimento e à acumulação de poder e capital.

Tantas reflexões têm como pretensão tensionar os materiais didáticos ou paradidáticos, mas não com a intenção de deslegitimá-los, uma vez que os considero como importante meio de formação. Nesse sentido, pretendo compreendê-los como meios que tornam possíveis os modos de aprendizagem de novos olhares, com cuidado e respeito, a um processo de humanização que pode estar presente nos materiais que têm a possibilidade de circular em ambientes educacionais, dentro e para além dos muros da escola, e contribuem para a formação de cidadãs e cidadãos.

Voltando à carta, e arriscando uma crítica literária, achei fantásticas as menções à Orwell, em *1984*, e a Robert Louis Stevenson, em *O médico e o monstro*. O paralelismo aos filmes da série *007* e à participação estadunidense em guerras foram felizes nas metáforas em que surgiram.

Fique bem,

Luana.



## Referências:

ALVES, Márcio Moreira. *Beabá dos MEC-USAID*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1968. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod\\_resource/content/2/BEAB%C3%81%20DO%20%20MEC%20USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod_resource/content/2/BEAB%C3%81%20DO%20%20MEC%20USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>>. Acessado em: 22 jul. 2020.

DALCIN, Andreia. *Um olhar sobre o paradidático de matemática*. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.

## 6.1. Categorias como armadilhas

16 jul. 2020 – 22:22

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Querida Luana,

Sobre a intenção de me retirar da pesquisa, minha vida estava virada de cabeça para baixo. No e-mail, contei sobre como a situação estava complicada e disse que não poderia mais ajudar você e o Filipe. Muitas foram as mudanças depois.

Após uns dias longe do computador, do celular e de tudo que me mantém em contato com o mundo externo, junto à recuperação médica e ao encontro de memórias passadas, ganhei novas forças. Nossa vida pode até parecer estar parada com essa pandemia, mas, confesso, meus sentimentos e minhas emoções nunca estiveram entre tanta angústia, ansiedade e medo. Enfim, vamos continuar à medida que nos for possível.

No último e-mail, você mencionou os binarismos e, como pesquisadora, considero-os uma armadilha. Lembrou-me, inclusive, de um autor francês, o Julien Gracq, que, em sua obra *En lisant en écrivant*, de 1980, ressalta que, em matéria de crítica literária, todas as palavras que conduzem às categorias são armadilhas. Compreendo as diferenças de áreas, mas não pude deixar de remeter a esta citação que li outro dia em outro trabalho, pois considero que se encaixa no contexto apresentado por você.

Sobre este tema, vinculando-o à Educação Matemática, assisti hoje a uma *live* com os professores Victor Giraldo (UFRJ) e Wanderley Rezende (UFF). Ela foi promovida pelo *Programa Dá Licença*, em seu canal no *Youtube*, e teve como título *Educação Matemática, Problematização e Decolonialidade* (PROGRAMA DÁ LICENÇA, 2020). Caso queira assisti-la, basta acessar o link [https://www.youtube.com/watch?v=b6bs7Ad0\\_RI](https://www.youtube.com/watch?v=b6bs7Ad0_RI) ou ler o QR Code.

Assista à *live Educação Matemática, Problematização e Decolonialidade*.

Acesse o QR Code.



Um dos temas debatidos foi acerca das dicotomias sobre o ensino de matemática, como conteúdo *versus* pedagogia e teoria *versus* prática, e sobre como isso produz hierarquias. A ideia de oposição de lados dá origem à ideia de que “um é melhor que o outro”, cria relações de disputa e rivalidade. Concordo com você quando diz que as ideias de superioridade e inferioridade conduzem à um aumento das diferenças sociais e culturais, promovendo exclusões.

Você já me enviou sua breve revisão de literatura. Ela mostra a relevância da pesquisa ao considerar a perspectiva decolonial, além de apresentar as suas justificativas para a realização da pesquisa. Contudo, vejo que há algumas pontas soltas, que listo a seguir...

Primeira: ora você usa a palavra colonial, ora decolonial, ora descolonial e ora (de)colonial... Pode me explicar as diferenças?

Segundo: estamos falando sobre livros paradidáticos e parecemos estar nos referindo a mesma coisa. Contudo, é necessário você definir o que chama de livros paradidáticos (de Matemática).

Terceiro: em e-mails anteriores, você mencionou que irá olhar “aspectos de pensamentos coloniais presentes em nossa cultura no material escolhido para

ser pesquisado” e imagino que estejam ligados às relações de binarismos que estamos conversando por agora. Você pode deixar isso mais claro?

Fique bem.

Ana

PS: Ah, Luana, você gosta de flores? Tenho começado a construir um jardim aqui em casa como terapia para ajudar a superar os “tempos pandêmicos” e aconselho você a fazer o mesmo.

Li recentemente que a planta que leva mais tempo para florir é a *Corypha umbraculifera*, uma espécie de palmeira hermafrodita do Sri Lanka, cuja florada ocorre a cada 80 anos. Historicamente, suas folhas secas serviam de suporte para criar manuscritos religiosos, sendo talhadas com estilete de ferro... Pensar sobre como cada folha pode sustentar a completude de um texto me lembrou de sua pesquisa. É preciso um estilete!

Quer conhecer mais sobre a *Corypha umbraculifera* e suas conexões com a dissertação?

Acesse o QR Code.



Está sem internet? Vá ao Apêndice III e confira o conteúdo.

Aguardo o seu contato para retomarmos a pesquisa.

**Referência:**

PROGRAMA DÁ LICENÇA. *Educação Matemática, Problematização e Decolonialidade*. Canal do Programa Dá Licença no YouTube, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b6bs7Ad0\\_RI](https://www.youtube.com/watch?v=b6bs7Ad0_RI). Acesso em: 16 jul. 2020.

7. Perspectivas sobre as posturas (de)coloniais, geopolítica  
do conhecimento e a diferença colonial em paradidáticos  
(de Matemática)

11 ago. 2020 - 19:45

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>; Filipe Fernandes  
<filipesfernandes@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

Concordo com sua observação sobre as pontas soltas na pesquisa. Passei os últimos dias pesquisando sobre elas e enviarei alguns e-mails a seguir sobre os temas indicados pela senhora.

Aproveitando sua menção sobre a *Corypha umbraculifera*, considero que os meus conhecimentos sobre os estudos decoloniais estão como uma *Ceropegia sandersonni*. Uma verdadeira mistura em que não consigo encontrar as pontas. Estudei bastante nos últimos dias e estou copiando o Filipe neste e-mail para que possa esclarecer algo que ficar com faltando. As aulas da pós estão voltando, principalmente as da disciplina *Perspectivas anticoloniais em educação*, em formato remoto e emergencial, e acredito que muito irão ajudar neste tema também.

Quer conhecer mais sobre a *Ceropegia sandersonni* e suas conexões com a dissertação?

Acesse o QR Code.



Está sem internet? Vá ao Apêndice III e confira o conteúdo.

Para começar a falar sobre as perspectivas sobre a colonialidade e a decolonialidade, é preciso esclarecer que, nesta dissertação, ela será adotada como uma postura. Por orientação do Prof. Filipe, assumo a ideia de Walter Mignolo e Rolando Vázquez (2017) quando dizem que “não falam sobre estudos decoloniais, e sim pensam e agem decolonialmente” (pos. 8596, tradução minha)<sup>1</sup>. Nesse sentido a investigação decolonial pode ser compreendida como aquela que contribui para esclarecer relações entre o campo de estudo e a colonialidade, como um modo de olhar e agir sobre os livros paradidáticos de matemática, que se constituem como o objeto desta pesquisa.

Para uma pessoa que está sendo apresentada ao tema, a palavra colonialidade pode remeter às colônias, conhecidas das aulas de História na Educação Básica. Neste caso, a diferença entre o colonialismo e a colonialidade é algo que não podemos deixar de esclarecer. Quijano (2007) indica o colonialismo como “uma estrutura de dominação e exploração, onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e o trabalho de uma população determinada é detida por outra de diferente identidade” (p. 93, tradução minha)<sup>2</sup>. Para o autor, a colonialidade, por sua vez, “se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular desse padrão de poder, e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e escala social” (p. 93, tradução minha)<sup>3</sup>.

É possível perceber que a colonialidade é uma das constituições do colonialismo e, embora em algumas regiões as relações de dominação e exploração pelo poder político possam parecer ter chegado ao fim com o advento das repúblicas, a colonialidade, com sua classificação racial/étnica não chegou ao fim. Nesta perspectiva, Luciana Ballestrin (2013) ao apresentar a constituição do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) na América Latina, indica que, conforme os estudos de Mignolo, a colonialidade se reproduz em uma dimensão tripla: a do poder, do saber e do ser, e acrescenta a colonialidade do poder como uma forma de

controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento (p. 100).

São várias as maneiras de se olhar para as relações de colonialidade e uma delas é ao considerar as diferenças coloniais que surgem nessas relações. Mignolo (2020) sublinha a diferença colonial “primeiro como consequência da colonialidade do poder (na sua construção) e segundo como localização epistêmica para lá da direita e da esquerda, conforme articulada na segunda modernidade (i.e., liberal, neoliberal; socialismo, neossocialismo)” (p. 218.). Como forma de enfrentar as ameaças da globalização que criaram as diferenças coloniais, o autor propõe a diversalidade, um projeto que busca agir em nome da “justiça, equidade, direitos humanos, e diversalidade epistêmica” (p. 218).

Associada à diferença colonial, está a geopolítica do conhecimento, uma elaboração intelectual da modernidade que produziu “uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que dão uma descrição muito precisa do caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado” (QUIJANO, 2014, p. 798, tradução minha)<sup>4</sup>. Nessa concepção, o sujeito epistêmico não possui “sexualidade, gênero, etnia, raça, classe, espiritualidade, língua, nem localização epistêmica em nenhuma relação de poder (...) trata-se de uma filosofia surda, sem rosto e sem força de gravidade” (GROSFOGUEL, 2007, p. 64, tradução minha)<sup>5</sup>.

Assumindo que a colonialidade não teve fim com o colonialismo e considerando o sistema mundo moderno, Catherine Walsh (2009) indica a recolonialidade como uma reacomodação da colonialidade do poder nos últimos anos “dentro dos desígnios globais ligados a projetos de neoliberalização e das necessidades do mercado” (p. 16). Lembrando da nossa discussão sobre os acordos MEC/USAID, é possível associar a recolonialidade aos modos como o neoliberalismo estadunidense interferiu nas tomadas de decisões educacionais brasileiras, assegurando seu controle de mercado ao investir o capital estrangeiro na produção editorial nacional.



Como forma de enfrentar a colonialidade, surgem diferentes posturas, como a descolonial, a decolonial (ou de-colonial). Para esclarecer essas diferenças, poderíamos realizar uma análise morfológica dos prefixos, contudo, uma análise teórica, em artigos de autores que utilizam estes termos, revelam mais posturas políticas e sociais do que linguísticas. Por sugestão de Catherine Walsh, que também é pesquisadora na área de Linguística, a palavra decolonização se refere a um projeto de romper com a lógica da modernidade/colonialidade e a palavra descolonização remete à uma ideia histórica de libertação nacional durante a Guerra Fria (BALLESTRIN, 2013, p. 108), sendo o primeiro termo utilizado em preferência ao outro.

Neste trabalho, eu opto, em alguns momentos, por usar o termo (de)colonial, pois considero que algumas relações podem ser entendidas como simultaneamente coloniais ou decoloniais, ao passo que rompem algumas lógicas de poder, mas instauram outras novas formas de poder, diante do mundo moderno/capitalista/colonial em que vivemos. Ao assumir a postura decolonial, adoto a perspectiva de Catherine Walsh (2009), quando se refere a de-colonialidade como uma estratégia para

desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade – estruturas até agora permanentes – que sustentam padrões de poder arraigados na racionalização, conhecimento eurocêntrico e, na inferiorização de alguns seres como menos humanos (p. 24).

Posicionar-se frente às colonialidades é importante, pois essas formações deram origem a categorias que provocam exclusões e mortes sociais e algumas ideias de universalismo que, associadas a essa perspectiva, devem ser questionadas. Quijano (2014) esclarece que “as novas identidades históricas produzidas sobre a base da ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle e trabalho” (p. 781, tradução minha)<sup>6</sup>. De acordo com Walsh (2012), essa colonialidade de poder “estabeleceu e fixou uma hierarquia racializada: brancos

(europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, “índios” e “negros” como identidades comuns e negativas” (p. 14).

Walsh (2009) destaca, ainda, que o apagamento estabelecido pelas colonialidades não pode ser revestido em um respeito à diversidade cultural, em uma perspectiva do politicamente correto. A autora justifica que

o reconhecimento e respeito à diversidade cultural se convertem em uma nova estratégia de dominação que ofusca e mantém, ao mesmo tempo, a diferença colonial através da retórica discursiva do multiculturalismo e sua ferramenta conceitual, a interculturalidade “funcional”, entendida de maneira integracionista” (WALSH, 2009, p. 16).

Desse modo, uma nova estratégia de dominação surge e a interculturalidade crítica é indicada por Walsh (2009) como uma forma de questionar as diversidades culturais em nossa sociedade. Ao optar por esse caminho, parte-se “do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em relação disso” (p. 21), promovendo uma “construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização” (p. 22).

Por meio da interculturalidade crítica, as diversidades culturais nos livros paradidáticos podem ser colocadas em discussão, como o questionamento aos sujeitos que constituem os livros, como as personagens e aos tipos de conhecimentos (matemáticos) presentes. Essa análise não é posta como uma forma de superação da colonialidade, mas como uma estratégia de reconhecimento das colonialidades que constituem os livros. É possível compreender que a superação das colonialidades é um desafio que deve ser precedido por análises dos modos como essas colonialidades se encontram em nossa sociedade, inclusive em materialidades como os livros paradidáticos.

Filipe, você, que nos lê em cópia, gostaria de completar alguma ideia para deixar o assunto mais claro para a Professora Ana?

Abraços,

Luana.

#### Referências:

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, Brasília, maio-agosto de 2013, p. 89-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: El pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 63-77.

MIGNOLO, Walter. Geopolítica do conhecimento e diferença colonial. *Revista Lusófona de Educação*, v. 48, n. 48, 2020. p. 187-224. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7324>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. Pedagogía y (de)colonialidad. In: WALSH, Catherine (ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Serie Pensamiento decolonial. Quito: Editorial Abya-Yala, 2017. pos. 8526-8904 (livro digital).

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 777-832. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

## 7.1. Alguns esclarecimentos

15 set. 2020 – 15:15

---

De: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>; Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Luana,

Considero que você deixou bem claro.

Ana, você ficou com alguma dúvida?

Um abraço,

Filipe.

## 7.2. Retorno sobre a (de)colonialidade

25 nov. 2020 – 12:12

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>  
Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>; Filipe Fernandes  
<filipesfernandes@gmail.com>

---

Luana e Filipe,

Agradeço por deixarem um pouco mais claro a abordagem que estão adotando. Ou, devo dizer, a postura que escolheram assumir diante da pesquisa.

Como é um assunto novo para mim, precisarei ler mais e aproveitarei as referências que vocês têm compartilhado ao final dos e-mails. Acredito que os questionamentos apresentados podem causar boas reflexões na produção dos materiais que estão por vir e, mesmo, na reedição dos livros que já existem.

Luana, aguardo os próximos e-mails para laçarmos as outras pontas.

Até breve,

Ana.

8. Uma breve história (crítica) dos livros  
paradidáticos de Matemática no Brasil

26 jan. 2020 - 09:29

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

As discussões sobre o mercado dos livros paradidáticos e a adoção de uma postura decolonial foram realizadas com o objetivo de nos conduzirem a um outro debate: os livros paradidáticos (de Matemática). A partir do alto “investimento” direcionado ao mercado editorial nas décadas de 1970 e 1980, muitos livros tiveram que ser publicados em um curto espaço de tempo e, com isso, novos livros precisaram surgir.

Diante dessa necessidade, a editora Ática começou uma nova linha de livros, os paradidáticos. Fernando Paixão (1996) pontua que esses livros tinham a proposta de inovar a forma de abordar os diversos campos do conhecimento utilizando “a criação literária para explicar fatos e conceitos científicos, (...) adequando-os à linguagem e ao universo dos estudantes” (p. 161). Entre os fatos e os conhecimentos científicos, estavam aqueles ligados à disciplina de Matemática, o que proporcionou o surgimento dos livros paradidáticos de Matemática.

As primeiras coleções foram produzidas na década de 1980 e intituladas *Vivendo a Matemática*, da editora Scipione, e *A Descoberta da Matemática*, da editora Ática. Contudo, de acordo com Dalcin (2002), os livros *A Aritmética da Emília*, de Monteiro Lobato, publicado em 1935, e *O Homem que Calculava*, de Júlio César de Mello e Souza, o Malba Tahan, publicado em 1938, são considerados os precursores dos paradidáticos de Matemática no Brasil.

Várias coleções surgiram no começo da circulação desses livros, mas, com o passar dos anos, “o uso deste material em aulas de Matemática tem se tornado cada vez mais escasso, sendo mais frequente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apesar

de haver orientação para sua utilização nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1998)” (MARCO; ALVES; RODRIGUES, 2016, p. 37) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) apresentar os livros paradidáticos como um recurso a ser utilizado nas escolas. No interior do *Campo das práticas de estudo e pesquisa* da área de conhecimento de *Linguagens e suas tecnologias: Língua Portuguesa – Ensino Médio*, os livros paradidáticos são considerados como uma das “fontes balizadas de informações e conhecimento” (p. 516).

Mas, afinal, o que são os livros paradidáticos? Há alguns anos esse conceito poderia ser definido com maior facilidade, pois, nos próprios catálogos das editoras encontrava-se uma espécie de ‘rótulo’ definindo obras como paradidáticas ou não. Contudo, na atualidade, a ampliação do mercado literário causou uma certa ‘diluição’ dessas definições conceituais quanto à tipologia da obra (THOMSON, 2016, p. 28).

A diluição do conceito apontada por Ana Beatriz Thomson (2016) se mostra presente durante a busca em *sites* de editoras de materiais didáticos, como o Coletivo Leitor (grupo formado pelas editoras Ática, Atual, Caramelo, Scipione, Formato e Saraiva), e das Editoras do Brasil, FTD e Moderna<sup>1</sup>. Esses sites também apresentam os livros paradidáticos com outras nomeações, como, por exemplo, livros de apoio didático ou material complementar. Essas denominações podem ser conferidas em indicações desses livros em diferentes coleções de didáticos aprovados no último PNLD do Ensino Fundamental Anos Finais.

Bernadete Campello e Eduardo Silva (2018), buscando compreender o conceito de livro paradidático, identificaram que “fatores comerciais contribuíram para a produção de paradidáticos” (p. 70). Esses fatores podem ser aqueles indicados no incentivo à produção de material didático dos acordos entre o Ministério da Educação brasileiro e a *United States Agency for International Development* (USAID). Esse assunto já foi abordado com mais profundidade em e-mails anteriores.



No que concerne à função, os paradidáticos podem ser materiais informativos, quando tratam “de assunto ligado a uma disciplina do currículo escolar, servindo para complementar o livro didático adotado” (CAMPELLO; SILVA, 2018, p. 74), sem necessariamente seguir uma sequência de conteúdo; ou ficcionais, sendo “qualquer livro de ficção considerado de leitura extraclasse (...) [e] costuma conter elementos pedagógicos” (p. 75), com “finalidades utilitárias, não escritos por autores literários, mas por especialistas em psicologia e/ou educação” (p. 76). Independentemente de seu trabalho, informativo ou ficcional, podemos interpelar em que estão referenciados as autoras e os autores, os procedimentos editoriais, os assuntos, as e os personagens, os cenários, as concepções de educação ou de matemática, as indicações metodológicas para o ensino e outros elementos que compõem a obra em termos comerciais e pedagógicos. São muitas as possibilidades de investigação, mas, neste trabalho, olharei para os livros a partir de uma postura decolonial.

Os livros paradidáticos de Matemática surgiram com a intenção de apresentar os conhecimentos de uma matemática, dita científica, de forma adequada à linguagem e ao universo das e dos estudantes brasileiros. Mas, quem são esses estudantes? Qual é essa linguagem? Qual é o universo desses estudantes? Ao lembrarmos da crítica à colonialidade e aos modos de universalização, é possível perceber que esses livros, que são produzidos em uma versão impressa em grande tiragem e são vendidos ao Ministério da Educação para que sejam distribuídos às diferentes escolas do grande Brasil, podem transmitir imagens de uma falsa universalidade.

A compra dos livros pelo governo federal e o envio às escolas não garantem o consumo dos conteúdos pelas e pelos estudantes. Mas, como professora de Matemática, leitora apaixonada e consumidora ativa de livros, considero que, dependendo das formas como os trabalhos com os livros paradidáticos são conduzidos em sala de aula, eles podem contribuir, ora para o aprendizado significativo, ou pelo menos interessante, ora para o prazer literário, caso tenham essa intenção.

Smole e Diniz (2001), ao tratarem da leitura, escrita e resolução de problemas matemáticos, consideram que “em situação de aprendizagem significativa, a leitura é reflexiva e exige que o leitor se posicione diante de novas informações, buscando, a partir da leitura, novas informações” (p. 69). Desse modo, é preciso que professoras e professores estejam atentas e atentos às novas informações (matemáticas) que podem ser transmitidas pelos livros paradidáticos (de Matemática), que atuem como mediadoras e mediadores entre as e os estudantes e os livros e auxiliem na formação de leitoras e leitores críticos e reflexivos. Afinal, escrever e ler, literatura ou não, é um compromisso que deve ser assumido por todas as pessoas.

Particularmente no ensino de Matemática, a leitura das histórias dos livros paradidáticos pode trazer diferentes possibilidades para os campos de *Números, Grandezas e Medidas* e *Tratamento da Informação* (GIRITIANA; GUIMARÃES; CARVALHO, 2010). Na área de *Números*, professores e estudantes podem conhecer contextos em que os números aparecem com seus diferentes significados, como “contar objetos, medir área, tempo, massa (peso), criar sequências e codificar” (p. 92) e serem apresentados a situações em que as operações ganham sentido.

Nos livros que tratam o campo de *Grandezas e Medidas*, pode haver a valorização de abordagens intuitivas, a comparação de grandezas, a medição utilizando unidades de medidas não-convencionais e o desenvolvimento de “competências de localização, visualização, representação e construção de figuras” (p. 93). E, no *Tratamento da Informação*, apesar de serem poucas as obras que abordam esse campo, as que existem “sugerem experimentos a partir dos quais você [professor] pode propor aos alunos a organização dos resultados em tabelas e gráficos para uma melhor observação e análise” (p. 94).

Percebe-se que os assuntos abordados nos livros paradidáticos estão presentes nos livros didáticos, mas o tratamento deles por meio da literatura parece ser uma opção para torná-los mais atrativos, com narrativas e exercícios ao longo das obras que façam os estudantes se identificarem, ora com as e os personagens, ora com as

situações escritas. Contudo, essa opção pode se apresentar como uma didatização da literatura e se torna mais real ao inserir, junto aos livros, *Suplementos de atividades*, direcionados aos estudantes. Para Lajolo (2012),

a prática generalizada de dotar os textos infantis, infanto-juvenis e “clássicos escolares” de atividades que os “didatizam”: questionários, teste, sugestões de trabalho funcionam como prescrições que acompanham os livros em nome de melhor coloca-los numa escola que pretende ativar a prática de leitura da qual, dizem, se ressentem largos setores da população brasileira (p. 76, grifo da autora).

Os *Suplementos de atividades* acompanham diversos livros paradidáticos e, aliado a esse material, há *Roteiros para o professor* ou *Projetos de leitura*, que, para algumas obras, são disponibilizados digitalmente com o objetivo de orientarem professores durante o trabalho em sala de aula. Esses materiais são externos aos livros e chamados de epitextos (GENETTE, 2018). Gérard Genette (2018), ao estudar os paratextos<sup>2</sup> das obras literárias, considera-os como discursos e práticas que compartilham interesses ou efeitos que convergem e são compostos por “características espaciais, temporais, substanciais, pragmáticas e funcionais” (p. 12). Assim, é possível perceber que há uma intenção para o uso desses materiais e, assim como os livros, eles passam uma ideia de Matemática.

A proposta de temas matemáticos abordados nos paradidáticos e a didatização da literatura através dos paratextos citados parecem, a princípio, reforçar o papel de uma aprendizagem autoritária, padronizada e sequencial. A essa crítica, alguns autores incluem a escolarização da leitura literária, defendendo uma literatura para o gosto, o deleite.,

Vera Aguiar (1999), ao tratar da escolarização da leitura literária, propõe uma reflexão a partir do entendimento da literatura como uma prática social que está inserida na diversidade da dinâmica social. Nessa concepção, o livro não deve ser concebido como um templo que ocupa um lugar sagrado, mas como “produto cultural ativo, integrado ao sistema de trocas da comunidade, desde sua criação até

seu consumo, passando pelas ingerências de edição e circulação” (p. 236). A essa significação, acrescento os objetos relacionados aos livros, como os paratextos, e localizo a escola como um local de trocas da comunidade, tornando possível a escolarização da leitura literária.

Contudo, no ensino de Matemática, é preciso analisar como os aspectos coloniais estão presentes nos paradidáticos para que seja possível identificar visões que marcam nossa sociedade e disseminam ideias de “práticas escolares da cultura matemática de modos que são uniformes, invariáveis, dogmáticos e autoritários” (MIGUEL, 2014, p. 6, tradução minha)<sup>3</sup>. Além disso, Boaventura de Souza Santos enfatiza que “todas as disciplinas modernas são racializadas” (SANTOS, 2020, p. 271), então, é preciso ver em que de modo essa racialização está presente nos livros e buscar maneiras de superá-las.

A perspectiva de Matemática autoritária, padronizada e sequencial está ligada à colonialidade do saber que se manifesta como efeito de uma “concepção de conhecimento do europeu, visto como racional [que] negou e, nega ainda, outras formas de conhecer diferentes daquelas em conformidade a tal concepção hegemônica de conhecimento” (TAMAYO-OSORIO, 2017, p. 46). Essa forma de racionalidade não só tende a reafirmar o conhecimento eurocêntrico, como também “descartou por completo a produção intelectual indígena e afro como ‘conhecimento’ e, conseqüentemente sua capacidade intelectual” (WALSH, 2007, p. 104).

Superar essa visão significa ampliar o conceito de matemática, considerar modos outros de matemática presente em outras culturas e que levem em consideração variáveis outras que estão presentes em nosso cotidiano e ficam de fora várias vezes da matemática acadêmica. Para Vilela (2010),

não alimentamos imagens da Matemática que calcula por aproximações, que considera muitas variáveis frequentemente não envolvidas nos processos de cálculos rigorosos tais como gostos e preferências (LEVA, 2002), o sol e o vento (COSTA, 1998), o esforço

físico (KNIKNIK, 1996), ou, ainda, a sazonalidade (MONTEIRO, 1998) (p. 445).

As considerações expõem que existem várias possibilidades de se abordar a Matemática, seja do ponto de vista de uma cultura científica e acadêmica ou de outras culturas. Considero que, diante da proposta dos livros paradidáticos e de seus epítextos, do momento histórico, social e político em que surgiram, é possível analisar que matemática se faz presente.

Professora Ana, neste e-mail, apresentei uma breve história, em uma perspectiva crítica, adotando uma postura decolonial, sobre os livros paradidáticos de Matemática no Brasil. Agora, organizarei meu material sobre literatura e, em breve, entrarei em contato.

Até breve,

Luana.

Referências:

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 235-255.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>>. Acessado em: 22 jul. 2020.

BRASIL. *Decreto 59.355, de 4 de outubro de 1966*. Institui no Ministério da Educação e Cultura a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) e revoga o Decreto número 58.653-66. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de out. de 1966. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-59355-4-outubro-1966-400010-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

CAMPELLO, Bernadete Santos; SILVA Eduardo Valadares. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. *Biblioteca Escolar em Revista*. Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 64-80, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/143430/147738>>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

DALCIN, Andreia. *Um olhar sobre o paradidático de matemática*. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. 2ª edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.

GITIRANA, Verônica; GUIMARÃES, Gilda Lisbôa; CARVALHO, João Bosco Pitombeira de. Os livros paradidáticos para o ensino da Matemática. In: CARVALHO, João Bosco Pitombeira Fernandes de. *Matemática: Ensino Fundamental*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. p. 92- 95.

LAJOLO, Marisa. Circulação e consumo do livro infantil brasileiro: um percurso marcado. *Remate de Males*, 2012, 3, p. 57-78.

MARCO, Fabiana Fioriezi de; ALVES Beatriz Aparecida Silva; RODRIGUES, Carolina Innocente. *Análise de livros didáticos e paradidáticos na formação inicial do professor de matemática*. Uberlândia: Editora UFU, 2016.

MIGUEL, Antonio. Is the mathematics education a problem for the school or is the school a problem for the mathematical education?. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, v. 4, n. 2, 2014. p. 5-35.

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

SMOLE, Kátia C. S.; DINIZ, Maria Ignez. Ler e Aprender Matemática. In: SMOLE, Kátia C. S.; DINIZ, Maria Ignez (Orgs.). *Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 69-86.

TAMAYO-OSORIO, Carolina. A colonialidade do saber: um olhar desde a Educação Matemática. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, v. 10, n. 3, 2017. p. 39-58.

THOMSON, Ana Beatriz Accorsi. A. Os paradidáticos no ensino de História: uma reflexão sobre a literatura infantil/juvenil na atualidade. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, v.3, n. 4, p. 27-49, jan/jun. 2016.

VILELA, Denise Silva. A terapia filosófica de Wittgenstein e a educação matemática. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 435-456, jul./dez. 2010. Disponível em:  
<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/7976/5090>.  
Acesso em: 19 dez. 2019.

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. *Nómadas*, n. 26, 2007, p. 102-113.

8.1 Mercado de livros paradidáticos (de Matemática):  
algumas reflexões entre o passado e o presente

24 fev. 2020 – 02:52

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

Sobre as considerações que você indicou, gostaria de completar com algumas ideias.

Nos últimos e-mails, acompanhei história do mercado dos livros didáticos e gostaria de fazer uma observação: a criação dos órgãos e o incentivo à indústria dos materiais didáticos foi acompanhada pela obrigatoriedade do Ensino Secundário, instituída pela LDB de 1971 (BRASIL, 1971). Podemos perceber que o incentivo ao mercado é anterior ao “investimento” na educação. Seria, então, a educação dependente do mercado? Se um dia não houver mais a aquisição de livros pelo governo, a educação deixará de ser obrigatória?

Farei surgir alguns questionamentos que não espero que você responda. Apenas pense sobre. Quem sabe, em outro momento, eles serão temas de pesquisa de estudantes que ainda estão por vir.

Recentemente, li um livro da Marisa Lajolo e da Regina Zilberman (2017), sobre o mercado editorial brasileiro. Para que você possa acompanhar minha discussão, envio as imagens de duas tabelas que refletem, em números, a quantidade de títulos e exemplares publicados entre 1990 e 2015. As autoras chamam a atenção para o fato de que os números oscilam por diversos fatores, incluindo interesses próprios das editoras, mas tal fato não invalida a discussão que proponho.



Figura 4: Títulos editados no mercado editorial brasileiro (1990 a 2015)

**QUADRO IV - TÍTULOS EDITADOS**

	1990	1995	2000	2005	2010
INFANTIL	-	5.791	3.776	2.768	-
JUVENIL	-	3.026	4.065	1.730	-
INF + JUV	4.890	8.817	7.841	4.498	3.539
ADULTA	3.356	2.089	2.628	5.399	-
DIDÁTICOS	2.163	13.104	9.640	15.965	-

	2011	2012	2014	2015
INFANTIL	-	7.047	7.802	6.783
JUVENIL	-	3.964	6.783	3.952
INF + JUV	3.508	11.011	14.585	10.735
ADULTA	-	5.863	6.563	4.841
DIDÁTICOS	-	10.276	8.801	9712

Tabela construída com base nos dados constantes de relatórios *O comportamento do setor editorial brasileiro*, de anos diversos (FIPE, CBL, SNEL)

Fonte: LAJOLO; ZILBERMAN, 2017. p. 60.

Figura 5: Exemplares editados no mercado editorial brasileiro (1990 a 2015)

**QUADRO V - EXEMPLARES EDITADOS**

	1990	1995	2000	2005	2010
INFANTIL	31.941.520	39.916.745	26.125.767	14.205.773	26.500.755
JUVENIL	-	13.169.185	7.964.627	8.172.365	43.790.281
INF + JUV	31.941.520	53.085.930	34.090.394	22.378.138	70.291.036
ADULTA	28.896.440	-	8.568.078	24.906.597	39.652.617
DIDÁTICOS	104.308.640	193.736.323	196.223.729	171.531.776	230.208.962

	2012	2013	2014	2015
INFANTIL	32.030.337	39.269.715	37.259.612	12.499.466
JUVENIL	15.383.065	20.315.473	20.085.348	11.277.437
INF + JUV	47.413.402	59.585.188	57.344.960	23.776.903
ADULTA	37.870.478	43.342.414	48.491.769	31.649.010
DIDÁTICOS	214.250.244	195.575.296	211.518.868	219.390.259

Tabela construída com base nos dados constantes de relatórios *O comportamento do setor editorial brasileiro*, de anos diversos (FIPE, CBL, SNEL)

Fonte: LAJOLO; ZILBERMAN, 2017. p. 60.

As autoras observam que o fortalecimento da literatura infantil e juvenil ocuparam, ao longo dos anos, uma parcela cada vez maior do mercado editorial. Nesse mesmo movimento, é possível identificar que “o livro didático – parente próximo do livro de literatura infantil e juvenil, por circularem ambos, em grande parte dos casos, entre o mesmo público – que lidera, com ampla vantagem, esse mercado” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, p. 61). Elas ainda registram que, junto aos dados da categoria de livros didáticos, estão incluídos os livros paradidáticos.

Vemos que, até 2015, esse número era muito grande. Claro que o número de livros didáticos adquiridos no mercado é maior do que o de paradidáticos, mas podemos afirmar que, se um desses números cai, o mesmo acontece com o outro, e as consequências, quando se trata da leitura, podem ser significativas.

A pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2021) revelou que, entre os anos de 2015 e 2019, houve uma diminuição no percentual de leitores, totalizando quase 50% de não leitores. Os dados ainda revelam que o país ocupa o 84º lugar no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), atrás de vários países da América Latina e com uma queda de cinco posições entre os anos de 2018 e 2019.

Mães, pais e professores são indicados como os principais incentivadores de leituras e a pesquisa aponta que o Estado tem uma importante participação na formação de leitores. José Ângelo Xavier (2021) reconhece que cabe ao Estado “assumir a responsabilidade e criar as condições e os investimentos a longo prazo para oferecer uma educação de qualidade e garantir a alfabetização funcional, o letramento e o livro para todos” (p. 7-8).

Os livros adquiridos pelo Estado têm como principal fim as instituições escolares da Educação Básica, principalmente as públicas. São nessas escolas que muitos estudantes têm a oportunidade de acesso à cultura, incluindo a leitura, em suas diferentes formas. Embora seja função do Estado assegurar os livros para todos, ele tem contribuído com a diminuição de leitores, principalmente nos últimos anos. Zoara Failla (2021) evidencia “o desmonte dos programas voltados à

democratização do acesso ao livro, à formação de leitores, ao incentivo a projetos de leitura e à instalação de bibliotecas; o desprezo a políticas inclusivas – e, em especial, o “engavetamento” das políticas públicas do livro e da leitura” (p. 26-27). O desmonte dos programas voltados a democratização do acesso ao livro, mencionado pela pesquisadora Zoara Failla, é abordado por Mariana Bueno (2021) como referente ao cancelamento, em 2015, do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que tinha como objetivo promover a leitura e ampliar os acessos à cultura e à informação (p. 132). Uma nova organização para compra de livros pelo Estado culminou com a criação do Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário (PNLD Literário), em 2019.

De acordo com Bueno (2021), “considerando que a compra é a principal forma de acesso ao livro e que, entre 2015 e 2020, os dados do varejo não mostram alteração substantiva na venda de livros infantis e juvenis, é possível concluir que os programas de compras governamentais garantem o acesso ao livro” (p. 132). Contudo, é preciso ressaltar que o acesso ao livro não implica em sua leitura. Além disso, os interesses mercadológicos das editoras com as vendas para o Estado, um de seus principais compradores, e a formação de professores como mediadores de leitura, influenciam na formação de leitores. Mas, o acesso ao livro é um importante fator para a formação de leitores.

Nas instituições escolares, o que podemos esperar dos livros diante dos fatos apresentados? O número de leitores tem diminuído e o Estado tem contribuído com esse retrato. Na escola, professores têm o papel de contribuir com o acesso ao conhecimento pelos estudantes. Você realizou uma análise crítica, assumindo uma perspectiva decolonial, ao falar sobre a interferência de capital estrangeiro no mercado editorial brasileiro e nos últimos anos temos percebido uma falta de investimento nesse mercado, ao não serem adquiridos novos livros para as escolas e ser constatado uma diminuição na quantidade de leitores. É possível estabelecer relações com a colonialidade, ou investigar uma saída de capital estrangeiro em nosso mercado editorial? Deixo mais essas perguntas para o futuro.

Vamos falar de um exemplo atual. A BNCC, de 2018, que você já mostrou ler, pois a citou, começou a ser discutida em 2003<sup>1</sup> e há poucos anos virou documento oficial para, a partir do próximo ano, começar a ser obrigatória. Com a BNCC de 2018, novos livros didáticos estão vindo por aí. No Ensino Médio, há aqueles direcionados aos *Projetos de Vida* e, ainda, um de nome *Ciências Humanas e Sociais em diálogo com a Matemática*, ou algo parecido, dependendo da editora.

Analisando superficialmente os livros que buscam diálogos com a Matemática, percebemos referências aos Temas Contemporâneos Transversais. A escola ainda está dividida em disciplinas. Então, professores de quais disciplinas poderão trabalhar com estes livros? Deverá haver uma cooperação da escola, professores e estudantes, para a utilização de um livro acordado pelas editoras e que sequer faz parte das áreas da BNCC.

Será que podemos ver a história dos livros paradidáticos se repetir? Penso que devemos aguardar os capítulos futuros desse Novo Ensino Médio... Sejamos vigilantes e reflexivas: Quem trabalha pela educação em nosso país? Como professoras, nós trabalhamos para ensinar nossas e nossos estudantes um conteúdo estabelecido por quem? Trabalhamos para ensinar o que está escrito nos livros e que nos é enviado pelas editoras?

Como disse o Lauro na carta para o meu pai: “Não há nada melhor para deixar de controlar a informação do que a sua descentralização dos poderes.”. Então, como podemos conseguir informações para sanar essas inquietações? Ou, ainda, é possível responder a todas essas indagações?

Acho que já estamos amarrando quase todas as pontas que estavam soltas. Falta esclarecer mais uma coisa. Afinal: por que você escolheu olhar para os livros paradidáticos que têm aproximações literárias?

Fique bem.

Ana

#### Referências:

BRASIL. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Brasília: Senado Federal, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*: Curitiba: PUCPress, 2017.

BUENO, Mariana. A demanda por livro: dois lados de uma mesma moeda. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. p. 128-133. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 12 nov. 2021.

FAILLA, Zoara. Introdução: O retrato do comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. p. 22-43. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 12 nov. 2021.

*Retratos da leitura no Brasil 5*. Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.

XAVIER, José Ângelo. Prefácio. In: FAILLA, Zoara. (org.) *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.

.

9. Literaturizando os paradidáticos (de Matemática): da  
análise conceitual à constituição do conteúdo

15 mar. 2021 – 15:21

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Profa. Ana,

Descobri que escrever sobre literatura é muito difícil. A literatura, para mim, é como meu amor-perfeito, apaixonante e lindo, motivo de delírios e loucuras, mas muito difícil de definir. Essa flor tem o nome científico de *Viola tricolor* e, quando penso em algo que gosto tanto quanto a literatura, lembro dela sem precisar me esforçar.

Quer conhecer mais sobre o Amor-perfeito e  
suas conexões com a dissertação?

Acesse o QR Code.



Está sem internet? Vá ao Apêndice III e  
confira o conteúdo.

Mas, afinal, o que é literatura? São vários os conceitos e as formas de pensar dos teóricos, mas, aproximo-me mais do conceito de Antonio Candido (2011) que compreende a literatura em um sentido mais amplo e como direito de todo ser humano. Para o autor, a literatura corresponde a

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (p. 176).

Considero que esta perspectiva não exclui diferentes formas literárias e, de certo modo, converge ao conceito de diversidade proposto por Mignolo quando trata da superação da diferença colonial. Compreender a literatura nessa dimensão, principalmente a partir do local em que estamos é importante, pois Antonio Candido (2012) ressalta que, “na América Latina, a literatura foi frequentemente devoradora” (p. 105). No início do processo de colonização, nos séculos XV e XVI, ela era utilizada como uma forma de legitimar os conhecimentos em determinados contextos.

Compreendendo, assim, os livros paradidáticos que possuem um toque poético, ficcional ou dramático como integrantes do que podemos chamar de literatura. Esse movimento de tornar algo parte da literatura, por meio de elementos que compõem a definição utilizada, eu estou denominando como uma literaturização. No caso, está sendo promovida uma literaturização dos paradidáticos que serão escolhidos para a investigação.

Nessa perspectiva, é possível pensar em quais contextos são desenvolvidas as histórias que compõem os livros paradidáticos. Não devemos, no entanto, desconsiderar que a literatura é uma das formas que a arte tem de apresentar os diferentes contextos e, quando trabalhada na escola, talvez seja a única forma de estudantes conhecerem outras e outros personagens (históricos, sociais etc.) e culturas. Dirigindo-nos especificamente aos livros paradidáticos de Matemática, eles podem ser um meio junto ao qual estudantes da Educação Básica conheçam outras matemáticas que acrescentem aquelas presentes nos livros didáticos, além de uma opção outra para além das aulas conteudistas e lineares tradicionais valorizadas por alguns professores de Matemática (GARNICA, 2008).

Outra consideração é que, como aponta Antônio Cândido (2012), “nossa época é aparentemente dominada pelo critério de utilidade” (p.105). Esse critério tem relações com o momento sócio-político-histórico em que vivemos, marcado pela lógica capitalista imediatista. Esse contexto tende a não considerar as particularidades de sujeitos outros, de experiências outras, de matemáticas outras

para além das euro-eua-cêntricas que devoraram as culturas latino-americanas e se instalaram como as predominantes e verdadeiras desde o início do processo de colonização.

Esta pesquisa propõe olhar para os livros paradidáticos de Matemática – que possuem um toque poético, ficcional ou dramático e que já foram colocados aqui como literatura – assumindo uma postura decolonial, de modo a se aproximar de uma forma decolonial de realizar uma crítica literária. Contudo, não é esta a pretensão. A proposta é olhar para as histórias, as e os personagens, as matemáticas nos livros e tanto mais que for possível. Além do mais, se serão investigados aspectos que aproximam os livros da colonialidade, seriam eles objetos históricos?

Compagnon (2010) associa a crítica literária a um terreno de múltiplas dimensões, em que podem ser considerados a literatura por si própria, os autores, os mundos, os leitores, os estilos, as histórias ou os valores. O autor considera a literatura como algo que pode inquietar, provocar e desconfortar e reconhece os textos literários, a partir dos traços distintivos, como documentos históricos. Para ele, a crítica literária é compreendida como “um discurso que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e os efeitos que as obras exercem sobre (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais” (p. 21). Seria esta pesquisa um ensaio de uma crítica literária com uma postura decolonial? Talvez seja muita presunção pensar assim.

Tratar de literatura e matemática causa alguns estranhamentos em uma grande parte do público, e essa história não é antiga. A literatura e as ciências exatas não são rivais, embora existam registros de uma disputa desde, pelo menos, o século XIX. De acordo com Antoine Compagnon (2009), “as ‘ciências exatas’ e as ‘letras frívolas’ – eram os termos dele [Bonald] – disputavam o papel da moral, mas as ciências começavam a gozar de um prestígio superior” (p. 27). Ainda hoje, as ciências exatas, tendo a Matemática como a representante mais temida, são alvos de estranhamentos sociais. Na escola da Educação Básica, estão separadas pelos muros das disciplinas e aqueles



que tentam superá-los encontram diferentes barreiras, como “Isso é aula de Matemática e não de Português!” ou “Matemática a gente tem que fazer conta com números e não ficar contar história!”.

Os discursos anteriores refletem uma visão de matemática também imposta pela colonialidade, uma vez que passam uma ideia tida como “universal”. Nesse contexto, os livros paradidáticos de Matemática são tomados como meios simbólicos que representam culturas matemáticas por meio de narrativas e, para Castro-Goméz e Grosfoguel (2007), as relações coloniais de dependência de centros culturais podem conduzir a problemas tais como a subestimação do “papel do simbólico na formação das hierarquias moderno/coloniais” (p. 18, tradução minha)<sup>1</sup>. Essas hierarquias colocam em evidências relações coloniais de poder que “constituem a complexidade dos processos de acumulação capitalista articulados em uma hierarquia racial/étnica global e suas classificações derivadas de superior/inferior, desenvolvido/subdesenvolvido e povos civilizados/bárbaros” (p. 19, tradução minha)<sup>2</sup>.

A partir das exposições anteriores, os livros também podem se apresentar como um importante instrumento de colonialidade cultural, como dito por Antonio Candido (2012) em suas análises centradas na América Latina. No ensino de matemática, eles podem ser símbolos que tornam possível a reafirmação de seres que sabem a matemática eurocêntrica institucionalizada em nosso sistema educacional junto a meios que, historicamente, tendem a contar algum tipo de realidade: a literatura. Mais especificamente, a literatura produzida no Brasil a partir da década de 1960, que tinha como objetivo valorizar autores e culturas nacionais (PAIXÃO, 1996).

Uma das dimensões da crítica literária diz respeito à *mimêsis*, uma representação da realidade reconhecida nos mundos ficcionais. Assim, retomando a ideia de que os livros paradidáticos tinham como proposta trazer ao leitor a realidade brasileira, quem são os sujeitos que constituem os mundos ficcionais desses livros? Que representações de brasileiras e brasileiros são essas? Contudo, antes de considerar

essas representações, é também preciso conhecer quem escreveu e ilustrou esses mundos.

Ao promover o reconhecimento das autoras e dos autores ou das ilustradoras e dos ilustradores dos livros, apagamentos e exclusões são cometidas. Até chegarem aos leitores, os livros passam por várias pessoas, entre diagramadores, editores e revisores. Contudo, neste trabalho, chamarei a atenção, em um primeiro momento, para a figura de autores e ilustradores. Essa escolha se torna necessária a partir da crença de que as concepções dos autores de matemática compõem os textos escritos, com ideias e valores, e a forma como as personagens são ilustradas refletem os seres que podem constituir a realidade das histórias.

Considerando os autores dos livros de literatura, Louise Rosenblatt (2002) sugere que “o autor escreve a partir de uma estrutura social ou mesmo, talvez, de uma ordem cósmica” (p 32, tradução minha)<sup>3</sup>. Assim, as autoras e os autores dos livros paradidáticos de Matemática podem refletir ideários e discursos adquiridos durante sua formação, entrelaçadas a um saber matemático colonial ou a ideias de “uma matemática diversa” encontrada na realidade brasileira. As ilustradoras e os ilustradores, por sua vez, apresentam espaços e personagens em que as histórias ocorrem. Conhecer algumas de suas histórias também pode ser importante para revelar as imagens de seres e espaços em que a matemática pode ser encontrada.

Esse movimento de conhecimento aos autores e ilustradores ganhou relevância após uma *live* da escritora Kiusam de Oliveira (2020) à editora Companhia das Letras, em que foi sugerido que as histórias de cada cultura apresentadas nos livros devem ser escritas pelos seres das próprias culturas, como, por exemplo, ao escrever um livro sobre cultura indígena, o escritor deve ser indígena. Não deixando de considerar o tempo e o espaço em que os livros paradidáticos de matemática foram escritos, é preciso pensar em quem os tornou possíveis, quem escreveu e quem ilustrou histórias que são disponibilizadas em escolas e ajudam a legitimar ideias de culturas e seres.

As e os personagens também compõem esse movimento de compreensão de questões coloniais que perpassam os paradidáticos. Para os leitores, os modos como as e os personagens se comportam, os saberes que elas podem ou não ter sobre a matemática, traduzem ideias e valores que podem ser tomados como parte de suas vidas. Desse modo, a forma como são apresentadas nos livros são importantes, pois, como diz Rosenblatt (2002), “sem dúvida, para a grande maioria dos leitores, a experiência que a literatura mostra é fundamental” (p. 33, tradução minhas)<sup>4</sup>.

Os sujeitos evidenciados e as questões coloniais que fazem parte da sociedade em que coexistem, ao serem abordados, buscam trazer à discussão questões de sujeitos que podem saber matemática, como se comportam diante dos problemas matemáticos que surgem nos livros e possibilidades outras. Pensar sobre isso permite refletir em diversidades de pensamentos, de culturas e de seres que fazem parte da realidade brasileira e que deveriam estar em diferentes espaços, como os livros paradidáticos de Matemática. Pensar desse modo em uma perspectiva decolonial pode ser aproximada à colonialidade do ser que, para Maldonado-Torres (2007)

incorpora a ideia do caráter diferencial da diversidade [de formas de desumanização baseadas na ideia de raça], pois a ideia de raça não ignora sua origem e tende a manter (embora com variações e exceções ligadas à história colonial local de distintos lugares, ou a momentos históricos particulares) o indígena e o negro como categorias preferenciais de desumanização racial na modernidade (p. 133, tradução minha)<sup>5</sup>.

Os modos de ler os livros ainda estão por vir, acredito. Estou lendo cada um dos que saparei sem compromisso, com o objetivo de escolher qual dedicar a pesquisa. Contudo, tenho tentado considerar cada um deles como uma das formas de se estudar Matemática nesses tempos de ensino remoto, com o otimismo de que as aulas na Educação Básica não estejam tão cansativas para as crianças como estão para nós, professoras e professores. Tentei encontrar os livros online, mas não consegui.

Com as bibliotecas fechadas, fica difícil estudar. Uma “nova” onda da pandemia está chegando e só resta a esperança de que não seja tão ruim como os números preveem.

Em tempos de pandemia, a literatura, como uma arte, pode agir como um remédio. Um remédio para a alma. Dante Gallian (2017) assinala que, nos currículos escolares, a literatura é estudada para “se conhecer melhor o pensamento de uma época, identificar seus padrões ideológicos e possibilitar análises comparativas” (p. 37). Embora em alguns livros literários sejam repercutidas situações de opressão e desumanização, ela pode ser usada como uma alternativa a esse mundo, contribuindo para uma análise crítica das atitudes, das pessoas, das sociedades, dos valores humanos. Que a literatura ajude a nos curar, nos dê alegria e vontade de viver, porque as notícias tristes estão cada vez piores e mais próximas.

Cuide-se, Profa. Ana.

Luana

Referências:

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011.

CANDIDO, Antonio. Literatura, espelho da América?. *Remate de Males*, 3 dez. 2012, p. 105-113. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635995>. Acesso em: 25 mai. 2020.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?*. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Tradução de Laura Taddei Brandini. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GALLIAN, Dante. *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Um ensaio sobre as concepções de professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. *Educação e Pesquisa*. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 34, n. 3,

p. 495-510, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/8574>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-24.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Companhia virtual: conversa sobre Literatura e Educação com Kiusam de Oliveira*. Canal da Companhia das Letras no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZdTDYZ-iDLA>. Acesso em: 28 maio 2020.

ROSENBLATT, Louise. *La literatura como exploración*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

## 9.1. A nova onda e outra pausa

11 abr. 2021 – 11:21

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

Que a literatura nos faça resistentes, assim como as orquídeas, minhas flores favoritas. Que nossas esperanças possam durar mais de noventa dias e serem infinitas. Que continuemos saudáveis e a vacina chegue aos nossos braços tão rápido quanto tem chegado aos idosos.

Por aqui as coisas também ficaram difíceis. Essa nova onda está assustadora. Vamos dar um tempo na pesquisa. Uma pausa nos fará bem e poderemos aproveitar para fazer umas leituras e nos atualizar. Você disse que está lendo alguns livros para escolher os que vai pesquisar. Não deixe de me contar em nosso próximo contato.

Desejo que sua família fique bem.

Ana

Quer conhecer mais sobre as orquídeas e suas conexões com a dissertação?

Acesse o QR Code.



Está sem internet? Vá ao Apêndice III e confira o conteúdo.

10. A escolha dos objetos de pesquisa

10 maio 2021 – 10:21

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

Como estamos vivendo em uma pandemia, não consigo frequentar bibliotecas de escolas ou da Universidade. Para escolher os livros da pesquisa, realizei buscas na internet em diferentes sites, incluindo o *Portal Domínio Público*, *blogs* de professores de Matemática, o site do Prof. Nilson José Machado, e ~~sites secretos~~, algum livro ou coleção com acesso disponível, mas nada. Não consegui acesso aos paradidáticos voltados ao ensino de Matemática.

Como alternativa, comecei a pesquisar opções de paradidáticos de Matemática nos trabalhos que encontrei durante a revisão de literatura. Paralelamente, pesquisei em livros didáticos aprovados no PNLD 2020, destinado aos anos finais do Ensino Fundamental e as coleções mais citadas foram: *O contador de histórias e outras histórias da Matemática*, da editora FTD; *Pra quê serve a Matemática*, da editora Atual; *Matemática em mil e uma histórias*, da editora FTD; *A descoberta da Matemática*, da editora Ática; *Contando a história da Matemática*, da editora Ática; e *Vivendo a Matemática*, da editora Scipione.

Imaginando que a pandemia estava longe do fim (como ainda parece estar), no mês de abril do ano passado, em 2020, eu entrei em contato com as editoras Ática, Atual e Scipione (que fazem parte do grupo Somos Educação), Moderna, FTD e do Brasil. Eu escolhi essas editoras devido à facilidade de acesso à existência de seus materiais em pesquisas com paradidáticos e em buscas no Google.

Primeiramente, eu pesquisei nos sites sobre os livros usando as palavras-chaves “paradidático”, “material complementar”, “apoio didático” e mesmo “didático”. Os resultados não foram satisfatórios, uma vez que pouco material foi encontrado.

Resolvi, então, entrar em contato pelos canais de *Fale Conosco* em campos dos próprios sites ou pelo endereço de e-mail indicado para contato. Segue o modelo do e-mail que enviei:

---

Caros colaboradores da Editora \_\_\_\_\_,

Meu nome é Luana e sou estudante de mestrado em Educação Matemática na UFMG. Estou realizando uma pesquisa sobre as contribuições dos paradidáticos de Matemática e gostaria de recomendações de livros que tenham essa classificação. Aguardo retorno.

Cordialmente, Luana Lima.

---

Com este e-mail, eu tinha a intenção de que as editoras me indicassem alguns livros que eu pudesse realizar a pesquisa e, quem sabe, dizerem que poderiam contribuir me enviando o material. Doce ilusão... (Não precisa me achar muito sonhadora, pois minha mãe fez isso durante a pesquisa da dissertação dela e deu certo. Nem todas as histórias se repetem, né?!)

Após alguns meses, recebi o retorno da editora Moderna, que pediu desculpas pela demora em responder o e-mail e encaminhou um outro endereço de contato, que não foi respondido. O Grupo SOMOS Educação também me retornou, indicando um site para que eu tivesse acesso aos materiais desejados.

Fábio Weintraub, responsável pelo segmento de Literatura Infanto-Juvenil do grupo, respondeu ao e-mail indicando a plataforma Coletivo Leitor<sup>1</sup>, um banco com os livros de literatura das editoras que compõem o grupo educacional. Segundo suas coordenadas de busca, o filtro deveria ser refinado para “Temática” e utilizada a palavra-chave “Matemática”. O e-mail ainda foi acompanhado da divulgação da



plataforma, com a oportunidade de cadastro e recebimento dos comunicados, com artigos semanais e outros conteúdos.

Ao buscar pela temática “Matemática”, foram encontrados livros paradidáticos de duas séries: *Turma da Matemática*, no segmento de informativos infantis para os primeiros anos do Ensino Fundamental, e *A Descoberta da Matemática*, no segmento informativo juvenil com temas matemáticos dos últimos anos do Ensino Fundamental. Ao acessar alguns livros, é possível encontrar uma parte da obra como degustação e o *Guia do Professor* para auxiliar o trabalho docente.

Neste momento da pesquisa, em abril de 2020, a série *A Descoberta da Matemática* foi cogitada como a que faria parte da pesquisa, principalmente por sua aproximação com minha área de formação e atuação e de único retorno que havia recebido por e-mail, sendo a única coleção que tinha informações completas. Em um contato posterior com o meu orientador, conseguimos acesso a uma lista de livros que fazem parte da biblioteca do Laboratório de Ensino de Matemática da Faculdade de Educação da UFMG, mas, devido à pandemia da Covid-19, o acesso a esses livros não foi possível.

Assim, a série antes cogitada, foi escolhida. Seu objetivo, de acordo com Dalcin (2002) é “levar para o campo da Matemática características presentes em obras paradidáticas já existentes no mercado para a Língua Portuguesa, em coleções de livros clássicos de literatura, as coleções de livros de literatura infanto-juvenil” (p. 25).

Após a escolha da coleção, meu orientador iniciou uma busca por pessoas que poderiam ajudar a encontrar o material completo, os livros com seus *Suplementos de leitura*. Acredito que, devido às dificuldades do momento em que estávamos vivendo (e que ainda não mudou muito), entre famílias, pesquisas, novas formas de viver e uma mistura de sentimentos, as pessoas se encontravam em situações complicadas e não obtivemos retorno.

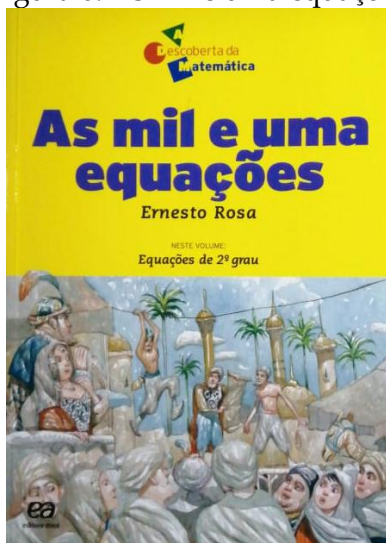
Desde a aprovação no Mestrado, as leituras sobre o tema não pararam, mesmo com duas cirurgias que minha mãe passou, uma em fevereiro e outra em junho de 2020, e das quais eu cuidei todos os dias devido a complicações pós-cirúrgicas. Ao final de junho, todos em minha casa ficaram doentes com a Covid-19. Meus pais foram hospitalizados, minha mãe em estado grave, e, além das preocupações e sintomas da própria doença, os medos e as inseguranças com cada dia seguinte me impediram de continuar os estudos e participar das reuniões de pesquisa.

No momento preocupante pelo qual passávamos, meu orientador e colegas de mestrado enviaram flores para minha casa. Mais que um gesto de carinho no dia que minha mãe teve mais complicações, enquanto estava hospitalizada com mais de 70% do pulmão tomado pela pneumonia do novo coronavírus, o recebimento das flores foi motivo para eu reunir forças para pensar na pesquisa novamente. Naquele mesmo dia, à noite, comecei a pesquisar sobre a coleção que havia escolhido e, após confirmar com meu orientador que não havíamos tido retorno sobre os livros, separei-os no carrinho de compras online e realizei o pedido no dia seguinte utilizando a bolsa da Capes para realizar o pagamento.

Talvez a senhora considere que estou dando informações demais, que são irrelevantes para a pesquisa. Contudo, esses momentos por que passei foram pontapés que tornaram cada momento possível de ser sentido e vivido. Depois que os livros chegaram em casa, pude perceber que eu não havia errado na escolha.

Explicito aqui, então, o *corpus* desta pesquisa (por enquanto): os quinze livros da série *A Descoberta da Matemática*, acompanhados de seus respectivos *Suplementos de leitura* e a *Guias do professor* de algumas obras. Com esses materiais, pretendemos pensar o problema da pesquisa: Como a colonialidade está presente nos livros paradidáticos da série *A Descoberta da Matemática* e seus epitextos, *Suplementos de leitura* e *Guias do professor*? Envio a imagem dos livros para que a senhora conheça algumas informações sobre eles.

Figura 6: As mil e uma equações



Fonte: ROSA, 2016.

Título: As mil e uma equações

Autor: Ernesto Rosa (Matemático e pedagogo)

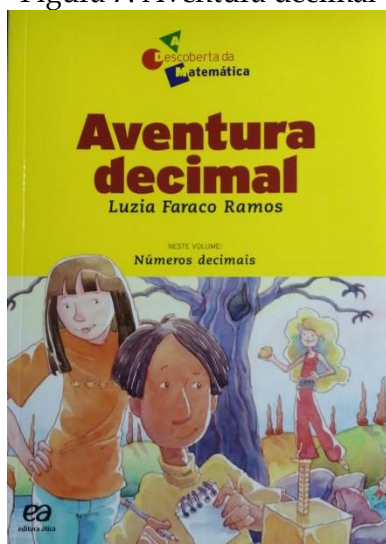
Ilustrações: Marcelo Lelis

Editora: Ática

Ano: 2016

A primeira edição deste livro foi publicada em 1992. A foto ao lado apresenta a capa da 10ª edição, 17ª impressão, publicada em 2016.

Figura 7: Aventura decimal



Fonte: RAMOS, 2018a.

Título: Aventura decimal

Autora: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

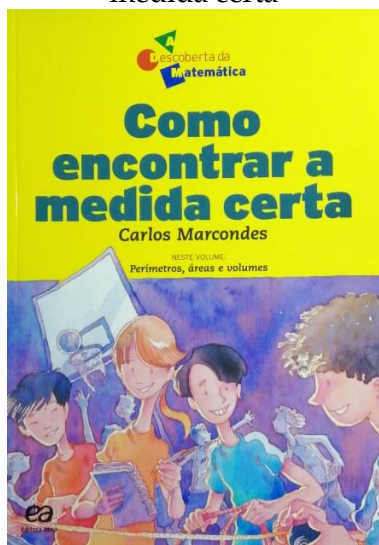
Ilustrações: Cris e Jean

Editora: Ática

Ano: 2018

A primeira edição deste livro foi publicada em 1989. A foto ao lado apresenta a capa da 13ª edição, 18ª impressão, publicada em 2018.

Figura 8: Como encontrar a medida certa



Fonte: MARCONDES, 2016.

Título: Como encontrar a medida certa

Autor: Carlos Marcondes (Professor de Matemática da Universidade Mackenzie)

Ilustrações: Cris e Jean

Editora: Ática

Ano: 2016

A primeira edição deste livro foi publicada em 1989. A foto ao lado apresenta a capa da 13ª edição, 15ª impressão, publicada em 2016.

Figura 9: Em busca das coordenadas



Fonte: ROSA, 2016.

Título: Em busca de coordenadas

Autor: Ernesto Rosa (Matemático e pedagogo)

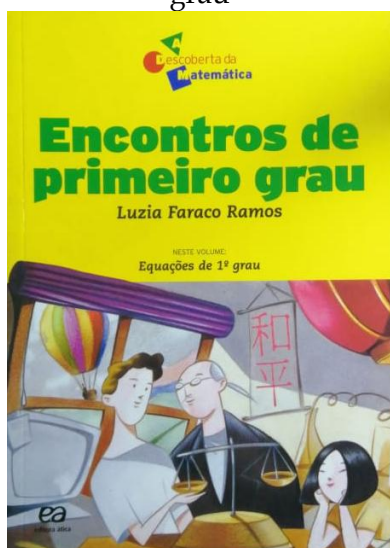
Ilustrações: Robson Araújo

Editora: Ática

Ano: 2011

A primeira edição deste livro foi publicada em 1988. A foto ao lado apresenta a capa da 11ª edição, 9ª impressão, publicada em 2011.

Figura 10: Encontros de primeiro grau



Fonte: RAMOS, 2016.

Título: Encontros de primeiro grau

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

Ilustrações: Robson Araújo

Editora: Ática

Ano: 2016

A primeira edição deste livro foi publicada em 1992. A foto ao lado apresenta a capa da 10ª edição, 18ª impressão, publicada em 2016.

Figura 11: Frações sem mistérios



Fonte: RAMOS, 2019.

Título: Frações sem mistérios

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

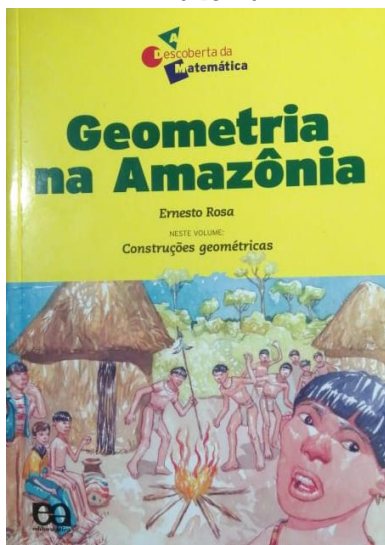
Ilustrações: Cris e Jean

Editora: Ática

Ano: 2019

A primeira edição deste livro foi publicada em 1998. A foto ao lado apresenta a capa da 19ª edição, 24ª impressão, publicada em 2019.

Figura 12: Geometria na Amazônia



Fonte: ROSA, 2010.

Título: Geometria na Amazônia

Autor: Ernesto Rosa (Matemático e pedagogo)

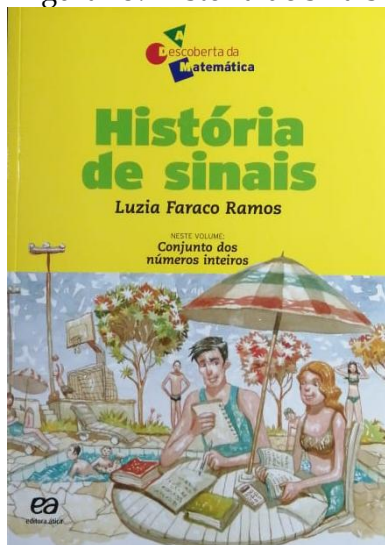
Ilustrações: Marcelo Lelis

Editora: Ática

Ano: 2010

A primeira edição deste livro não consta nas informações editoriais da versão que tive acesso. A foto ao lado apresenta a capa da 10ª edição, 10ª impressão, publicada em 2010.

Figura 13: História de sinais



Fonte: RAMOS, 2015.

Título: História de sinais

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

Ilustrações: Marcelo Lelis

Editora: Ática

Ano: 2015

A primeira edição deste livro foi publicada em 1987. A foto ao lado apresenta a capa da 17ª edição, 20ª impressão, publicada em 2015.

Figura 14: Medir é comparar



Fonte: SILVA; LOUZADA, 2012.

Título: Medir é comparar

Autores: Cláudio Xavier da Silva (Professor e coordenador pedagógico de Matemática) e Fernando M. Louzada (Professor e coordenador pedagógico de Ciências)

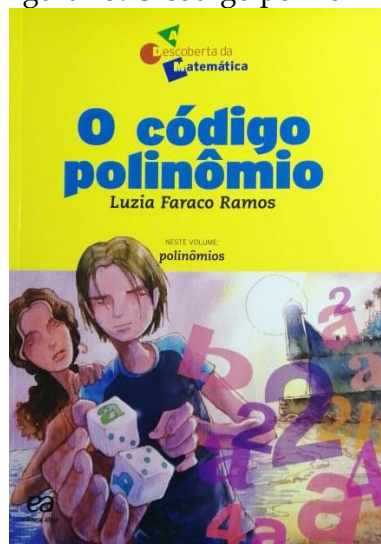
Ilustrações: Marcelo Lelis

Editora: Ática

Ano: 2012

A primeira edição deste livro foi publicada em 1997. A foto ao lado apresenta a capa da 2ª edição, 10ª impressão, publicada em 2012.

Figura 15: O código polinômio



Fonte: RAMOS, 2018b.

Título: O código polinômio

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

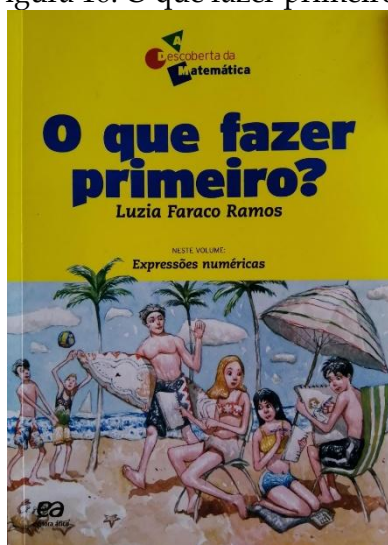
Ilustrações: Chris Eich

Editora: Ática

Ano: 2018

A primeira edição deste livro foi publicada em 2007. A foto ao lado apresenta a capa da 1ª edição, 11ª impressão, publicada em 2018.

Figura 16: O que fazer primeiro?



Fonte: RAMOS, 2018c.

Título: O que fazer primeiro?

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

Ilustrações: Marcelo Lelis

Editora: Ática

Ano: 2018

A primeira edição deste livro foi publicada em 1987. A foto ao lado apresenta a capa da 18ª edição, 20ª impressão, publicada em 2018.

Figura 17: O segredo dos números



Fonte: RAMOS, 2018d.

Título: O segredo dos números

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

Ilustrações: Robson Araújo

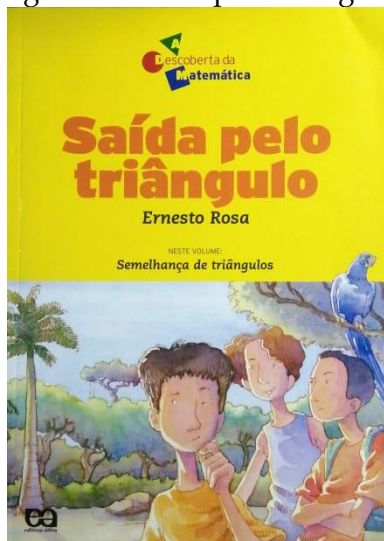
Editora: Ática

Ano: 2018

A primeira edição deste livro foi publicada em 1988. A foto ao lado apresenta a capa da 13ª edição, 18ª impressão, publicada em 2018.



Figura 18: Saída pelo triângulo



Fonte: ROSA, 2006.

Título: Saída pelo triângulo

Autor: Ernesto Rosa (Matemático e pedagogo)

Ilustrações: Cris e Jean

Editora: Ática

Ano: 2006

A primeira edição deste livro não consta nas informações editoriais da versão que tive acesso. A foto ao lado apresenta a capa da 13ª edição, 3ª impressão, publicada em 2006.

Figura 19: Uma proporção ecológica



Fonte: RAMOS, 2014.

Título: Uma proporção ecológica

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

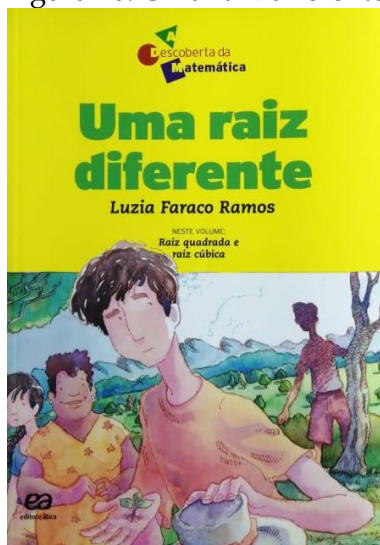
Ilustrações: Robson Araújo

Editora: Ática

Ano: 2014

A primeira edição deste livro foi publicada em 1994. A foto ao lado apresenta a capa da 21ª edição, 14ª impressão, publicada em 2014.

Figura 20: Uma raiz diferente



Fonte: RAMOS, 2018e.

Título: Uma raiz diferente

Autor: Luzia Faraco Ramos (Matemática e psicopedagoga)

Ilustrações: Cris e Jean

Editora: Ática

Ano: 2018

A primeira edição deste livro foi publicada em 1987. A foto ao lado apresenta a capa da 13ª edição, 14ª impressão, publicada em 2018.

Vou ler os livros e os materiais complementares para decidir quais pesquisar. Em breve entro em contato novamente.

Fique bem,

Luana.

Referências:

DALCIN, Andreia. *Um olhar sobre o paradidático de matemática*. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

MARCONDES, Carlos. *Como encontrar a medida certa*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2016. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Aventura decimal*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018a. 120 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Encontros de primeiro grau*. Ilustrações: Robson Araújo. 10. ed. São Paulo: Ática, 2016. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Frações sem mistérios*. Ilustrações: Cris e Jean. 19. ed. São Paulo: Ática, 2019. 112 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *História de sinais*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 17. ed. São Paulo: Ática, 2015. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O código polinômio*. Ilustrações: Chris Eich. 1. ed. São Paulo: Ática, 2018b. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O que fazer primeiro?*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 18. ed. São Paulo: Ática, 2018c. 64 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O segredo dos números*. Ilustrações: Robson Araújo. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018d. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Uma raiz diferente*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018e. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Uma proporção ecológica*. Ilustrações: Robson Araújo. 21. ed. São Paulo: Ática, 2014. 80 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *As mil e uma equações*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 10 ed. São Paulo: Ática, 2016. 72 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Em busca das coordenadas*. Ilustrações: Robson Araújo. 11. ed. São Paulo: Ática, 2016. 96 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Geometria na Amazônia*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 10. ed. São Paulo: Ática, 2010. 112 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Saída pelo triângulo*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. 90 p. (Série A Descoberta da Matemática).

SILVA, Cláudio Xavier da; LOUZADA, Fernando M. *Medir é comparar*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. 72 p. (Série A Descoberta da Matemática).

## 10.1. Altere a coleção pesquisada

02 maio 2021 – 01:22

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

Você já ouviu falar da *Coleção Vivendo a Matemática* ou da *Coleção Pra quê serve a Matemática*? Vi que você as citou no início do seu e-mail, mas não vi nenhuma análise que pudesse excluí-las como possibilidades de pesquisa. Você não acha que é ruim pesquisar a coleção da editora que respondeu ao seu e-mail? Não gostei que você escolheu essa coleção. Para mim, tem outras muito melhores.

Espero que você mude de ideia e escolha investigar outros livros. Inclusive, essa coleção conta com muitos livros. Sugiro que diminua a quantidade de livros para a pesquisa. Você reparou no tamanho dos seus e-mails anteriores? Está analisando tanto que acho que a investigação de uma coleção deve resultar quase que em uma outra coleção.

Pense melhor. A pesquisa até parecia estar indo bem, mas ervas daninhas estão nascendo nesse seu jardim.

Ervas daninhas e a coleção escolhida? Acesse o QR Code e saiba mais.



Está sem internet? Vá ao Apêndice III e confira o conteúdo.

Aguardo notícias melhores de sua pesquisa.

Ana.

11. O sumiço da pesquisadora

12 jul 2021 – 21:12

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

Por onde você anda? Desistiu de fazer a pesquisa?

Aguardo notícias.

Ana.

12. Sobre a escolha da coleção *A Descoberta da Matemática*

20 jul. 2021 - 20:20

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

Desculpe a demora em responder ao seu e-mail.

Estava finalizando algumas escritas e pesquisando sobre as outras coleções também. Inclusive, precisei comprar mais livros paradidáticos para ler e justificar melhor minha escolha. A bolsa da Capes tem salvado a realização da pesquisa, ainda mais durante a pandemia, em que o acesso aos materiais está restrito.

O primeiro ponto que gostaria de destacar foi a dificuldade em encontrar os outros livros paradidáticos, tanto aqueles mencionados na dissertação da Profa. Andreia Dalcin quanto os sugeridos pela senhora. Os que adquiri foram em lojas de sebos virtuais, pois eles não estão sendo comercializados no site das próprias editoras e nenhum deles possui edição recente. Considero que este é um fator de relevância para a escolha dos livros.

A investigação também está marcada por um caráter da análise de algo que possa estar presente no cotidiano das escolas. Contudo, apesar de esses livros estarem indicados em coleções de livros didáticos, a falta de comercialização das editoras e, mesmo, as suas ausências nos editais do PNBE<sup>1</sup> e do PNLD Literário<sup>2</sup>, nos sinalizam que eles não estão mais nas escolas. É possível considerar, inclusive, que a indicação nos livros didáticos é para cumprir um dos requisitos da análise para seleção das obras e garantir a aprovação da coleção, sem possibilitar a sua aquisição pelas escolas ou consumo pelas e pelos estudantes.

A escolha da coleção foi questionada, também, pelas professoras do Seminário de Pesquisa, uma disciplina obrigatória da pós-graduação em que compartilhamos os projetos com colegas que estão no início de suas investigações, e pela Profa. Andreia.

Ah, pulei essa parte! Desculpe a falha. O tempo parece que passa tão rápido e ao mesmo tempo tão devagar que detalhes vão ficando para trás.

A Profa. Dra. Andreia Dalcin foi a parecerista do meu projeto de pesquisa e eu e Filipe nos reunimos com ela no final do ano passado. Ela questionou a escolha da coleção, dizendo que haveria outras com abordagens matemáticas mais interessantes. Um exemplo é a coleção *Vivendo a Matemática*, que ela disse ter inspiração russa e contar mais fortemente com uma questão cultural, que daria uma boa análise a partir da decolonialidade. A professora ainda acrescentou algumas pontuações voltadas às relações entre a matemática, a história e a literatura. Eu, inclusive, fiz o minicurso sobre esse tema que ela, o Prof. Dr. Rafael Montoito e o Prof. Dr. Diogo Franco Rios ministraram no *Seminário Nacional de História da Matemática*<sup>3</sup>, em março desse ano.

Todos os encontros com a Profa. Andreia permitiram ampliar o meu olhar para a proximidade da literatura como fonte histórica e perceber formas como a ela pode se comportar como uma válvula de escape, uma resistência, tensionando tensionar discursos totalizantes sobre a matemática. Uma análise simples nos permite perceber como esses discursos totalizantes sobre a matemática podem permanecer ao longo do tempo e serem legitimados pela história, ou mesmo pela indústria da cultura, como a arte, o cinema e a televisão.

Motivos não me faltaram para mudar de opinião sobre a escolha dos objetos de pesquisa. A Prof. Andreia também sugeriu entrar em contato com editoras locais e regionais, de outras universidades, como estratégia de divulgação de obras para além daquelas que dominam o mercado atual. Fiquei inclinada em aceitar essa ideia, mas, se em um mundo sem pandemia essa possibilidade não é fácil, em um mundo

se aproximando de uma nova onda da pandemia, o contato se torna ainda mais difícil. Mande e-mails para outras editoras, mas sem retorno.

Continuei pensando mais um pouco e me lembrei do exato momento em que decidi escolher a coleção *A Descoberta da Matemática*. O vírus havia me deixado muito traumatizada e qualquer gesto de atenção e de carinho adquiriram grande importância. Sei que posso parecer sentimental, e tenho certeza de que estava sensível no momento, mas a única pessoa que mostrou algum respeito por alguém que está realizando uma pesquisa foi o Fábio Weintraub, da *Coletivo Leitor*, e, mesmo que seja por interesses mercadológicos, esse gesto não pode passar despercebido.

Talvez meus motivos possam não parecer suficientes. E talvez eu nem precisasse justificá-los tanto, uma vez que a intenção é pesquisar uma coleção que tenha um aspecto literário a partir de uma postura decolonial e não escolher qual versão é melhor para ser usada em sala de aula. Desse modo, confirmo a escolha da coleção que lhe enviei e, a partir dos estudos teóricos sobre literatura, principalmente na perspectiva do Antonio Candido, considero que ela atende aos meus interesses de pesquisa.

Conto com sua compreensão.

E lembro que ervas daninhas também podem florir.

Fique bem.

Luana



12.1. A conformação da coleção escolhida

31 jul 2021 – 13:02

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

Ainda assim, não direi que estou totalmente contente. Uma pesquisadora séria deve se deixar levar pelas emoções? No mestrado você já está e, se o Filipe não diverge de sua escolha, vamos começar.

Quanto aos livros, já escolheu sua metodologia? Vai fazer análise do conteúdo ou análise do discurso? Vai analisar as imagens? Como pretende se portar diante da metodologia de pesquisa? Já estamos em julho e você só tem teorizado. Comece a analisar.

Aguardo seus próximos passos.

Ana

## 13. A busca pela metodologia da pesquisa

15 ago. 2021 – 15:21

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

Eu adoro metodologia! Acho que essa é a parte que mais me diverte e a primeira que vou logo estudar quando desejo pesquisar algo. *Quais as possibilidades que tenho para realizar essa pesquisa?* é a pergunta que me move. Para algumas pessoas, a metodologia pode ser somente uma parte despercebida, em que é realizada a descrição gradual, que obedece a prescrições pré-estabelecidas pela academia. Para outras, pode ser a mais importante de todo o processo. Alguns, inclusive, pulam toda a parte teórica, que evidencia a construção do pensamento da investigação, e leem logo a metodologia e a análise dos dados.

Quando o Filipe me propôs o tema, comecei a procurar por metodologias decoloniais utilizadas em análises de livros, didáticos ou literários. Sem resultados que atendessem à minha proposta, surgiu um problema: *como utilizar as metodologias que existem, descolonizando-as?* Quando o estudo é realizado com livros, espera-se que o resultado seja uma análise de seu conteúdo, seu “interior”: as palavras, as ideias, as imagens... Mas, uma análise não traz, em sua essência semântica, uma concepção extrativista? O extrativismo, assim, está conectado à exploração e à colonização, então, uma análise não vai contra a posição política desta pesquisa?

Muitas foram as dúvidas. E algumas foram as sugestões que apareceram ao longo do percurso. A seguir, abordarei cada uma delas.

As metodologias extrativistas são denominadas, por Boaventura de Sousa Santos (2020), como aquelas “orientadas para a extração de conhecimento sob a forma de matéria-prima – informação relevante – que é fornecida por objetos, sejam humanos ou não-humanos” (p. 194). Nessa perspectiva, analisar os livros pode significar a

extração do conteúdo interno para um estudo externo e, para conservar a posição política, seria necessário descolonizar essa análise. Para o autor, uma descolonização das metodologias “consiste em todos os processos capazes de produzir conhecimento aceitáveis e confiáveis, de modo não extrativista, ou seja, através da cooperação entre sujeitos de saber e não através de interações cognitivas unilaterais sujeito/objeto (p. 194). Essas metodologias poderiam permitir um movimento de aprender-com, em colaboração, possibilitando a construção de “procedimentos capazes de promover o interconhecimento e a interinteligibilidade” (p. 177).

Ao estudar essa possibilidade, logo me veio a pergunta: *E se os livros falassem?*. Posso criar uma metodologia em que os livros conversem comigo ao invés de simplesmente retirar o conteúdo deles? Será que minha imaginação, já nada sensata, está ainda mais afetada pelo isolamento? Espere e a senhora verá, quem sabe em um futuro não muito distante, um escrito sobre essa possibilidade, bem ao estilo do livro infantil de mesmo título, da autora Sandra Campos e ilustrado por Beto Cândia<sup>1</sup>.

O desafio que me conferi não foi abandonado. Dificilmente abandono uma ideia. Mas está guardadinha em um local secreto de uma de minhas nuvens virtuais<sup>2</sup>, que sei não serem nada secretas. Mas, deixo o mistério para o futuro.

Uma outra possibilidade que me surgiu foi a Análise do Discurso, voltada à proposta da Profa. Dra. Eni Orlandi (2015), ao considerar o discurso como efeito de sentidos, um complexo processo de constituição de sujeitos que são afetados pela língua e pela história, cuja produção de sentidos não são meramente a transmissão de informação. Nessa concepção, pensei em uma abordagem que pudesse tratar dos sujeitos, da história, da linguagem e das condições de produção dos discursos, com suas relações de sentidos e de forças.

Então, veio a dúvida: uma Análise do Discurso também não é colonial? Logo comecei outras pesquisas e não encontrei muitas coisas. Em uma conversa com minha mãe,

ela sugeriu que eu olhasse os arquivos da época em que ela realizou o mestrado. Achado com sucesso!

Sara Mills (1997) em seu livro *Discourse*, no quinto capítulo, *Colonial and Post-Colonial Discourse Theory*, apresenta uma concepção crítica de como os escritos literários e não literários produzem concepções de *othering* (outrerização ou outragem), ao conceberem imagens negativas de pessoas diferentes daquelas ditas por “civilizadas” da sociedade britânica. Suas reflexões, orientadas pelos estudos de Edward Said, Gayatri Spivaki e Homi Bhabha, ajudaram-me a compreender ainda mais os efeitos dos discursos que buscam colocar pessoas como superiores ao tornarem as pessoas diferentes como inferiores e as denominarem como outros.

Confesso que fiquei bem inclinada a seguir essa linha de pensamento, mas ela parecia muito complicada e exigir mais tempo de dedicação do que o disponível para a finalização do mestrado. Assim, essa ideia também precisou ser colocada de lado.

O que mais eu poderia tentar? Não tinha mais ideias e nem sabia o que fazer. Meus dilemas metodológicos não me deixavam dormir. Como a parte que eu mais gosto podia me dar tanto trabalho? Pensei, pensei e pensei. Já sei! Decidi. Vou ler os livros, simplesmente por ler. Espera! E se eu ler diferente? E se for uma leitura decolonial? Logo que pensei (já eram mais de dez horas da noite), comecei a pesquisar e encontrei dois trabalhos.

A leitura decolonial existe, não como uma metodologia, mas como postura, estratégia e possibilidade de leituras, em outro plural. Santiago Gómez (2018) sugere a leitura decolonial não como uma metodologia, mas como uma estratégia que permite mostrar a presença do colonialismo e da colonialidade nas obras de Limas Barreto e Roberto Arlt. Weslaine Gomes (2018), por sua vez, defende a leitura decolonial como uma possibilidade de leitura da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, em diálogo com autores do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). Desse modo, decidi ler os livros com atenção aos aspectos coloniais e decoloniais que fossem se

fazer percebendo durante o processo da leitura, principalmente aqueles relacionados às dimensões do poder, saber e ser.

Reconheço que tive muito trabalho na busca pela metodologia, quase como cuidar de uma azaleia que adquirimos outro dia aqui em casa. Parece-me que estamos em uma busca infinita por um local e uma maneira que sejam adequados para mantê-la viva, mesmo que digam que ela é uma planta facilmente adaptável.

Muitas são as formas que eu poderia escolher para realizar a pesquisa, e cada uma levaria a discussões diferentes. Como alguém que gosta de pesquisar, cada pesquisa brota com resultados incríveis que, quando bem discutidos, florescem das mais diversas formas.

Quer saber mais sobre as conexões entre as azaleias e a metodologia de pesquisa? Acesse o QR Code.



Está sem internet? Vá ao Apêndice III e confira o conteúdo.

Fique bem.

Luana

Referências:

GOMES, Weslaine. Um olhar decolonial sobre *A Tempestade*, de William Shakespeare. *Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul*, v. 2, n. 1, 2018. p. 1-8.

Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/857/838>. Acesso em: 28 ago. 2020.

GÓMEZ, Santiago Miguel. *Uma leitura decolonial de Lima Barreto e Arlt*. 2018. 170 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188671>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MILLS, Sara. *Discourse*. London & New York: Routledge, 1997.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. -- 1 ed.; 2 reimp. -- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

## 13.1. O processo de pesquisa

29 ago. 2021 – 22:19

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

A pesquisa envolve o processo de pensamentos que se estruturam por diferentes lógicas que constituem uma investigação. Ela consiste em pensar e envolve a inquietação e a inquietude.

A preocupação com as questões políticas e éticas deve preceder e acompanhar a realização de cada pesquisa. Penso que você não está fazendo uma descoberta, no sentido de descobrir algo que nunca antes foi alcançado, mas está propondo tirar as cobertas de histórias que acompanham posturas coloniais de poder, saber e ser.

Meu jardim está me dando tanto trabalho que acho que seriam infinitas as comparações com a sua metodologia. Vai de cebolinha, couve, brinco de princesa e até violeta. Cada flor tem sua especificidade e precisamos ir em busca das melhores formas de mantê-las vivas.

Aguardo seus próximos cultivos.

Ana

14. Angústias de um ler (de)colonial

17 nov. 2021 – 17:21

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana!

Espero que esteja bem.

Desculpe a ausência durante esses meses. Ler os livros, sem saber por onde ou como começar, tentando analisar sem extrair as informações, é um ato muito difícil. Ler decolonialmente, mobilizando as ideias da colonização do ser, do saber e do ser, remete a uma série de angústias por não conseguir identificar todas essas características no decorrer da narrativa dos livros.

Sei que cada leitura precede as experiências das leitoras e dos leitores e também sei que vivo em uma sociedade colonizada, capitalista, patriarcal, predominantemente eua-eurocêntrica e que sou uma mulher branca. Por esses motivos, são muitos os meus receios de não conseguir realizar um estudo que atenda propriamente às propostas esperada por uma postura decolonial, mas tentarei fazer o meu melhor.

Minhas lutas internas estão em erupção! Como primeira tentativa, iniciarei as propostas de modos de ler os livros em um próximo e-mail. Espero conseguir algo satisfatório.

Até breve,

Luana.



15. Seres e saberes matemáticos em *O segredo dos números*

21 jan. 2022 - 21:22

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Ei, Profa. Ana! Como está?

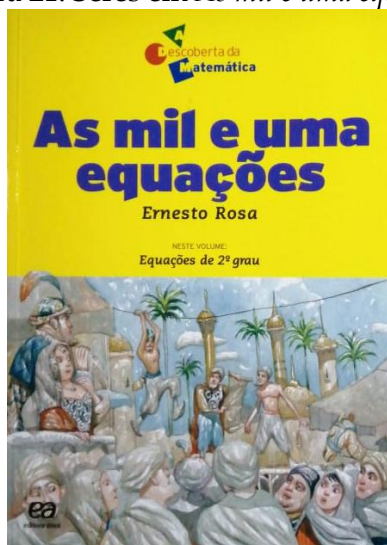
Alguns meses se passaram desde o nosso último contato...

Não tenho palavras para expressar a dificuldade que tenho encontrado para ler os livros paradidáticos adotando uma postura decolonial. Ler sem extrair informações parece um ato impossível! Talvez seja melhor alterar o conceito do ato de ler, ou da palavra extração... Ou, ainda, penso que não deve adiantar alterarmos os conceitos das palavras se não mudarmos nossas formas de ser e agir no mundo.

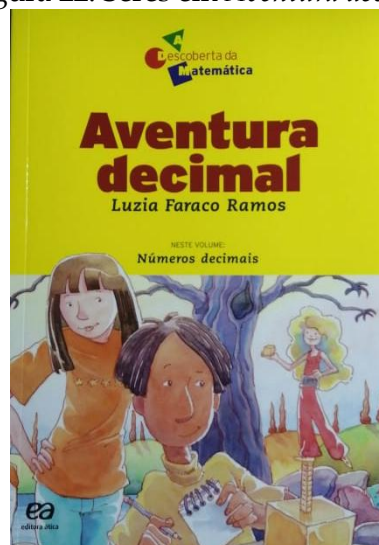
É muita confusão em minha cabeça!

Tentei ler os livros de várias formas diferentes para abordá-los na dissertação. Neste e-mail, irei contar algumas ideias que tenho pensado nesses últimos meses e espero que a senhora possa me ajudar a organizá-las. Preciso me apressar, pois a defesa será este ano!

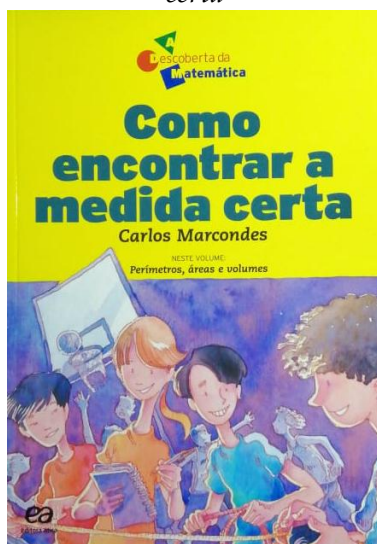
O primeiro aspecto que eu gostaria de discutir está ligado à colonialidade do ser. A senhora reparou as e os personagens que estão nas capas dos livros? No e-mail em que relatei a escolha do objeto de pesquisa, eu enviei as imagens e, para que não precise procurá-lo em sua caixa de entrada, irei inseri-las a seguir.

Figura 21: Seres em *As mil e uma equações*

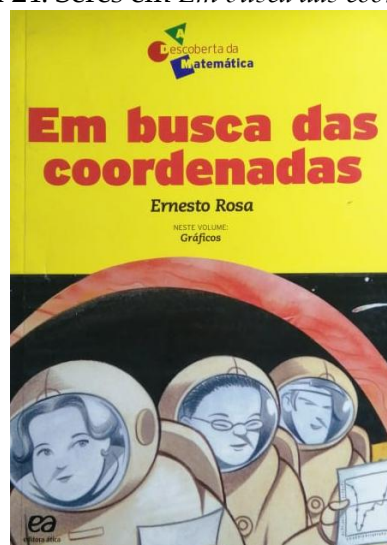
Fonte: ROSA, 2016.

Figura 22: Seres em *Aventura decimal*

Fonte: RAMOS, 2018a.

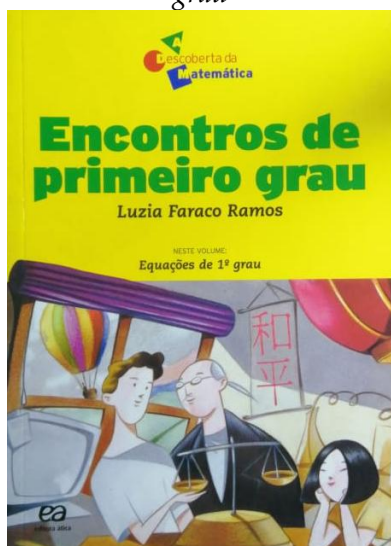
Figura 23: Seres em *Como encontrar a medida certa*

Fonte: MARCONDES, 2016.

Figura 24: Seres em *Em busca das coordenadas*

Fonte: ROSA, 2016.

Figura 25: Seres em *Encontros de primeiro grau*



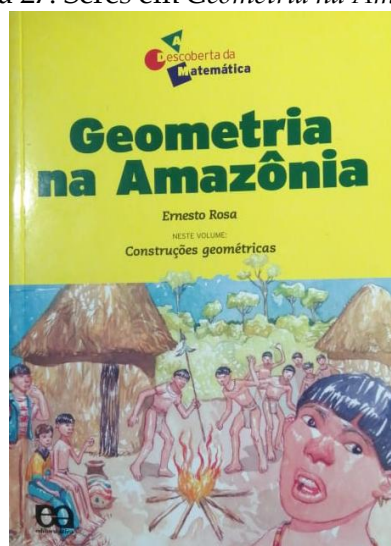
Fonte: RAMOS, 2016.

Figura 26: Seres em *Frações sem mistérios*



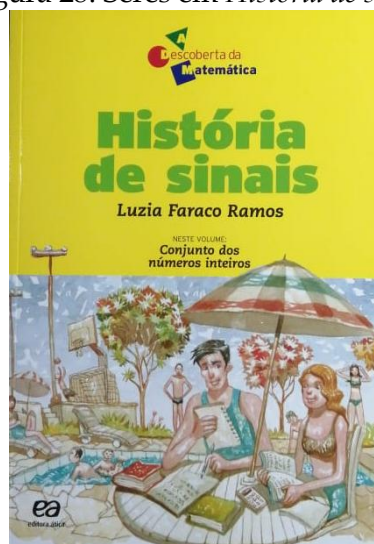
Fonte: RAMOS, 2019.

Figura 27: Seres em *Geometria na Amazônia*

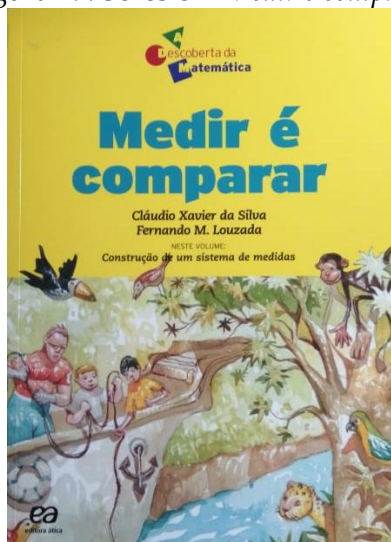


Fonte: ROSA, 2010.

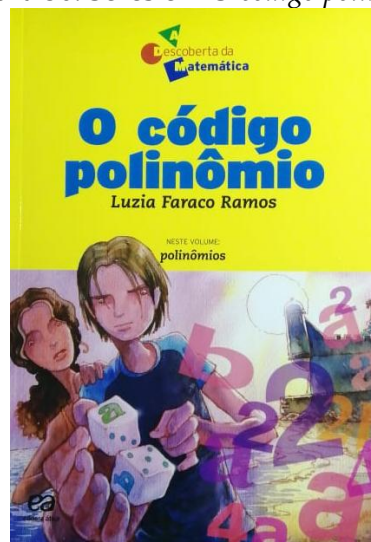
Figura 28: Seres em *História de sinais*



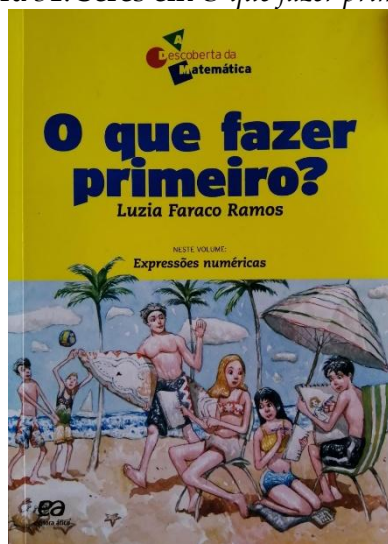
Fonte: RAMOS, 2015.

Figura 29: Seres em *Medir é comparar*

Fonte: SILVA; LOUZADA, 2012.

Figura 30: Seres em *O código polinômio*

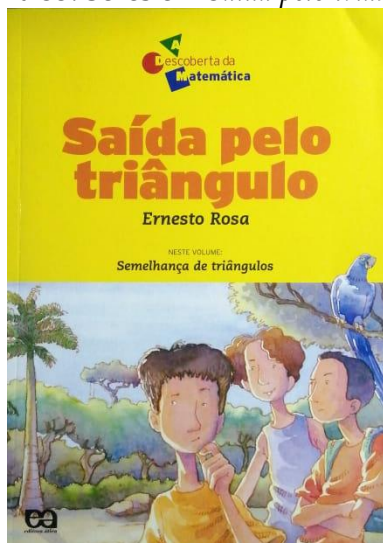
Fonte: RAMOS, 2018b.

Figura 31: Seres em *O que fazer primeiro?*

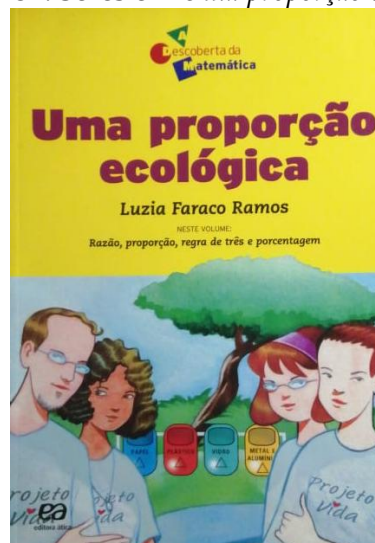
Fonte: RAMOS, 2018c.

Figura 32: Seres em *O segredo dos números*

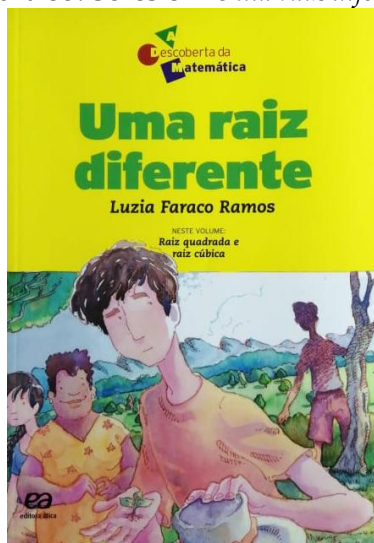
Fonte: RAMOS, 2018d.

Figura 33: Seres em *Saída pelo triângulo*

Fonte: ROSA, 2006.

Figura 34: Seres em *Uma proporção ecológica*

Fonte: RAMOS, 2014.

Figura 35: Seres em *Uma raiz diferente*

Fonte: RAMOS, 2018e.

É possível perceber que as e os personagens têm, em parte significativa, tons de pele branco e rosado. Podemos, ainda, notar que as capas com data de reedição mais recentes apresentam personagens com tons de pele em um marrom mais escuro. Seria essa mudança recente uma adaptação como forma de atender às Leis n.º 10.639/03 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira, e n.º 11.645/08 (BRASIL, 2008) e o ensino da história e da cultura afro-

brasileira e indígena? Se observarmos as datas dos exemplares que eu adquiri, nenhum dos livros tem data anterior a essas leis.

Eu tenho uma versão mais antiga de alguns livros dessa coleção, que a professora de Matemática da minha irmã, na sexta série, solicitou a compra e usou em sala de aula. Nessas edições, as e os personagens não estão coloridos. Assim, por mais que se possa encontrar traços fenóticos que permitam a identificação de características de cada personagem, é possível perceber a pequena quantidade de personagens com traços afro-brasileiros ou indígenas. Considerando que os livros paradidáticos foram escritos buscando representações da realidade brasileira, esse fato deve ser levado em consideração, não acha?

Outro ponto que considero importante é como os temas ligados ao conhecimento (matemático) são abordados ao longo do livro. Para exemplificar, selecionei algumas partes do livro *O segredo dos números*.

No início dessa obra, há um diálogo entre o personagem principal, Tomás, e Miguel, um professor de Matemática e escritor que se mudou para perto da natureza para realizar descobertas sobre o conhecimento. Logo que começam a conversar, Tomás exprime seu desgosto pela Matemática. Ele revela que, quando pensa em Matemática (associando-a à disciplina escolar), liga-a à decoração de fórmulas e de cópias de modelos que já se encontram fixos, prontos, como pode ser observado no trecho que envio a imagem.

Figura 36: O segredo dos números: Eu não gosto de Matemática!

máquina de escrever. Percebendo a surpresa, Miguel explicou:

— Não pense que transportei tudo isso pelo rochedo. Abri uma trilha na mata para o jipe. Sou escritor e atualmente estou pesquisando a origem da contagem...

Tomás nem permitiu que ele terminasse e disse:

— Matemática!!! Mas isso é perseguição mesmo! Eu não gosto de Matemática!

— Se gosta de aventuras, por que não gosta de Matemática?

— Decorar fórmulas e copiar modelos prontos é emocionante por acaso?

— Estou falando da aventura de descobrir os porquês! Tenho certeza de que muitos professores já quiseram estimular isso, mas arrisco a dizer que respondeu a eles: “não quero pensar, não... Só me mostre o que fazer...” Estou certo?

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 12.

Miguel, como muitos professores de Matemática que conheço e que gostam de ensinar essa disciplina, tenta convencer Tomás de que estudar Matemática pode ser uma aventura. A partir dessa concepção, a Matemática é muito mais do que decorar fórmulas ou fazer cópias do que já está pronto, mas descobrir os porquês da natureza.

No trecho acima, Miguel realiza uma crítica que eu já presenciei em outros lugares, de que as e os estudantes, por vezes, dizem às e aos professores que não querem pensar, mas, sim, querem algo pronto. Como, por exemplo, em uma aula de Matemática da Educação Básica, que consiste em passar um exemplo de como fazer um cálculo e, em seguida, dar uma série de exercícios em que é necessário repetir somente algum algoritmo ao invés de refletir criticamente e pensar o porquê se realiza tal procedimento e como ele possa ter surgido.

Em seguida, Miguel continua seu discurso sobre a aventura de descobrir os porquês. É possível acompanhar nas próximas figuras.

Figura 37: O segredo dos números: aprender com a natureza.

— Estou falando do dia a dia, de aprender com a natureza, com o que nos rodeia, lembrando que o homem também faz parte dessa natureza. Sozinho, nesta praia, tento me colocar na condição dos homens que aqui viveram há milhares de anos...

— E o que imaginou sobre eles?

— Que eles sentiam necessidade de contar o que os rodeava... pessoas, animais, peixes, alimento, o tempo passando...

— Como eles iriam contar o tempo se não havia calendários?

— Então Tomás mesmo percebeu: — Já sei, contavam os ciclos dos dias, das luas... Epa! Eu também já estou fazendo descobertas... Acho que isso “pega”!

— Você diz que não gosta, mas a Matemática está presente em tudo na vida. A construção do conhecimento matemático é uma das maiores aventuras humanas — e disse isso oferecendo um coco verde a Tomás.

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 13.

Figura 38: O segredo dos números: a cidade, a natureza e o conhecimento

— Eu nunca pensei assim. É que, na vida da gente, ou melhor, na cidade, está tudo pronto e acabado! Empacotado para ser consumido.

— Eu sei disso... E, como os pensamentos não podem ser “empacotados”, escolhi viver perto da natureza. Tudo aqui está para ser descoberto e desfrutado. Muitas pessoas veem a Matemática como algo pronto, com leis e regras para serem respeitadas, como se ninguém as tivesse criado um dia...

— É verdade, Miguel! Só pode ter sido o homem, que, a partir das necessidades, foi criando tudo...

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 13.

Miguel relaciona o aprendizado à natureza, sugerindo que a proximidade com a natureza possibilita o aprendizado a partir da necessidade que os homens antigos tinham de contar e que, assim, ele pode pesquisar, ou descobrir, sobre as situações



sociais que desencadearam o surgimento da matemática. A história menciona aspectos da natureza que fazem parte dos conhecimentos matemáticos, como a contagem do tempo com o sol e as luas.

Confesso que fiquei presa à questão da noção de que se aprende e se descobre os porquês quando se está perto da natureza. A natureza, nesse livro, refere-se à Portal da Lua, uma ilha descrita como “um verdadeiro paraíso de praias e matas exuberantes” (RAMOS, 2018d, p. 10). Esse paraíso é habitado, principalmente, por caiçaras, descendentes de índios, e japoneses, que vivem da pesca, de pequenas culturas, do artesanato e do turismo de caráter ecológico.

Veja: os povos indígenas e os imigrantes aparecem de certo modo na história e as confecções de seus artesanatos são associados a formas de contagem, principalmente, no estudo de diferentes bases de numeração. Deixarei isso para discutir mais adiante.

O personagem Miguel enfatiza a necessidade de estar perto da natureza para descobrir as coisas. A partir dessa ideia, é possível problematizar a questão de que na cidade, existem tantas distrações que tornam difíceis a compreensão da essência do que nos rodeia.

O filósofo coreano Byung-Chul Han (2017) apresenta a sociedade em que vivemos como a sociedade do cansaço, caracterizada pelo desempenho e constituída por sujeitos de desempenho e produção. A busca constante pelo desempenho e pela produção exigem sujeitos disciplinados, que, assim como Tomás, estão em busca do “fazer” no lugar do “pensar”. Para o filósofo, o resultado dessa sociedade é previsível: sujeitos depressivos e fracassados.

A observação de Miguel e do filósofo Han me fizeram refletir que o repouso e a contemplação que podemos encontrar quando nos conectamos com a natureza contribuem com a criatividade e possibilitam novas formas de aprender. Além disso,

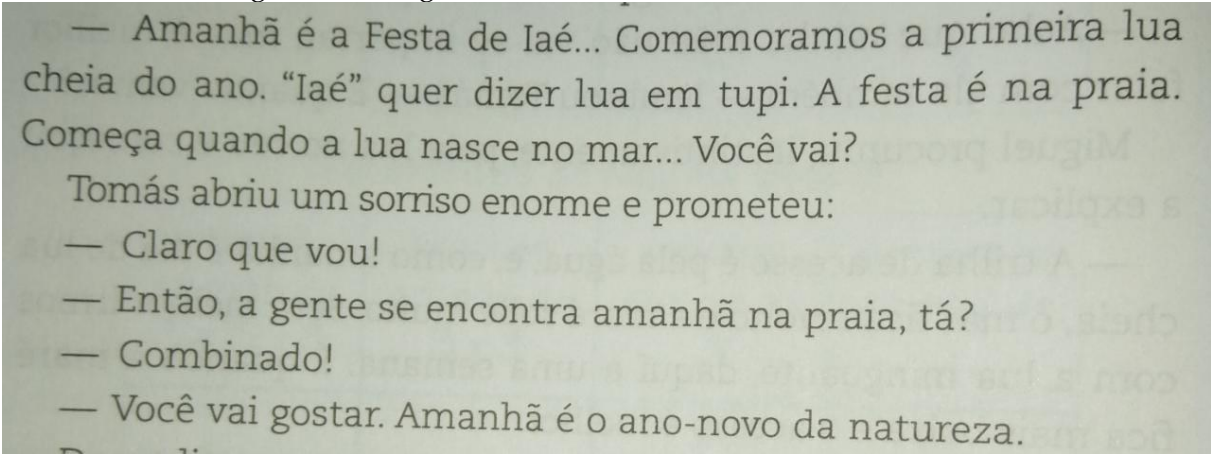
é possível considerar que o ócio também ajuda a aumentar nossa perspectiva de mundo.

O que se apresenta não nos parece fazer todo o sentido enquanto passamos por essa pandemia? Acredito que isso esteja ligado também aos momentos que tenho passado em contato meu jardim, minhas flores e meus livros.

Fugi da ideia da abordagem matemática, não é mesmo? Peço desculpas... A filosofia ultimamente tem me conquistado.

A urgência dessa contemplação está registrada em momentos em que consideramos que a matemática é disciplinar e sua completude é inquestionável. Esse discurso também está presente no livro. Outras formas de contar o tempo também são contadas ao longo da história.

Figura 39: O segredo dos números: o ano novo da natureza



— Amanhã é a Festa de Iaé... Comemoramos a primeira lua cheia do ano. “Iaé” quer dizer lua em tupi. A festa é na praia. Começa quando a lua nasce no mar... Você vai?  
Tomás abriu um sorriso enorme e prometeu:  
— Claro que vou!  
— Então, a gente se encontra amanhã na praia, tá?  
— Combinado!  
— Você vai gostar. Amanhã é o ano-novo da natureza.

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 46.

Figura 40: O segredo dos números: o ano novo japonês

Enquanto isso, a mãe terminava de enfeitar seu barco. O que não terminava era o assunto:

— A festa da primeira lua cheia do ano também é comemorada no Japão. É uma festa muito parecida com esta de Portal da Lua. Antigamente, eram confeccionados os “barcos dos tesouros” com sete símbolos, que também eram lançados ao mar, e cada pessoa guardava um barquinho de papel no travesseiro durante o ano para trazer sorte e alegria.

Aster adorava quando os dois ficavam juntos conversando, pois assim podia pular do colo de um para o colo do outro.

— Você acha que essa festa recebeu alguma influência dos japoneses? Tempos atrás, alguns japoneses se instalaram do outro lado da ilha.

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 48.

Figura 41: O segredo dos números: o ano novo dos indígenas, indianos e europeus

— É muito provável. Embora os índios que viveram aqui também cultuassem o sol e a lua.

— Vamos comemorar o ano-novo da natureza! — disse Tomás, imaginando muitas coisas boas para um futuro bem próximo.

E Cleide continuou falando:

— Na Índia, o novo ciclo começa no quinto dia da primeira lua crescente de janeiro. Na Europa antiga, o ano-novo começava

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 49.

Figura 42: O segredo dos números: o ano novo dos egípcios e babilônicos

com a entrada do sol no equinócio da primavera, que ocorre no hemisfério norte em março.

— Uma vez eu li que no Egito antigo o início do ano era marcado pelas inundações do rio Nilo — intercalou o filho.

— E, na Babilônia, a festa da colheita era o momento da transição entre o velho e o novo ano. É interessante notar que, mesmo para culturas tão diversas, vivendo em diferentes épocas, os ciclos da natureza sempre foram importantes e muito festejados.

— Como você aprendeu tudo isso?

— Um pouco eu já sabia. O resto aprendi num livro sobre tradições populares que o Aster encontrou no baú. Essas festas sempre desejam afastar o velho e trazer o novo. Usam enfeites, sinos, guizos, tambores, símbolos, flores, frutas, ervas...

Fonte: RAMOS, 2018d, p. 50.

Considerando que o livro trata sobre sistemas de contagem, é possível perceber que há a apresentação de outras formas de contar, para além das tradicionais. Nesse sentido, o livro traz outras imagens da Matemática, incluindo-as em influências culturais. De acordo com essas observações, o livro paradigmático em questão, com suas histórias que podem ser consideradas literárias, pode ser colocado como um instrumento capaz de alimentar diferentes imagens da matemática e como uma forma de resistência ao conhecimento imposto pela colonialidade.

Veja só, professora: tratei brevemente dos seres nas capas dos livros, da visão da Matemática como uma disciplina odiada por estudantes e que tende a ser defendida por professores que buscam um ensino significativo, da natureza enquanto local de aprendizagem e de sua conexão com nossa sociedade do cansaço, das bases de numeração de povos indígenas, indianos, europeus, japoneses, egípcios, babilônios... Tantos assuntos diferentes, que convergem na contação de uma história (matemática), e que se resumiram a pouquíssimas páginas dos livros. Estou em um momento em que a única certeza que tenho é que não sei fazer pesquisa!

Professora Ana, a senhora consegue ter uma ideia do tanto de coisas que estou pensando enquanto leio os livros? São tantas inquietações, reflexões, que não estou conseguindo colocar isso tudo em palavras.

Minha dissertação está perdida. Não sei o que fazer. Ainda faltam os *Guias do professor*, os *Suplementos de leitura* e a defesa se aproxima. Pode me dar uma luz?

Aguardo ansiosamente o seu retorno.

Abraço,

Luana.

## Referências:

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BRASIL. Lei n.º 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Gianchini. 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARCONDES, Carlos. *Como encontrar a medida certa*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2016. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Aventura decimal*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018a. 120 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Encontros de primeiro grau*. Ilustrações: Robson Araújo. 10. ed. São Paulo: Ática, 2016. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Frações sem mistérios*. Ilustrações: Cris e Jean. 19. ed. São Paulo: Ática, 2019. 112 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *História de sinais*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 17. ed. São Paulo: Ática, 2015. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O código polinômio*. Ilustrações: Chris Eich. 1. ed. São Paulo: Ática, 2018b. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O que fazer primeiro?*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 18. ed. São Paulo: Ática, 2018c. 64 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O segredo dos números*. Ilustrações: Robson Araújo. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018d. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Uma raiz diferente*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018e. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Uma proporção ecológica*. Ilustrações: Robson Araújo. 21. ed. São Paulo: Ática, 2014. 80 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *As mil e uma equações*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 10 ed. São Paulo: Ática, 2016. 72 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Em busca das coordenadas*. Ilustrações: Robson Araújo. 11. ed. São Paulo: Ática, 2016. 96 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Geometria na Amazônia*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 10. ed. São Paulo: Ática, 2010. 112 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Saída pelo triângulo*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. 90 p. (Série A Descoberta da Matemática).

SILVA, Cláudio Xavier da; LOUZADA, Fernando M. *Medir é comparar*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. 72 p. (Série A Descoberta da Matemática).

## 16. Uma possível conclusão

03 fev. 2022 – 03:22

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>  
Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>; Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

---

Luana,

Acalme-se! Aconselho que você pare um pouco de pensar! Sua sociedade do cansaço está virando uma sociedade dos pensamentos acelerados e desesperados.

Pelo visto, esse foi o maior e-mail que você já me escreveu e eu só consigo dizer que você parece ter dúvidas quanto ao que fazer. Fique tranquila, pois irei ajudá-la a organizar suas ideias.

Vamos pensar em tudo que você já construiu até agora. Ou, lembrando sobre as amizades que eu disse quando conversamos sobre a revisão de literatura: vamos pensar nos laços de amizade que você uniu em sua pesquisa. As amigas e os amigos nos acompanham e ajudam a aliviar nossas dores...

Voltemos ao início...

Lembro-me que, quando iniciou seu mestrado, a pandemia da Covid-19 nos levou ao isolamento social e ao interrompimento das aulas presenciais. Em nenhum momento você deixou de pesquisar e, junto ao seu pai, você realizou a revisão de literatura. As amigas e os amigos pesquisadores ajudaram você a perceber diferentes áreas em que os livros paradidáticos estão presentes, como a Química, a Física e, mesmo, a Matemática. Essas leituras permitiram a identificação da relevância dessa categoria de livros como materiais complementares ao aprendizado e meio de desenvolvimento de diferentes habilidades, como a criatividade, a pesquisa, a reflexão crítica e o trabalho em equipe.

Na época, você ainda indicou algumas pontas soltas, que podemos considerar como dicas de pesquisas para suas amigas e seus amigos pesquisadores que estão por vir: “Que impressões carregam os textos que falam sobre matemática?”, “Tendo em vista a baixa quantidade de pesquisas encontradas nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, qual o espaço ocupado pelos livros paradidáticos nesses contextos?”, entre tantas outras que não me lembro. Você gosta mesmo é de fazer perguntas!

Você trouxe, também, a importância de se pensar nas consequências da colonização, nas marcas deixadas pela colonialidade, que ainda se faz presente, com o estabelecimento de dicotomias, como superior e inferior, avançado e atrasado, melhor e pior. Essas dicotomias podem ser pensadas nas salas de aulas quando as e os estudantes conversam sobre a Matemática, como “Ou eu aprendo ou eu não aprendo.” e “Ou eu gosto ou eu não gosto.”. Essas possíveis falas me fizeram refletir sobre os modos como a matemática está presente nos discursos sociais. Talvez, quem sabe, as histórias nos livros sejam um dos pontos a serem utilizados para mudarmos esses discursos...

Lembra quando eu lhe enviei a carta que meu pai recebeu, do Lauro Lima, sobre as interferências no Ministério da Educação do Brasil durante a Ditadura Militar? A partir dessa carta, suas investidas mostraram como havia uma relação de colonialidade sobre o saber dos estudantes brasileiros, com um controle sobre a produção e a circulação dos livros em nosso país, incluindo a criação de categorias diversas, como a dos livros paradidáticos. Mais uma ponta solta para o futuro: “Como anda a interferência internacional no atual mercado de livros didáticos?”.

A breve história crítica dos livros paradidáticos (de Matemática) no Brasil mostrou como esses livros tiveram maior presença no mercado brasileiro e parecem ter perdido espaço, ou, pelo menos, essa categorização nas publicações atuais. Algumas perguntas que ficam para o futuro: “Onde estão, neste momento, os livros paradidáticos de Matemática?” e, após a sua análise sobre a colonialidade no mercado editorial, “A ausência dos livros paradidáticos (de



Matemática) no mercado editorial pode indicar o fim (ou a camuflagem) de mais um modo de colonialidade?”.

Em seguida, você apresentou uma possibilidade de literaturizar os livros paradidáticos. Não todos, mas aqueles que possuem características literárias, como as que você especificou. Nesse contexto, a literatura e a matemática fogem do estranhamento convencional. Juntas, elas tornam possível a contação de histórias matemáticas que envolvem outras matemáticas e outros sujeitos, diferentes daqueles que fazem parte das histórias tradicionais. A literatura, assim, pode permitir a circulação de diferentes histórias matemáticas e ser considerada como uma estratégia de disseminação de outros modos de se conhecer (matematicamente) o mundo.

Junto a este percurso de pesquisa, vivemos uma pandemia e cultivamos jardins. Sofremos e nos esperamos. Hoje, estamos vivas, apesar de termos perdido várias partes de nós. Diante de tudo que você fez até agora, da história que você contou sobre a influências da colonialidade na produção e na circulação dos livros paradidáticos de matemática no Brasil, principalmente, acredito que seu trabalho já está pronto. Esse final é uma vitória e cada experiência vivenciada durante a pesquisa, cada momento de dor, também deve ser agradecida.

É preciso relembrarmos, entretanto, algumas propostas no início da pesquisa que não foram cumpridas, ainda que importantes caminhos para percorrê-las tenham sido traçados. Você havia mencionado que buscaria conhecer autores e ilustradores, além das e dos personagens dos livros como forma de compreender as questões coloniais que perpassam as histórias. Isso ainda não foi feita em nossa troca de e-mails. Contudo, as questões já apresentadas, e outras que estão por vir, evidenciam uma outra proposta de escrita.

Todas as inquietações relatadas por você ao longo da pesquisa mostraram **como você se formou como leitora**. Uma leitora decolonial em meio a uma pandemia.

Não foi um trabalho fácil, então, fique calma, pois, por enquanto, sua tarefa está cumprida.

Nesta mensagem, o Filipe também está incluído, e espero que ele possa concordar com minhas observações.

Um abraço,

Ana.

17. O fim da pesquisa

10 abr. 2022 – 10:04

---

De: Filipe Fernandes <filipesfernandes@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>; Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Luana, como você está?

Certa vez, uma pessoa muito querida me disse: uma dissertação não tem fim, tem ponto final. Como as orquídeas, quem sabe, um dia, sua dissertação volte a florir?

Há algo de maravilhoso na espera do encontro: a pandemia nos ensinou, duramente, isso...

Com saudade,

Filipe.

18. O inconformável fim

12 maio 2022 – 12:22

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Querida Professora Ana e Professor Filipe,

Sinto que há tanto ainda para contar...

Eu gostaria de falar sobre os autores dos livros, discutir sobre quem são as pessoas que escrevem os livros paradidáticos de Matemática. Além disso, sinto que tenho que compartilhar a experiência que tive em fevereiro, quando li o livro *O segredo dos números* com minhas e meus estudantes do sexto ano. Apesar de ouvir que “aula de Matemática não é para ler livro”, eles se mostraram empolgados em compartilhar suas experiências leitoras e descobertas matemáticas com a história.

Confesso que estou inconformada, pois sinto que poderia fazer mais do que fiz, mas compreendo que o trabalho de pesquisa não chega ao fim. É um ponto final para outros começos.

Desse modo, vou organizar tudo que já pesquisei, como a senhora disse, Profa. Ana, e, em alguns dias, enviarei o arquivo final da dissertação para que possa lê-lo.

Até breve!

Luana

19. Isto não é uma dissertação

11 jul. 2022 – 22:11

---

De: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

Para: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

---

Luana,

Você está maluca? Você me enviou um arquivo em formato de e-mail! E com vários QR Codes que levam a diferentes sites, incluindo um site que você construiu como o jardim da sua dissertação, com conexões para as plantas e flores que compartilhamos durante a escrita!

Confesso que gostei bastante das discussões que tivemos a longo desses pouco mais de dois anos, mas você não pode apresentar esse texto para o seu programa de pós-graduação. Isto não é uma dissertação!

Penso que deve fazer algo nos moldes mais convencionais, deixando claro sua trajetória na pesquisa, suas justificativas, seus referenciais teóricos, sua metodologia e relatando sua tentativa frustrada de análise. Discuta sobre essa questão com o Filipe!

Aguardo as próximas notícias.

Abraço,

Ana da Conceição.

20. Isto é uma dissertação

23 jul. 2022 - 23:22

---

De: Luana Lima <luanaolima@gmail.com>

Para: Ana da Conceição <anadconceicao@gmail.com>

---

Querida Profa. Ana,

O que faz de um texto uma dissertação?

Quando entramos em um programa de pós-graduação, submetemos um projeto de pesquisa. Não necessariamente seguindo esta ordem, ele deve conter: o problema de pesquisa e a justificativa, a revisão de literatura, a fundamentação teórica, os objetivos da pesquisa, a metodologia, o cronograma e as referências.

Ao escrevermos a dissertação, costumamos esperar que, a essa ordem, sejam acrescentados os resultados da investigação, assim como a sua discussão de acordo com a metodologia escolhida. Ouso dizer que os elementos citados como fundamentais na escrita da pesquisa estão presentes no texto escrito, mesmo que não sigam a ordem ou os nomes acadêmicos usuais.

Umberto Eco (1977) descreve a tese, que, de acordo com o contexto, eu considero como a escrita resultante de uma pesquisa acadêmica, como uma “recuperação do sentido positivo e progressivo do estudo” (p. XIV). Por meio dela, realiza-se a “elaboração crítica de uma experiência, aquisição de uma capacidade (útil para o futuro) de identificar os problemas, encará-los com método e expô-los segundo certas técnicas de comunicação” (p. XIV).

Neste trabalho, houve uma progressão do meu estudo, em um sentido que considero muito positivo, e consegui identificar problemas, refletir criticamente sobre as pesquisas realizadas, levantar novas possibilidades de pesquisas e expô-las de acordo com uma técnica de comunicação. Como a pesquisa foi realizada durante uma pandemia e um isolamento social, o e-mail pareceu-me a técnica mais fidedigna

de retratar a realidade do momento, pois evidencia um importante meio de comunicação desse tempo.

Diante disso, posso afirmar que isto é, sim, uma dissertação. E é tão verdadeira quanto a senhora, fruto da minha admiração pelas professoras Ana Maria de Oliveira Galvão e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, e de tantas outras amigadas que me constituem como pessoa e pesquisadora.

Com carinho,  
Luana Lima.

Referências:

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single history. *TED Global*, julho de 2009, 18:33. Disponível em:  
[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt). Acesso em: 15 abr. 2020.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 235-255.

ALVES, Márcio Moreira. *Beabá dos MEC-USAID*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1968. Disponível em:  
 <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod\\_resource/content/2/BEAB%C3%81%20DO%20%20MEC%20USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod_resource/content/2/BEAB%C3%81%20DO%20%20MEC%20USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2020.

ARAÚJO, Elson Fernando Damaso de. *Construção de uma ferramenta didática na perspectiva histórica experimental de Biot e Savart*. 2018. 54 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

ARNOLD, Denise Soares. *Matemáticas presentes em livros de leitura: possibilidades para a Educação Infantil*. 2016. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, Brasília, maio-agosto de 2013, p. 89-117. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jvhv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BARCELOS, Sandro Fernandes. *Uma abordagem histórico-conceitual da mecânica quântica aplicada na disciplina de química para o ensino médio*. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BENETI, Alysson Cristiano. *Textos paradidáticos e o ensino de física: uma análise das ações do professor no âmbito da sala de aula*. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2008.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. *Decreto 59.355, de 4 de outubro de 1966*. Institui no Ministério da Educação e Cultura a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) e revoga o Decreto número 58.653-66. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de out. de 1966. Disponível em:<  
<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-59355-4-outubro-1966-400010-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 22 jul. 2020.



BRASIL. *Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>>. Acessado em: 22 jul. 2020.

BRASIL. *Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Brasília: Senado Federal, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BRASIL. Lei n.º 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BUENO, Mariana. A demanda por livro: dois lados de uma mesma moeda. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. p. 128-133. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 12 nov. 2021.

CAMPELLO, Bernadete Santos; SILVA Eduardo Valadares. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. *Biblioteca Escolar em Revista*. Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 64-80, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/143430/147738>>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

CANDIDO, Antonio. Literatura, espelho da América?. *Remate de Males*, 3 dez. 2012, p. 105-113. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635995>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-24. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CIABOTTI, Valéria. *Elaboração de livro paradidático para o Ensino de Probabilidade: o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental*. 2016. 168 f. Dissertação

(Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?*. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Tradução de Laura Taddei Brandini. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.  
*da União*, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>

DALCIN, Andreia. *Um olhar sobre o paradidático de matemática*. 2002. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

DEBONA, Jackson James. Discussões sobre subalternidade e colonialidade em livro didático de história: povos indígenas em foco. *Perspectivas em diálogo*, Niviraí, v. 6, n. 11, p. 233-254, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/7065>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

EICHHOLZ, Gerda Langmantel. *Aprendizagens da lei 11.645/08 na experiência intercultural dos XII Jogos dos Povos Indígenas em Cuiabá-MT*. 2015. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015.

FAILLA, Zoara. Introdução: O retrato do comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. p. 22-43. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 12 nov. 2021.

FELICIANO, Lucas Factor. *O uso da história da matemática em sala de aula: o que pensam alguns professores do ensino básico*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2008.

FRANTZ, Débora de Sales Fontoura. *Potencialidades da fotografia para o ensino de geometria e proporção em uma escola do campo*. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GALLIAN, Dante. *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Um ensaio sobre as concepções de professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. *Educação e Pesquisa*. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 34, n. 3, p. 495-510, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/8574>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. 2ª edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.

GENUINO, Luiz Carlos Carneiro. *Estudo histórico do princípio da luz: criação de uma cartilha para divulgação científica sobre a natureza dos fenômenos luminosos que opuseram Fermat & Descartes*. 2018. 68 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

GITIRANA, Verônica; GUIMARÃES, Gilda Lisbôa; CARVALHO, João Bosco Pitombeira de. Os livros paradidáticos para o ensino da Matemática. In: CARVALHO, João Bosco Pitombeira Fernandes de. *Matemática: Ensino Fundamental*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. p. 92- 95.

GOMES, Weslaine. Um olhar decolonial sobre A Tempestade, de William Shakespeare. *Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul*, v. 2, n. 1, 2018. p. 1-8. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/857/838>. Acesso em: 28 ago. 2020.

GÓMEZ, Santiago Miguel. *Uma leitura decolonial de Lima Barreto e Arlt*. 2018. 170 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188671>. Acesso em: 28 ago. 2020.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: El pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 63-77.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Gianchini. 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOLANDA, Rodrigo Prazeres de. *Uma proposta de transposição didática da mecânica quântica para o ensino médio*. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

JESUS, Yasmin Lima de. *Potencialidades e desafios ao ensino de ensino de ciências em uma escola indígena kurâ-bakairi a partir da pesca com o timbó: perspectivas intercultural e decolonial*. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

LAJOLO, Marisa. Circulação e consumo do livro infantil brasileiro: um percurso marcado. *Remate de Males*, 2012, 3, p. 57-78.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*.

Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGEL, Ramón. (Eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 127-168.

MARCO, Fabiana Fioriezi de; ALVES Beatriz Aparecida Silva; RODRIGUES, Carolina Innocente. *Análise de livros didáticos e paradidáticos na formação inicial do professor de matemática*. Uberlândia: Editora UFU, 2016.

MARCONDES, Carlos. *Como encontrar a medida certa*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2016. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

MEDINA, Renato Rodrigues. *Reforçando a relação entre a matemática e a física no ensino médio através de exemplos básicos de mecânica clássica*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

MEGID, Maria Auxiliadora Bueno Andrade. *Professores e alunos construindo saberes e significados em um projeto de estatística para a 6ª série: estudo de duas experiências em escolas pública e particular*. 2002. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

MIGNOLO, Walter. Geopolítica do conhecimento e diferença colonial. *Revista Lusófona de Educação*, v. 48, n. 48, 2020. p. 187-224. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/7324>. Acesso em: 01 ago. 2020.

MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. Pedagogía y (de)colonialidad. In: WALSH, Catherine (ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo II. Serie Pensamiento decolonial. Quito: Editorial Abya-Yala, 2017. pos. 8526-8904 (livro digital).

MIGUEL, Antonio. Is the mathematics education a problem for the school or is the school a problem for the mathematical education?. *Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*, v. 4, n. 2, 2014. p. 5-35.

MILLS, Sara. *Discourse*. London & New York: Routledge, 1997.

MONTEZUMA, Luci Fátima. *Saberes mobilizados por um grupo de professoras diante do desafio de integrar a Literatura infantojuvenil e a Matemática*. 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NATAL, Camila Binhardi. *Divulgação científica, educação e história das ciências: possíveis relações*. 2018. 139 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino, História, Filosofia das Ciências e Matemática) – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2018.

NORONHA, Glaucianny Amorim. *Obras complementares: um elo entre a leitura e os conteúdos matemáticos*. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

OLIVEIRA, Anaelize dos Anjos. *Educação Financeira nos anos iniciais do ensino fundamental: como tem ocorrido na sala de aula?* 2017. 160 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Companhia virtual: conversa sobre Literatura e Educação com Kiusam de Oliveira*. Canal da Companhia das Letras no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZdTDYZ-iDLA>. Acesso em: 28 maio 2020.

OLIVEIRA, Rilavia Almeida de. *Explorando episódios históricos no ensino de física: o calor como radiação em fins do século XVIII*. 2014. 98f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros da educação do campo. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, p. 11-33, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rLND4pxQxJRrMpHTmV38H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. *Diário Oficial*

PARREIRA, Debora Souza. *Uma proposta de uso da história da matemática como recurso didático no ensino de áreas*. 2017. 79 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

PASCOAL, Alexandre dos Santos. *A evolução histórica da Máquina Térmica de Carnot como proposta para o ensino da Segunda Lei da Termodinâmica*. 2016. 140 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

PEREIRA, Itevaldo. *Elementos de eletrodinâmica associados aos aspectos gerais do Lago Paranoá*. 2016. 66 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino de Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PINHO, Patrícia Moura. *Numeramentalização: olhares sobre os usos dos números e dos seus registros em jogos de práticas escolares na contemporaneidade*. 2013. 198 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PROGRAMA DÁ LICENÇA. *Educação Matemática, Problematização e Decolonialidade*. Canal do Programa Dá Licença no YouTube, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b6bs7Ad0\\_RI](https://www.youtube.com/watch?v=b6bs7Ad0_RI). Acesso em: 16 jul. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón. (Eds.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 93-126.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 777-832. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140507042402/eje3-8.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

RAMOS, Luzia Faraco. *Aventura decimal*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018a. 120 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Encontros de primeiro grau*. Ilustrações: Robson Araújo. 10. ed. São Paulo: Ática, 2016. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Frações sem mistérios*. Ilustrações: Cris e Jean. 19. ed. São Paulo: Ática, 2019. 112 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *História de sinais*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 17. ed. São Paulo: Ática, 2015. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O código polinômio*. Ilustrações: Chris Eich. 1. ed. São Paulo: Ática, 2018b. 104 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O que fazer primeiro?*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 18. ed. São Paulo: Ática, 2018c. 64 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *O segredo dos números*. Ilustrações: Robson Araújo. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018d. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Uma proporção ecológica*. Ilustrações: Robson Araújo. 21. ed. São Paulo: Ática, 2014. 80 p. (Série A Descoberta da Matemática).

RAMOS, Luzia Faraco. *Uma raiz diferente*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2018e. 88 p. (Série A Descoberta da Matemática).

*Retratos da leitura no Brasil 5*. Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.

RODRIGUES, Camila Roberta Ferrão. *Potencialidades e possibilidades do ensino das transformações geométricas no Ensino Fundamental*. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ROSA, Ernesto. *As mil e uma equações*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 10 ed. São Paulo: Ática, 2016. 72 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Em busca das coordenadas*. Ilustrações: Robson Araújo. 11. ed. São Paulo: Ática, 2016. 96 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Geometria na Amazônia*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 10. ed. São Paulo: Ática, 2010. 112 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSA, Ernesto. *Saída pelo triângulo*. Ilustrações: Cris e Jean. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. 90 p. (Série A Descoberta da Matemática).

ROSENBLATT, Louise. *La literatura como exploración*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

SANTOS JUNIOR, Ney Trevas. *A influência das histórias em quadrinhos no ensino da matemática: um saberfazer que permite a comunhão do paradidático com o didático numa busca insólita pela mudança da relação tecida entre a criança e esta ciência exata*. 2011. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. -- 1 ed.; 2 reimp. -- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

SANTOS, Josivaldo Augusto dos. *Matemática comercial e financeira no Ensino Fundamental II*. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SILVA, Camila Ferreira da. *As marcas da memória hegemônica e da memória vivida nas imagens da mulher negra nos didáticos do território camponês do Brasil e da Colômbia: um olhar através dos estudos pós-coloniais e do feminismo negro latino-americano*. 2018. 253 f.

Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SILVA, Cláudio Xavier da; LOUZADA, Fernando M. *Medir é comparar*. Ilustrações: Marcelo Lelis. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001. 72 p. (Série A Descoberta da Matemática).

SMOLE, Kátia C. S.; DINIZ, Maria Ignez. Ler e Aprender Matemática. In: SMOLE, Kátia C. S.; DINIZ, Maria Ignez (Orgs.). *Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 69-86.

SOUZA JÚNIOR, João Feliciano de. *Um material paradidático em formato digital para problematizar ideias sobre variações locais da temperatura superficial da Terra ao longo do dia*. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SOUZA, Ana Paula Gestoso de. *Contribuições da ACIEPE histórias infantis e matemática na perspectiva de egressas do curso de pedagogia*. 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

TAMAYO-OSORIO, Carolina. A colonialidade do saber: um olhar desde a Educação Matemática. *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, v. 10, n. 3, 2017. p. 39-58.

THOMSON, Ana Beatriz Accorsi. A. Os paradidáticos no ensino de História: uma reflexão sobre a literatura infantil/juvenil na atualidade. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, v.3, n. 4, p. 27-49, jan/jun. 2016.

ULHOA, Clarissa Adjuto. A cultura material no ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana: por uma pedagogia decolonial. 2018. 239 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

VILELA, Denise Silva. A terapia filosófica de Wittgenstein e a educação matemática. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 435-456, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/7976/5090>. Acesso em: 19 dez. 2019.

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. *Nómadas*, n. 26, 2007, p. 102-113.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

XAVIER, José Ângelo. Prefácio. In: FAILLA, Zoara. (org.) *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.



# **Apêndice I: Caderno de anotações da dissertação**

Caras leitoras e caros leitores,

Com o objetivo de deixar claras algumas questões que não tiveram espaço ao longo da dissertação, compartilho um caderno com algumas anotações que considero importantes para a sua compreensão. Cada observação poderá ser localizada pelo número do e-mail e da nota ao longo do texto.

Bons esclarecimentos!

Luana



E-mail 2

Apresentação da pesquisa

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o Tertúlia Literária, acesse: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/tertulia-literaria-1>.

<sup>2</sup> O currículo acadêmico se refere ao meu currículo lattes, disponível no link: <http://lattes.cnpq.br/8366501392894530>.

<sup>3</sup> A Jane Austen Sociedade do Brasil é uma sociedade que reúne leitores de todo o Brasil para discutir as obras da autora inglesa Jane Austen. Idealizada Adriana Zardini, Ana Maria Almeida, Cláudia Cristino e Pollyana Coura, em março de 2009, na cidade de Belo Horizonte, a comunidade conta hoje com a revista semestral *LiterAusten*, o *blog Jane Austen Brasil*, redes sociais no *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, e membros em todo o território brasileiro. Mais informações podem ser obtidas no site: <https://janeaustenbrasil.com.br/jasbra/historia-da-jasbra>.



## E-mail 4

## Pesquisas sobre livros paradidáticos

<sup>1</sup> Para saber mais sobre o curso Introdução aos Estudos Literários e Teorias da Narrativa, acesso o canal no *Youtube*: <https://www.youtube.com/c/RafaelSilvaLetras>.



## E-mail 5

## Retomada da pesquisa

<sup>1</sup> A carta enviada pela Professora Ana foi criada para esta dissertação como uma adaptação do prefácio do livro *Beabá dos MEC-USAID*, de 1968, escrito pelo deputado Lauro de Oliveira Lima. Ele pode ser encontrado pelo acesso ao link: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod\\_resource/content/2/BEAB%C3%81%20DO%20%20MEC%20USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5070044/mod_resource/content/2/BEAB%C3%81%20DO%20%20MEC%20USAID-%20MARCIO%20ALVES.pdf).



## E-mail 6

## A colonialidade na educação brasileira

<sup>1</sup> Citação original: “desde Tierra del Fuego hasta más o menos la mitad suroeste del actual territorio de los Estados Unidos” (QUIJANO, 2007, p. 93).

<sup>2</sup> Em 1961, a educação brasileira era dividida em Educação Pré-Primária, destinada às crianças de até sete anos de idade, e ministrada em escolas maternais ou jardins de infância; em Ensino Primário, tendo duração mínima de quatro séries e máxima de seis séries, ficando a cargo dos sistemas de ensino essa ampliação; em Educação de Grau Médio, dividida em dois ciclos, o ginásial e o colegial. O ciclo ginásial terá duração de quatro séries anuais e o colegial de três séries, no mínimo. Além disso, incluem-se cursos secundários, técnicos e de formação de professores para os ensinos primário e pré-primário.

<sup>3</sup> Citação original: “el poder es un espacio y una malla de relaciones sociales de explotación/dominación/conflicto articuladas, básicamente, en función y en torno de la disputa por el control de los siguientes ámbitos de existencia social: (1) el trabajo y sus productos; (2) en dependencia del anterior, la “naturaleza” y sus recursos de producción; (3) el sexo, sus productos y la reproducción de la especie; (4) la subjetividad y sus productos materiales e intersubjetivos, incluido el conocimiento; (5) la autoridad y sus instrumentos, de coerción en particular, para asegurar la reproducción de ese patrón de relaciones sociales y regular sus cambios” (QUIJANO, 2007, p. 96).

<sup>4</sup> Mais informações sobre a USAID podem ser encontradas em: <https://www.usaid.gov>.

<sup>5</sup> Citação original: “un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

<sup>6</sup> Citação original: “se refiere a la interrelación entre formas modernas de explotación y dominación” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130).



#### E-mail 7

Perspectivas sobre as posturas (de)coloniais, geopolítica do conhecimento e diferença colonial

<sup>1</sup> Citação original: “no hablamos de estudios decoloniales, sino de pensar y hacer decolonialmente” (pos. 8596). A localização da citação está indicada como posição, pois o livro consultado é digital e não possui páginas, somente a posição.

<sup>2</sup> Citação original: “a una estructura de dominación y explotación, donde el control de la autoridad política, de los recursos de producción y del trabajo de una población determinada lo detenta otra de diferente identidad, y cuyas sedes centrales están, además, en otra jurisdicción territorial” (QUIJANO, 2007, p. 93).

<sup>3</sup> Citação original: “se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder, y opera em cada uno de

los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia cotidiana y a escala social” (QUIJANO, 2007, p. 93).

<sup>4</sup> Citação original: “una perspectiva de conocimiento y un modo de producir conocimiento que dan muy ceñida cuenta del carácter del patrón mundial de poder: colonial / moderno, capitalista y eurocentrado” (QUIJANO, 2014, p. 798).

<sup>5</sup> Citação original: “sexualidad, género, etnicidad, raza, clase, espiritualidad, lengua, ni localización epistémica en ninguna relación de poder, y produce la verdad desde un monólogo interior consigo mismo, sin relación con nadie fuera de sí. Es decir, se trata de una filosofía sorda, sin rostro y sin fuerza” (GROSFOGUEL, 2007, p. 64).

<sup>6</sup> Citação original: “Las nuevas identidades históricas, producidas sobre la base de la idea de raza, fueron asociadas a la naturaleza de los roles y lugares en la nueva estructura global de control del trabajo” (QUIJANO, 2014, p. 781).



E-mail 8:

Uma breve história (crítica) dos paradidáticos de Matemática no Brasil

<sup>1</sup> A busca nos sites A busca nos sites <https://www.coletivoleitor.com.br>, <https://www.editoradobrasil.com.br>, <https://ftd.com.br> e <https://www.moderna.com.br/pagina-inicial.htm> foi realizada em janeiro de 2020 e revista em maio do mesmo ano. Ela teve como finalidade de procurar livros paradidáticos de Matemática, em coleções ou não, em comercialização. Essas editoras foram escolhidas por terem sido apontadas na dissertação de Andreia Dalcin (2002) como produtoras de livros paradidáticos de Matemática no Brasil. Uma pesquisa mais ampla foi realizada no buscador do Google, mas não foram encontradas outras editoras que produzem o material escolhido como corpus da pesquisa.

<sup>2</sup> Para Genette (2009), “paratexto é aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral, ao público” (p. 9). Todo paratexto é formado por peritextos, que dividem o mesmo espaço e são internos aos livros, e por epitextos, que são externos ao livro.

<sup>3</sup> Citação original: “school practices of mathematical culture in ways that are uniform, unvarying, dogmatic, and authoritarian” (MIGUEL, 2014, p. 6).



## E-mail 8.1

Mercado de livros paradidáticos (de Matemática): algumas reflexões entre o passado e o presente

<sup>1</sup> Informação disponível na palestra *História da Matemática e suas relações com a Educação Matemática: contexto e perspectivas*, em 08 de outubro de 2021, durante o IX Encontro Mineiro de Educação Matemática.



## E-mail 9

Literaturizando paradidáticos (de Matemática): da análise conceitual à constituição do conteúdo

<sup>1</sup> Citação original: “subestimar el papel de lo simbólico en la conformación de las jerarquías moderno/coloniales” (GROSFOGUEL, 2007, p. 18).

<sup>2</sup> Citação original: “constituye la complejidad de los procesos de acumulación capitalista articulados en una jerarquía racial/étnica global y sus clasificaciones derivativas de superior/inferior, desarrollo/subdesarrollo, y pueblos civilizados/bárbaros (GROSFOGUEL, 2007, p. 19).

<sup>3</sup> Citação original: “el autor ha escrito a partir de un marco social o incluso, quizá, de un orden cósmico” (ROSENBLATT, 2002, p. 32).

<sup>4</sup> Citação original: “sin duda, para la gran mayoría de los lectores la experiencia que muestra la literatura es lo fundamental” (ROSENBLATT, 2002, p. 33).

<sup>5</sup> Citação original: “incorpora la idea del carácter diferencial de tal diversidad [de formas de deshumanización basadas en la idea de raza], ya que la idea de raza no se desentiende de su origen y tiende a mantener (aunque con variaciones y excepciones ligadas a la historia colonial local de distintos lugares, o a momentos históricos particulares) lo indígena y lo

negro como categorías preferenciales de la deshumanización racial en la modernidad” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 133).



E-mail 10

A escolha dos objetos de pesquisa

<sup>1</sup> O site Coletivo Leitor se define como uma plataforma “que reúne artigos e conteúdos sobre temas relacionados ao universo dos livros, à formação do leitor literário e à importância da leitura para crianças e jovens, todos disponibilizados gratuitamente”. Mais informações podem ser obtidas em: <http://www.coletivoleitor.com.br>.



E-mail 12

Sobre a escolha da coleção A Descoberta da Matemática

<sup>1</sup> O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) funcionou entre os anos de 1998 e 2014. No site do Ministério da educação, é possível encontrar as guias com os livros distribuídos nas escolas entre os anos de 2006 e 2013. Mais informações em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>.

<sup>2</sup> O Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário (PNLD Literário) começou a atuar como substituto do PNBE a partir do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. Mais informações sobre os acervos podem ser consultadas no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE): <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/12103-guia-pnld-literario-2018>.

<sup>3</sup> O Seminário Nacional de História da Matemática foi realizado entre os dias 28 e 31 de março de 2021, em versão online devido à pandemia da Covid-19. O curso citado teve como título *Aproximações entre matemática, literatura e história: reflexões sobre o ensino e a*

*pesquisa* e mais informações podem ser obtidas em:  
<https://sites.google.com/view/xivsnhmat/minicursos?authuser=0>.



### E-mail 13

#### A busca pela metodologia da pesquisa

<sup>1</sup> O livro *E se os livros falassem?* faz parte da série de livros infantis *E se as coisas falassem?*, de autoria de Sandra Campos, ilustrações de Beto Cândia e publicado em 2010 pela editora Companhia dos Livros.

<sup>2</sup> A nuvem virtual faz referência a um modo de armazenamento de dados cujo gerenciamento é realizado por servidores externos e o acesso por ser realizado por diferentes dispositivos computacionais.



## Apêndice II: Carta do Lauro ao Jorge

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1968.

Amigo Jorge,

Lembro-me de nossas recentes participações em movimentos juvenis contra a Reforma Universitária, que nos têm sido imposta de forma tão feroz nesses tempos ditatoriais. Escrevo esta carta, para contar-lhe dos últimos atos exotéricos que tive conhecimento e que honrosamente fui convidado a escrever o prefácio de um novo livro, o "BEABÁ DOS MEC-USAID", do deputado Márcio Moreira Alves.

Os norte-americanos não têm medidas para suas ações "ultrassecretas", ao estilo dos filmes do James Bond, que tanto têm lançado, provavelmente seqüelados pela "Guerra Fria". Não sei em que nível de profundidade chegou ao seu conhecimento, mas, em meados de 1965, uma série de acordos sobre a educação brasileira começou a ser firmada com instituições dos Estados Unidos, que fazem parte da Agência Nacional Norte-Americana Para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Essas informações, parte delas para ser mais exato, tornaram-se conhecidas ao final do ano de 1966. O planejamento educacional brasileiro em sigilo de seu próprio povo. Quanta gravidade escondida...

As decisões sobre o ensino no País deslocaram-se do Ministério da Educação e Cultura, no Palácio da Educação, para a sede das comissões americano-brasileiras, cujo endereço também é "ultrassecreto". A política nacional continua a subordinar a estratégia do País aos interesses "do mundo ocidental", hoje tão diversificado. Mais um sintoma de nossa colonização. Anos colonizados por Portugal, agora colonizados pelos norte-

americanos, que carregam as marcas das guerras, com seus armamentos e lógicas de confronto, disseminando-as pelo mundo...

A padronização dos armamentos e do treinamento militar pode levar, numa lógica brutal, à padronização dos sistemas escolares para que a cultura do ocidente possa ser programada, ciberneticamente, para a utilização de um único computador eletrônico... Nessa interpretação, facilmente compreendemos que a escolha de "comissões de planejamento" esteja no mesmo nível político de escolha de "missões militares" e que a uniformização dos livros didáticos, pela Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), seja equivalente à padronização continental de armamentos bélicos. Como já dizia Orwell, em 1984, "O GRANDE IRMÃO ESTÁ OBSERVANDO VOCÊ".

A uniformização dos livros didáticos está acompanhada de um grande incentivo à produção editorial. A COLTED tem como objetivo colocar no mercado estudantil brasileiro 51 milhões de livros em três anos. É lógico que, com tantos acôrdos para melhorar nosso ensino, os norte-americanos não poderiam deixar de nos oferecer livros. O que faremos com tantos livros? Pode ficar tranquilo. Eles também criarão bibliotecas para guardá-los.

As editoras, cada vêz em maior número, deverão publicar mais e mais títulos para vender ao MEC. Entre livros didáticos e técnicos, provavelmente aparecerão novas categorizações. Quem sabe o que vão inventar... Já ouvi falar de um tal de paradidático. Como os didáticos, eles também deverão vir acompanhados de manuais de orientações para uso de professores e coordenadores, porque, afinal, nossos amigos estadunidenses não podem deixar de nos indicar como usar os livros que estão nos dando.

Tenho esperança que nossa longa tradição pedagógica e grandes teóricos de educação, que têm capacidade de rivalizar com os melhores estrangeiros, saiam vitoriosos. Nos países recém-colonizados da África a situação deve ser muito mais chocante, uma vez que não existem elites locais nem tradição pedagógica. Percebemos que o sistema brasileiro tem conseguido assimilar a orientação alienígena e conservar a "côr local", apesar da formação técnica ser feita com exclusiva bibliografia estrangeira. O problema de educação no Brasil não é de falta de planos, mas sim a falta de uma política de educação agressiva.

Lógico que entendo que seria ingênua xenofobia recusar modelos internacionais. Deveríamos mesmo manter "espias" em todos os países desenvolvidos para nos fornecer informações sôbre o que se faz nos centros mais adiantados. Mas, no caso norte-americano, o problema é específico. A tão decantada descentralização que foi transplantada para o Brasil através da lei de DBEN está em vias de ser superada pela cada vez mais incisiva intervenção de Washington na economia das universidades e no planejamento global da educação do país. Lá também se digladiam Dr. Jekyll e Mr. Hyde, e parece que nos coube a pior parte...

O grande problema dos países subdesenvolvidos é o de queimar etapas. Por que adotar um sistema obsoleto, que está a ponto de ser substituído no país que o oferece aos povos subdesenvolvidos? No âmago dos convênios (segundo se deduz dos estudos das assessorias), o que se deseja implantar no sistema educacional brasileiro é a privatização, a melhor forma de desacelerar o desenvolvimento. Está implícito no espírito dos convênios que o Brasil deve adotar agora a política educacional que os EUA adotaram em 1830, filosofia deduzida da

premissa de que são inarredáveis as etapas de desenvolvimento e impossível queimar etapas. Quanto à desnacionalização implícita nos acordos... Devemos confiar que o patriotismo do magistério estará a altura de enfrentá-la.

Recomendo que tenha o livro que estou escrevendo o prefácio em mãos assim que possível para que pôssamos iniciar nossas discussões. Os acôrdos que foram possíveis de serem localizados estão no interior da discussão. Como se sabe, muita coisa de perdeu. Não há nada melhor para deixar de controlar a informação do que a sua descentralização dos poderes.

Lutemos,

Lauro Lima.

## Apêndice III: O jardim da dissertação

*Ceropegia Sandersonii* ou paraquedasFigura 43: *Ceropegia Sandersonii* ou Paraquedas

Fonte: Arquivo pessoal.

*Ceropegia Sandersonii* é o nome científico de uma suculenta difícil de ser encontrada, que pode atingir até 3 metros de altura, o que a torna uma espécie de suculenta trepadeira. Um aspecto que contribui para o fascínio com essa planta é a presença de flores em formato de balões, que dão origem ao seu nome popular de planta paraquedas. Nativa da África do Sul, gosta de clima quente, terra úmida, rica em matéria orgânica, e local com bastante luz solar indireta.

O emaranhado formado pelas hastes desta suculenta foi comparado aos meus conhecimentos durante a escrita da dissertação sobre os estudos coloniais e decoloniais. Eu consegui identificá-los como uma confusão de conceitos, devido às diferenças com o campo de estudo que eu estava habituada.

## Referências:

CAROLINA, Anna. *Ceropegia sandersonii* – É a planta do dia. Site *Entre raízes*. Publicado em 23 de janeiro s.a. Disponível em: <https://enterraizes.com.br/ceropegia-sandersonii-e-a-planta-do-dia>. Acesso em: 09 abr. 2022.

GUIA DAS SUCULENTAS. Disponível em: <https://guiadassuculentas.com/ceropegia-sandersonii-um-guia-desta-suculenta>. Acesso em: 09 abr. 2022.

*Corypha umbraculifera* ou palmeira talipot

Figura 44: *Corypha umbraculifera* ou palmeira talipot



Fonte: Wikimedia Commons.

De acordo com a Professora Ana da Conceição, a planta que leva mais tempo para florir é a *Corypha umbraculifera*, uma espécie de palmeira hermafrodita do Sri Lanka, cuja florada ocorre a cada 80 anos. Historicamente, suas folhas secas serviam de suporte para criar manuscritos religiosos, sendo talhadas com estilete de ferro...

Para a Professora, pensar sobre como cada folha pode sustentar a completude de um texto lembra a minha pesquisa.

É preciso um estilete!

Referência:

WIKIMEDIA COMMONS. *Corypha umbraculifera*. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Corypha\\_umbraculifera\\_10.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Corypha_umbraculifera_10.JPG). Acesso em: 14 jul. 2020.

## Erva daninha

Figura 45: *Commelina erecta* ou erva-de-santa-luzia

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 46: *Rumex acetosella* ou azedinha

Fonte: Arquivo pessoal.

As ervas daninhas, também chamadas de infestantes, são plantas de aparência silvestre e que crescem em áreas controladas por humanos, como cultivos, hortas ou jardins, e cuja presença é indesejada. Embora tenham uma má fama, algumas ervas daninhas podem ser comestíveis, medicinais, e, inclusive, ajudarem a recuperar a biodiversidade do local em que nasceram. Mais informações podem ser encontradas em: <https://www.iberdrola.com/sustentabilidade/ervas-daninhas>.

As fotos apresentam algumas ervas daninhas de meu jardim construído durante a pandemia. É possível perceber diferentes plantas entre a grama esmeralda ou o clorofito (*Chlorophytum comosum*), como a erva-de-santa-luzia (*Commelina erecta*) e a azedinha (*Rumex acetosella*). Embora não tenham sido plantas por mãos humanas, ajudam a manter a vivacidade do jardim e a identificar a falta de nutrientes nos solos.



*Orchidaceae* ou OrquídeaFigura 48: *Phalaenopsis* ou orquídea borboleta

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 49: *Oncidium Sharry Baby* ou orquídea chocolate

Fonte: Arquivo pessoal.

Na dissertação, as orquídeas são uma das plantas preferidas da Profa. Ana da Conceição. Para a professora, elas podem ser comparadas à literatura, por seus aspectos resistentes, diversos e presentes no mundo todo.

As orquídeas estão entre as plantas mais evoluídas e mais antigas do planeta Terra. Há fósseis que datam de 15 milhões de anos atrás, ou seja, são 12 milhões de anos antes de Lucy, o fóssil humano mais antigo já encontrado.

Pode-se chamar de orquídeas todas as plantas que fazem parte da grande família *Orchidaceae*. Elas são diversas e estão presentes em todo o mundo, com vários tamanhos, cores e flores. Sua beleza é exuberante e suas flores tão resistentes que algumas chegam a durar mais de noventa dias.

Informações adicionais podem ser encontradas em:

CASTRO, Paulo Roberto de Castro et al. *Orquídeas*. Piracicaba: ESALQ - Divisão de Biblioteca, 2017. 181 p. (Série Produtor Rural, nº Especial). Disponível em: [https://www.esalq.usp.br/biblioteca/sites/default/files/publicacoes-a-venda/pdf/SPR\\_Orquideas\\_0.pdf](https://www.esalq.usp.br/biblioteca/sites/default/files/publicacoes-a-venda/pdf/SPR_Orquideas_0.pdf). Acesso em: 17 abr. 2022.

*Rhododendron simsii* ou azaleia

Figura 50: *Rhododendron simsii* ou Azaleia



Fonte: Arquivo pessoal.

De nome científico *Rhododendron simsii*, a azaleia é um arbusto de origem chinesa. É uma planta muito adaptável, que tolera períodos de seca, falta de água, solos pobres, luz variável, e não tolera mimos demais.

Durante a maior parte do ano, sua presença passa despercebida, pois suas folhas verdes não são exuberantes. Mas, no final do inverno, torna-se ofuscante, com flores exuberantes, com tons vibrantes e metálicos.

Mais informações podem ser encontradas em:

MARTHE, Marcelo. *Azaleia, a flor sem frescura*. O Jardineiro casual, Veja, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/jardineiro-casual/azaleia-a-flor-que-nao-tem-frescura>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Se tem algo que não se pode ter frescura em uma dissertação, é a metodologia. Pelo menos para mim. É preciso contar os caminhos e os meios percorridos durante a pesquisa. A investigação pode ser adaptável, assim como a azaleia, e ser submetida a diferentes métodos, que levam a diferentes resultados, assim como diferentes exposições à luz solar e nutrientes no solo alteram as cores das flores.

*Viola tricolor* ou amor-perfeito

Figura 51: *Viola tricolor* ou amor-perfeito



Fonte: Arquivo pessoal.

Lembro-me de meus primeiros contatos com a literatura na escola, quando ganhei um dos kits da prefeitura de Belo Horizonte, distribuído aos estudantes das escolas municipais. Um dos livros era uma edição infanto-juvenil da peça *Sonho de uma noite de verão*, do autor inglês William Shakespeare. Foi amor à primeira leitura.

Por muito tempo procurei a procurei e, quando finalmente pude ter meu pequeno jardim de amores-perfeitos, me deparei com o problema dos cuidados. Seu nome científico é *Viola tricolor* e suas flores são lindas, mas muito delicadas e suscetíveis a infestações de cochonilhas e pulgões. O jardim se foi, mas a beleza das flores permanece na memória. Será assim também com a literatura?

Um trecho sobre a flor em uma das cenas da peça em que Oberon instrui Puck:

"Entretanto, observei onde caiu o dardo de Eros: sobre uma florzinha ocidental, branca, ontem, como leite, agora púrpura como a amorosa ferida e chamada pelas donzelas de Amor-perfeito. Traze-me essa flor; já te mostrei uma vez a folha. Seu suco, colocado nas pálpebras adormecidas, faz com que uma pessoa, homem ou mulher, se apaixone perdidamente pela primeira criatura viva que vir." (SHAKESPEARE, 2005, p. 30)

Referência:

SHAKESPEARE, William. *O sonho de uma noite de verão*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

## Apêndice IV: Carta de uma mãe

*Belo Horizonte, 23 de julho de 2022.*

*Luana,*

*Que perfeição sua pesquisa! Estou emocionada...*

*Desde que entrou no mestrado, por razões que não pude controlar, fiquei sem condições de lhe ajudar como gostaria. Se muito, por minha falta de forças, físicas e mentais, um outro tanto por querer vê-la desenvolver sem muita influência minha, confesso, pela certeza de finitude do momento. Às vezes, a vida me parece mesmo uma colcha de retalhos, como o poema da Pizzimente, só que de tamanhos diferentes, de berço, solteiro, casal, viúva, queen, king. O que podemos fazer é escolher os tecidos e pontos, ou seja, as pessoas e a qualidade das nossas relações. Isso sim, faz a diferença.*

*No pensamento roseano, é junto dos bons que a gente fica melhor. Por mais difícil que seja, o melhor ainda é jogar o “jogo do contente”, da Pollyanna. Se a vida embrulha, esquenta, esfria, aperta, afrouxa, sossega e desinquieta, Guimarães já falou que ela nos exige é coragem.*

*Assumo que, de pronto, identifiquei-me com aquela que denominou “convencional”, presa aos moldes acadêmicos, e esse modelo de e-mail... Nossa! Bagunçou minha mente! Não achei possível de se desenvolver e concluir atendendo as necessidades que aprendi como fundamentais em uma pesquisa. Entretanto, minha filha, você fez tudo com maestria. Por vezes, eu não soube distinguir o que era real ou ficção no seu texto, mas consegui identificar a justificativa, a metodologia, o desenvolvimento e a conclusão.*

*Além disso, Luana, você mostrou o quanto a pandemia afetou a todas e todos. O peso dela subjaz nas suas escolhas para além de um gênero textual, mas na importância e valorização das artes, da literatura, da natureza, da família, da empatia com a dor dos seus e dos desconhecidos, na gratidão com tantos amigos que nos rodeiam e, principalmente, a força da política (e da ausência dela).*

*É fundamental que se retrate isso em trabalhos acadêmicos. Muitos irão numerar dados, quantificar vidas, relatar fatos, inferir possibilidades... Daí a essencialidade de se registrar outros tantos afetos para além dos números. Bom é reconhecer que não há imparcialidade nas pesquisas, que toda escolha tem impressa uma parte de nós. Percebo, agora, o quanto essa construção é impregnada pela colonialidade, de modo que é*

*sempre oportuno discutir sobre a decolonialidade para a liberdade. Lembro agora de Paulo Freire falando do perigo do oprimido se tornar o opressor.*

*Pesquisas como essa denunciam questões educacionais, sociais, mercadológicas, políticas, econômicas, além das emocionais, que nos formam e/ou nos transformam, e podem nos humanizar no sentido mais fiel ao termo. Assim, falar de literatura é a escolha mais acertada, mas falar de uma literatura usada como material didático é ainda melhor. A escola é espaço profícuo para seu uso, e saber unir literatura a todos os outros conhecimentos é também reconhecer que há um todo, e que o saber não se condiciona em caixinhas.*

*Queria homenagear tantas boas professoras e bons professores que teve, e que se tornaram amigas e amigos, mas não conseguiria resumir numa escolha tão singela, Ana da Conceição, como você o fez. Não poderia ter feito uma escolha melhor. Como sua mãe, sou grata a todas elas, Maria da Conceição e Ana Maria Galvão, mas também ao Filipe, que confiou em sua capacidade e, como elas e tantas outras pessoas que se fizeram presentes na sua colcha de retalhos chamada vida, estimulou você na jornada da pesquisa. Deus sabe bem das coisas. Na minha falta, você recebeu o colo certo e a força na medida.*

*Parabéns, você conseguiu!!!*

*De uma mãe apaixonada,*

*Flávia Lima.*